



EDIÇÃO DE HOMENAGEM À MEMÓRIA
DE ALBERTO TORRES

Revista do Ensino

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Summario

COLLABORAÇÃO

- DR. J. OLINDA DE ANDRADA — *O ensino normal.*
— *Semana de Educação Rural em Belo Horizonte.*
- MONSENHOR ARTHUR DE OLIVEIRA — *Allocução.*
- FAUSTO ALVIM — *A educação rural e o município.*
- PROF. ANIBAL MATTOS — *A arte nas escolas ruraes.*
- B. RAMOS CESAR — *As escolas ruraes em Belo Horizonte.*
- FIRMINO COSTA — *A escola normal rural.*
- MARIANNA N. HORTA — *O Trabalho Manual a serviço das escolas ruraes.*
- JOSE ZÚQUIM — *O saneamento na zona rural.*
- BENEDICTA MELLO — *Contribuição do Cinema no problema rural.*
- DR. ORESTES DINIZ — *O problema da lepra nas escolas ruraes.*
- MARIA ARACY LESSA — *O papel do clero na ruralização do ensino.*
- CARMEN DE MELLO — *Protecção á natureza.*
- ABEL FAGUNDES — *A bibliotheca e a imprensa na escola rural.*
- GUOMAR M. DE MEDEIROS — *A organização dos clubs agricolas.*
- AMELIA DE CASTRO MONTEIRO — *A Escola de Aperfeiçoamento e a educação rural.*
- DR. SABOIA LIMA — *Democracia e ruralismo.*
- DR. RAPHAEL XAVIER — *A obra realizada pela S. A. A. T.*
- DR. RENATO DE ALMEIDA XAVIER — *Discurso.*
- DR. WALDEMAR TAVARES PAES — *Discurso.*
- RITA J. DE LUCA — *Discurso.*
- DR. AURINO MORAES — *Discurso.*
- DR. RAUL DE PAULA — *Discurso.*
- HILDEBRANDO CLARK — *Um agradecimento.*
- *Índice geral do 4.º trimestre.*

ADVOCACIA E PROCURATORIOS

Dr. Antonio Jorge de Faria
Orlando Thomaz Garcia

Executam com presteza e pontualidade qualquer serviço perante as repartições publicas
Remettem os vencimentos de seus constituintes logo após o recebimento dos attestados de exercicio
Informações gratuitas — Exactidão de contas

— HONORARIOS MODICOS —

Rua S. Paulo, 387 - Sala, 107 - Caixa Postal, 260 - Phone, 3106

BELLO HORIZONTE

ADVOCACIA E PROCURATORIOS

O Escriptorio do **Dr. Nelson de Moura** acceta quaesquer serviços perante as repartições estaduaes e federaes.
Remette, com antecipação, mediante combinação previa, os vencimentos de seus constituintes.
Extracção de titulos. Licenças. Aposentadorias. Férias especiaes. Recebimento de vencimentos, gratificações e diarias.
Registro de diplomas. Inscrições e emprestimos na Previdencia dos Servidores do Estado, etc.

Trabalho rapido. — Exactidão de contas
HONORARIOS MODICOS

Rv. João Pinheiro, 51 - Tel. 1073
BELLO HORIZONTE



REVISTA DO ENSINO

REVISTA DO ENINO



Alberto Torres



REVISTA DO ENINO



REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

O ensino normal

Dr. J. Bonifacio Olinda de ANDRADE

N.º 210

Data 20.10.97



(Discurso pronunciado na solenidade da collação de grau das diplomandas de 1935 pela Escola Normal de Juiz de Fora).

Melhor premio não me poderia ser reservado neste instante da minha vida administrativa do que o convite que me foi dirigido pelas diplomandas, no corrente anno, pela Escola Normal de Juiz de Fóra, afim de paranympnar o acto da collação de gráu.

Primeiramente, porquanto observo que ao lado da grande responsabilidade que me cabe como Secretario da Educação e Saude Publica do Estado de Minas Geraes encontro, em gestos de generosidade como este, poderosos motivos e effervescentes estimulos durante o periodo em que a confiança e a gentileza do actual e eminente Governador, o sr. Benedito Valladares Ribeiro, me conservarem no alto posto que occupo. Depois, porquanto defronto excepcional oportunidade para significar o alto apreço e o especial carinho que, pelo Ensino Normal, em nossa querida terra Mineira, cultiva e nutre o Governo do Estado.

*

Desde o Imperio, os nossos estadistas voltaram as suas preocupações em direcção ao Ensino Normal. O Ministro

Rodolpho Dantas, em 1882, reclamava pela necessidade de "disseminar pelas provincias escolas normaes, sustentadas total ou parcialmente pelo erario nacional".

A demora da nossa Patria em fixar corajosamente as coordenadas da Educaçã Normal estava na ausencia de pastas puramente de educaçã.

No periodo imperial, a concentraçã no Brasil das materias do ensino normal é que justificava aos olhos dos nossos estadistas a existencia de pastas só para a instrucçã. Sete annos após a exposiçã de motivos do Ministro Dantas sobre o ensino normal, encontra-se na Falla do Throno, em 3 de maio de 1889: "Sua Magestade o Imperador pedia á Assembléa Geral Legislativa, com todo empenho, a divisã dos Ministerios, de modo que fosse possivel constituir um destinado aos Negocios da Instrucçã Publica".

A suggestã do Imperador para, entre os Gabinetes Ministeriaes, incluir um, visando a educaçã publica, já era o fructo dos pontos de vista do talentoso Ministro a respeito da complexidade do Ensino Normal.

Si no fossem as anormalidades da ordem civil que precederam á proclamaçã da Republica, certamente o Imperador teria no Brasil fundado o Ministerio da Educaçã. Pedro II bem merecia o titulo de "democrata coroado" com o que o saudára Mitre.

Não obstante as exigencias do ensino normal, o atrazo do Brasil-Republica em crear um ministerio especializado na instrucçã se justificava pela falta, entre nós, de meios satisfatorios a uma bõa organizaçã technica e administrativa.

Desde que mais fartos se afiguraram os recursos, o Presidente Getulio Vargas, para melhorar sobretudo as condições da instrucçã normal, com o seu espirito avançado e penetrante de homem publico, dotou a administraçã brasileira de um Ministerio exclusivamente destinado aos assumptos da educaçã.

Completando esse alto objectivo de todos os brasileiros, propulsor da evoluçã do ensino em todo o nosso vasto

territorio, dispõe a Constituiçã Federal, no artigo 148: "Cabe á Uniã, aos Estados e aos municipios favorecer e animar o desenvolvimetro das sciencias, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objectos de interesse historico e o patrimonio artistico do paiz, bem como prestar assistencia ao trabalhador intellectual".

Felizmente, os nossos homens de Estado sempre comprehenderam que o Ensino Normal passaria a ser, no Brasil, a imponente fortaleza de cujos focos brotariam as franjas luminosas da nossa cultura e da nossa civilizaçã.

Tão profunda é a dependencia do ensino primario em relaçã ao normal, que todas as perturbações assignaladas nos aparelhos normaes se registram immediatamente nos calculos e nas previsões da educaçã primaria.

Para aquilatar do valor do Ensino Normal, basta recordar que as democracias surgiram das aspirações dos povos á igualdade perante o fisco e a educaçã publica.

"O nosso unico objecto, dizia Mirabeau aos constituintes, é conceder ao homem o gozo de todas as suas facultades, é fazel-o exercer todos os seus direitos, é originar a existencia publica das existencias particulares livremente desenvolvidas e a vontade geral das vontades privadas".

A Assembléa Constituinte, graças á influencia das das idéas de Talleyrand, estabeleceu: "Será creada e organizada uma instrucçã publica commum a todos os cidadãos, gratuita em relaçã ao ensino indispensavel a todos os homens".

Affirmando as relações entre a instrucçã e a democracia, ponderava Condorcet: "Só a instrucçã é capaz de fazer com que o principio da justiça que regula a igualdade nos direitos não esteja em desacordo com o outro principio que prescreve não se concederem aos homens senão os direitos cujo exercicio seja util á sociedade".

Reconhecendo as tendencias democraticas da educaçã contemporanea, dispõe a Constituiçã Federal em seu artigo 149: "A educaçã é o direito de todos e deve ser ministrada pela familia e pelos poderes publicos, cumprindo a estes pro-

porcional-a a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no paiz, de modo que possibilite efficientes factores da vida moral e economica da Nação, e desenvolva num espirito brasileiro a consciencia da solidariedade humana".

As nações europeas, dominadoras de terra e mar, que pretendiam assegurar a sua ordem interna e o seu prestigio no exterior, nos momentos de crise, sempre recorreram ao ensino como a terapeutica dos seus embarcaos.

A Inglaterra, quando em 1836, pensou em firmar o seu dominio na Normandia, construiu a Universidade de Caen.

Quando a Hespanha, em 1572, desejou lançar a sua soberania nos paizes baixos, fundou a Universidade de Douai.

Em 1870, a Alemanha ao germanizar a Alsacia-Lorena, reconstituiu a Universidade de Strasburgo.

Em 1828, a Inglaterra por intermedio do Partido Liberal, para fortalecer a opinião publica, esclarecida, ergueu a Universidade de Londres.

Ao abandonar o seu manto de Grão Mestre da Ordem Teutonica, Alberto Hohenzollern installou a Universidade de Koenigsberg.

O rei da Prussia, sem se deixar impressionar com a estridencia das trombetas francezas, dizia: "E' preciso, affirmava Frederico Guilherme, é preciso que o Estado suppra, por meio de forças intellectuaes, as forças physicas que perdeu".

O Ensino Normal na Austria, na Alemanha e nos Estados Unidos, nivelado ao ensino universitario, terá de exercer função preponderante na estabilidade das nações.

No governo Affonso Penna, o progresso imprimido ao ensino normal, com o apparecimento da Escola Normal de Juiz de Fóra, concorreu para dar ao mineiro a consciencia das suas responsabilidades em materia de ensino.

Ao tempo do Presidente Antonio Carlos, o desenvolvimento dado á instrução normal concorreu para assegurar a unidade do Povo Mineiro. Quando, dos pampas gauchos ás cordilheiras de Minas soprou a Alliança Liberal, a Revolução de 1930, que lhe succedeu, veio encontrar, em invencíveis

phalanges, os cidadãos mineiros integrados pela instrução e pela democracia.

Si notavel é o papel da Instrução Normal em periodos de paz, maior ainda é a sua acção nas phases de disturbios nos organismos das sociedades.

"O homem nunca se sentiu mais ufano do que hoje, com os prodigios operados pela sua intelligencia, diz Lamazelle; prodigios cuja admiração se impõe ainda aos espiritos menos cultos. E, entretanto, este mundo moderno, tão rico, poderoso e bello, ostentava a todas as vistas os symptomas inequivocos de um mal profundo e inveterado que punha em perido essa mesma sociedade, tão orgulhosa dos seus esplendores".

Em todos os paizes, a familia é o cylindro central da educação. A familia não produz somente os rebentos que perpetuam a raça, diz Le Play; transmite-lhes; pouco a pouco, desde o berço, a pratica da moral, sem o que elles não poderão gozar, mais tarde, nem da paz, nem do pão quotidiano. A educação dos filhos, asserta Gabriel Merlin, é a função essencial da familia.

Leão XIII, na sua Encyclica Rerum Novarum, ensina: "A natureza impõe ao pae de familia o dever sagrado de alimentar e manter os filhos. Vae mais longe. Como os filhos reflectem a physionomia paterna e são uma especie de prolongamento de sua pessoa, a natureza lhe inspira que se ocupe com o futuro delles, que lhes crie um patrimonio, que os ajude a se defenderem, na perigosa travessia de vida, contra todas as surpresas do infortunio. Entretanto, é visivel a crise que reina nas sociedades domesticas, devido ás escolas que pregam, contra os mais salutareis principios da moralidade, a dissolução da familia e da vida social pelo divorcio e pelo amor livre.

A lucta de classes augmenta o quadro de todos os males: "Os ricos tratam de se defender contra a futura pilhagem, diz Etienne Lamy; os pobres entendem ser um roubo antigo a posse hereditaria dos ricos: a justiça é para elles

como uma represália á felicidade que almejam é feita da desgraça dos outros".

Essas idéas geram as crises na sociedade profissional e na sociedade civil.

A correcção dessas irregularidades será facil graças ás regras da educação e aos principios republicanos.

O que Karl Marx, Engels e Schaeffle viam, como systemographos registradores de provaveis erupções vulcanicas, é a existencia de um movimento democratico liberal.

E' preciso não confundir as theorias socialistas com as doutrinas democraticas e cooperativistas. Estas são as expressões sadias do rejuvenescimento das sociedades modernas. Aquellas são apenas os fogos fatuos de espiritos sonhadores ou despeito dos que pensam, mas não conseguem explorar a boa fé e a inexperiencia dos povos.

Ao Ensino Normal, na defesa dos nossos principios democraticos e de educação, auxiliam as tradições da Patria.

Todos os paizes da Europa se formaram em territorios arrancados pelas armas. De todas as nações nascidas da atmosphera occidental só escapam ás taras de força e violencia as Americanas, cujas terras antes de descobertas estavam distribuidas pelo Tratado de Tordezilas.

Este amanhecer pacifico é a promissora perspectiva de que está reservada ao Novo Continente a victoria dos sentimentos de confraternização, da democracia e da instrucção.

As Americas não têm as suas esquadras a serviço de guerras imperialistas e extremistas que compromettem o passado e o porvir das nações.

Os Estados Americanos só se levantam quando os clangores dos clarins militares são convocados para a defesa e propaganda de um grande ideal libertador.

O Brasil, paiz profundamente americano, nos seus propositos eloquentes da grandeza interior e de arbitrangens internacionaes, não pode viver sinão mantendo o grande observatorio politico e nacional de cujas cupolas seculares ao longe se divisam, eternamente, luminosos e inconfundiveis, os

raios da instrucção em todos os seus graus e da unica forma de governo acceita pelo seu povo: a democracia liberal.

Ao encerrar o discurso de paranympho, neste instante para mim tão glorioso, quero significar a todas as diplomandas o meu profundo agradecimento pela honrosa distincção que me foi conferida, ao mesmo tempo que prometto manter, com cada uma em particular, o fiel compromisso de, através de toda a minha vida, conservar deste magestoso espectáculo e desta inolvidavel assistencia a mais viva saudade e a mais sincera recordação.

Nesta hora de tanta alegria para mim e todos vós, formulo os mais calorosos votos pela vossa felicidade na nova vida que vos aguarda, e á Escola Normal de Juiz de Fóra os mais ardentes desejos para que continue no alto nivel moral e mental em que foi collocada pela competencia dos seus mestres e o devotamento dos seus discipulos.

Vida escolar em Minas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

e em consonancia, desde a primeira hora, com o pensamento que os empolga e com os temas de seu programma magnifico, quizeram tambem que esta cerimonia inicial se realizasse em pleno contacto com a natureza viva, no doce convivio destas arvores amaveis, sempre socilitas e prodigas.

E resolveram acertadamente — porque si é certo que a agricultura repousa sobre o principio da propriedade e sobre a lei do sacrificio, certo é tambem que o seu incremento repousa sobre a benção de Deus. Na verdade, quando o lavrador já rasgou o solo com as relhas do seu arado, deramou sobre a terra, cheio de esperanças, o suor de seu rosto e sentiu exhaustos pela fadiga todos os membros do corpo, deve recolher-se e esperar . . . Esperar o que? A chuva, o orvalho, o vento, o calor, o sol, isto é, esperar Deus; porquanto todos os elementos são apenas causas segundas que dependem unicamente da causa primeira, que é Deus.

Na agricultura é assim: o lavrador segura um braço do arado e Deus segura o outro braço. De bom ou mau grado, trabalham juntos.

Cousa notavel! As plantas mais bellas e mais necessarias são justamente as mais sensiveis. Deus fez a flor do trigo de uma delicadeza tão extranha que o menor golpe do frio fal-a pender languida sobre a haste.

Que é preciso para destruir uma vinha que já se desbrochou em flores e que agora rebrilha ao sol com os seus lindos cachos de amethista? Apenas um pouco de granizo. A geadas e o granizo estão suspensos sobre o trigal e o vinhedo como a espada de Damocles, sempre prestes a cahir e a tudo destruir.

Que os homens eliminem Deus de toda parte, si puderem, mas o lavrador prohibe que o expulsem da vida agricola.

A celebração do Santo Sacrificio da Missa neste momento si, por um lado tem por fim implorar as benções de Deus para os vossos trabalhos, por outro lado tem a significação altissima de uma reivindicção historica e de um preito de reconhecimento á Igreja Catholica que, realizan-

do sua missão de conduzir as almas para o céo, occupa-se tambem dos interesses materiaes da humanidade.

Eu tenho a intenção de demonstrar-vos a intervenção e a influencia da Igreja Catholica em uma esphera onde, talvez, não esperaes encontra-la: na esphera da agricultura.

A terra, apesar de bella por si, todavia, não dispensa a mão do homem; sem o homem ella só produz uma vegetação ingrata, desnaturada, bravia; cobre-se de florestas immensas onde o sol não penetra mais, de plantas luxuriantes e esparsas que sobrecarregam o solo e estorvam o curso das aguas ou então de repente a vida expira, e o deserto rola sobre as mais formosas terras o opprobrio de suas areias estereis.

“Quando o homem se approxima da terra com suas ferramentas aggressivas e fecundas, é a vida que apparece, é o trigo e a vinha — a comida e a bebida. Quando, ao contrario, elle se afasta, quando seu braço perde o vigor, a natureza poderosa, mas desordenada e cega, retoma logo posse do solo; o espinheiro triumphante eleva acima do trigal ressequido sua corôa de folhas e de flores; a floresta renasce em toda magnificencia; os animaes selvagens se installam na choupana desolada do lavrador; os passaros reconstruindo seus ninhos, cantam a derrota do homem; a natureza inteira se rejubila com um povo que expulsou seu tyrano e que reconquistou sua liberdade”.

Tal era, M. S. no IV e V seculos a situação agricola no Imperio romano desmoralizado. Todos queriam guinguem queria trabalhar; os campos estavam abandonados, e as leis tão más como os costumes aggravavam o mal em vez de diminuir-o e cural-o. Assim, os barbaros acabavam de devastar os ultimos campos ainda florescentes, e o solo europeu só apresentava uma imagem de desolação e de morte. Sob a dupla acção dos velhos romanos corruptos e dos jovens barbaros e indisciplinados, a agricultura estava por toda a parte desconsiderada e perdida. Quem vae resuscital-a e a rehabilital-a? Quem vae deitar mão á enxada

Carvalho, Iracema Bittencourt, Maria Alvares da Silva, Emma Ciodaro, Dagmar Sampaio, Celina Pereira, Esther Angela Nogueira, Zenolia Gomes, Maria Auxiliadora Bahia, Maria Manuela Magalhães, Adir Andrade, Anna Oetero, Maria Concebida Lima, Aurea Coelho Junior, Anna de Oliveira, Lucy Torquato, Maria da Conceição Aguiar, Maria do Carmo Chaves, Henriqueta Vaz de Mello, Elza Peixoto, Regina Mendonça, Maria Dias, Eponina Gomes Ribeiro, Alda Soares, Izabel Tertuliano e Maria José Leite Correia.

AS SOLENNIDADES DA INSTALAÇÃO DA SEMANA DE EDUCAÇÃO RURAL

Às 8 horas da manhã, no Parque Municipal, foi celebrada festivamente Missa Campal pelo Revdmo. Monsenhor Arthur de Oliveira, reitor do Gymnasio Mineiro de Bello Horizonte.

Após a cerimonia seguiu-se o plantio do Páo Brasil enviado á Sociedade Alberto Torres pelas creanças de Pernambuco e offerecido á cidade, por intermedio do seu Prefeito. Durante o plantio dessa arvore, falou o sr. Raul de Paula sobre o sentido da protecção ás nossas mattas que constituem uma das fontes de vida no Brasil, e ainda sobre o estreitamento da affecção entre as creanças do norte, do centro e do sul do Brasil.

Em seguida o dr. Waldemar Tavares Paes redigiu as palavras que abaixo transcrevemos e que foram transmitidas por uma turma de escoteiros a outra, por semaphora:

“O plantio do páo Brasil nos faz lembrar o inicio da nossa civilização sob os umbraes da arvore da cruz; e quando crescer sob as benções do nosso céo será o symbolo da nossa prosperidade no porvir”.

Às 14 horas, no Theatro Municipal foi solennemente installada a Semana de Educação Rural, conforme o programma seguinte:

1.ª PARTE

- 1) Abertura da sessão pelo representante do secretario da Agricultura.
- 2) Instalação da Semana pelo Dr. José Bonifacio Olinda de Andrada, Secretario da Educação e Saude Publica.
- 3) Discurso do sr. Secretario da Educação.
- 4) Os “Clubs Agricolas em Minas Geraes” — Raul de Paula.

2.ª PARTE

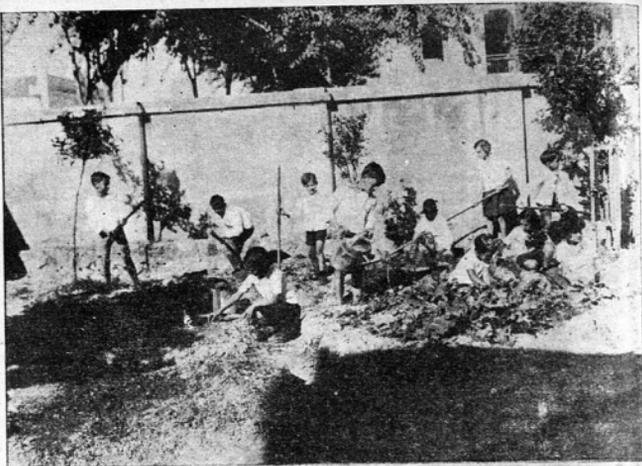
- 1) Gloria-Verde. Marcha-canção. Letra de Carmen de Mello e Musica de Samuel Segal. Por um conjunto de srtas. e de rapazes da nossa sociedade, sob a direcção do maestro Asdrubal Lima.
- 2) Bailado — Direcção de Lucilia Guadalupe; Almir Fonseca, Clotilde Lodi, Santuzza Mendonça, Elza Cerqueira, Zuleide Carvalho, Hilda C. Junior, Celia Couto e Dulce Camponina.
- 3) Declamação — Carmen Barros, alumna de Carmen Thimotti.
- 4) Hymno Nacional — Por um conjunto de senhoritas e rapazes da nossa sociedade, sob a direcção do maestro Asdrubal Lima.

Allocução pronunciado pelo Revdmo. Monsenhor Arthur de Oliveira, reitor do Gymnasio Mineiro de Bello Horizonte, após a Missa Campal celebrada no Parque Municipal de Bello Horizonte, e que constituiu o primeiro acto da Semana da Educação Rural

Meus senhores :

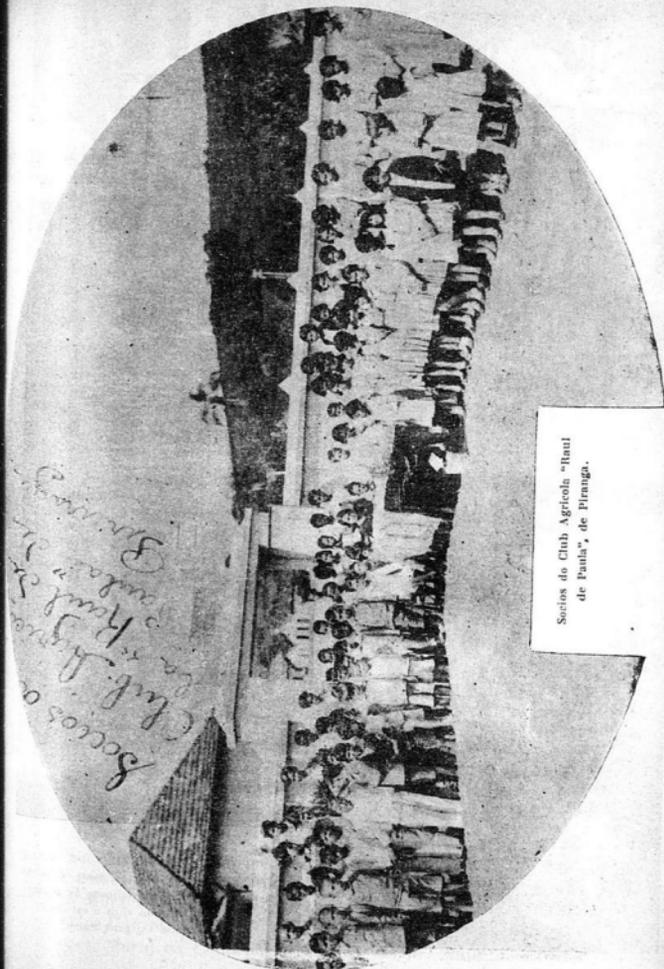
Resolveram os organizadores da Semana da Educação Rural que a primeira nota a resoar nesta manhã clara, sob a cupula deste céo immenso, fosse a nota festiva da fé;

vina P. Salles, Maria José Pinheiro, Juracy Torquato, Marieta Araujo, Augusta Xavier Toledo, Maria Aparecida Leal, Maria Souza Mello, Edith Dias Carvalho, Esther Fabrino Bayão, Maria José Dutra, Helena Reis, Hercília Osorio, Esmeralda Komel, Gonçalves Rezende, Francisca A. Britto, Deolinda Alves Barbosa, Mafalda Camargos, Marietta Leite, Guiomar Maria de Medeiros, Carmen Mello, Amelia Matta Machado, Maria Aparecida Mattos, Clelia Brina, Carmelia Alves dos Santos, Ruth Diniz Teixeira, Ailza de Figueiredo, Maria Baptista Ferreira, Maria da Conceição Gonçalves, Virginia Moura, Maria Fonseca, Maria Aparecida de Castro, Hercínia Cattão, Maria de Lourdes Castilhos, Marietta Ferreira, Maria José Andrade, Maria José Leite Correia, Cecilia Neves dos Santos, Nair Maria Luíza Almeida, Maria Josephina Vial Motta, Eliza Romagnoli, Aila Faria Sampaio, Dulce Serapião Pereira, Maria Rodrigues Manso, Aurora Cecy Torquato, A. Alzira Midões, Esther Cyrino Silva, Anita Fonseca, Helena Costa, Antonietta Falleiro, Maria Nassif, Odete Libero, Rosalina Scarlattelli, Dr. Waldemiro Machado, Maria Barbara Cabral, Anna Nogueira Cabral, Maria Almeida, Maria Augusta Reis, Doralice Rodrigues, Elvira Rodrigues, Juracy Vaz de Mello Silveira, Zelia Figueiredo, Benedicta Dell-Izola, Dayse Moyle, Regina Cabral, Maria das Dores Teixeira, Celuta Creuza Werneck, Almerinda Motta Andrade, Niza San Geraldo Caldas, Maria Iris Mauricio, Rosa Loureiro, Esther Seabra Xavier, Maria de Carvalho Seabra, Stella Gomes da Silva, Maria José Ferraz, Amelia Ottoni, Carolina da Silva Arabe, Leticia Giori, Anna Maria Silva, Edith Rodrigues Chaves, Maria Brandão Lobato, Mario do Carmo Lobato Silva, Gabriella Alves Prado, Maria da Conceição Espirito Santo, Iracema Bandeira, Maria Fausta Alvim, Maria Augusta Guerra, Alzira Castro Queiroz, Maria Barbara de Carvalho, Maria da Paixão Ribeiro, Ruth Anacleto Moraes, Maria da Conceição Mendes, Maria Nathilde Ribeiro Carvalho, Maria da Paixão Ribeiro, Ruth Anacleto Moraes, Maria da Conceição Mendes, Maria Mathilde Ribeiro



NO GRUPO "CESARIO ALVIM", DE BELLO HORIZONTE. — Os socios deste Club têm um especial cuidado no combate ás pragas. E' hoje assistente do club o estudante de agronomia Luigard Paiva

Irene Lacerda, Cecília C. Linhares, Carmelia N. Silva, Josephina Romagnolli, Leticia Chaves, Carmelita de Oliveira, Manoel Leme Dias, Maria de Lourdes Scott, Maria da Conceição Teixeira, Eurídice Pinto Arantes, Carmen Bueno, Odete A. Machado, Geralda Romeu, Maria Taranto, Ambrosina Coelho Junior, Maria Martha de Freitas, Juracy Motta Andrade, Iracema Gomes Carneiro, Maria do Carmo Mello, Maria Irene Villela, Aramita Alves dos Santos, Dulce Diniz, Maria Christina Freitas Freire, Olympía Duarte, Esmeralda Rocha, Maria da Glória Novaes, Galdina Nogueira Cabral, Sebastiana Antunes, Marietta Bittencourt, Zaira de Oliveira, Aurea Mendonça, Edith Soares, Georgetta Sette, Maria Josephina Guieiro, Maria Beatriz Albergaria, Augusta Junqueira, Maria da Conceição Gomes, Helena Bittencourt, Laurita Serpa, Zembla Soares de Sá, Irene Silveira, Zelia Rabello, Elza S. Torres, Joannadarc de Oliveira e Silva, Eva Aguiar, Iza Paraizo, Oscarlina R. Alves, Virginita Figueiredo, Corina Pilar Itabirano, Stella Loureiro, Emilia da Conceição Rodrigues, Maria Angelica A. Pereira, Blandina Labruna, Georgina A. Pinto, Sebastiana dos Reis Corrêa, Hermilla Rodrigues, Carmelinda Vaz de Mello, Alice Paes, Rita Gadas de Lucca, Edsonina Castello Branco, Imene Guimarães, Aida Rodrigues, Olinda Machado, Maria Henriques Bijo, Esther de Assis Rocha, Maria do Carmo Penido, Maria A. Brant, Isaura V. Castro, Marina Dalia, Maria da C. Martins, José Olyntho Ferraz, Celina Ferra, Zulmira Maia, Elza Coelho Junior, Maria do Carmo Espirito Santo, Suzana C. Nogueira, Cecília M. de Oliveira, Maria Auxiliadora Paula, Maria de Lourdes Linhares, Aydée Assis, Guilhermina Ferber, Maria Antunes, Mercedes Koscky, Conceição Rodrigues, Maria Gontijo, Alzira Carvalho, Maria Ruth Grassi, Disciola Leão, Ibrantina C. Amaral, Nair Assis, Maria Ildefonso de Oliveira, Esther França e Silva, Maria Jacy Amparo, Annita Faria, Cora Faria Duarte, Adelaide A. B. Mendes, Maria da Conceição Nunã Baptista, Cecy Cardoso Porfirio, Antonietta M. Antunes, Carmosina Diniz, Myrthes Mortimer, Mario Rebello, Margarida Guimarães, Etel-



Sócios do Club Agrícola "Paula", de Piranga.

Defesa sanitária animal — Dr. João Scott de Moura, inspector do Serviço Federal de Defesa Sanitária Animal, e professor da Escola de Agronomia.

Equinos — Dr. Alfredo Netto Formozinho, medico veterinario do 10.º R. I.

Leguminosas alimentares — Dr. José Victor Barbosa, tecnico da Inspectoria Agricola Federal.

Cereaes — Dr. Eduardo Vianna de Paula, tecnico da Estação Experimental.

Café — Dr. Moacyr Navarro, chefe da Secção Mineira de Serviço do Café.

— (As aulas deste Curso irão constituir materia para um numero especial do Boletim de Agricultura, Zootechnia e Veterinaria, da Secretaria da Agricultura).

PROGRAMMA DAS PALESTRAS

(Elaborado pela Secção Educativa do Nucleo de Minas, da S. A. A. T.).

1 — *A Escola Regional em Minas* — Dr. Waldemar Tavares Paes, auxiliar tecnico do Secretario da Educação.

2 — *A Escola de Aperfeiçoamento e o problema da educação rural em Minas* — D. Amelia de Castro Monteiro, directora da Escola de Aperfeiçoamento.

3 — *A Escola Normal Rural para Minas Geraes* — Professor Firmino Costa, director da Escola Normal de Bello Horizonte.

4 — *Alberto Torres e a Escola Primaria em Minas* — Dr. Orlando M. de Carvalho, advogado.

5 — *O Rio São Francisco* — Dr. José Monteiro Machado, inspector agricola federal.

6 — *A Escola Rural e o Municipio* — Dr. Fausto Alvim, prefeito de Araxá.

7 — *As Escolas Rurales no Municipio de Bello Horizonte* — Benjamim Ramos Cesar, Assistente Technico das Escolas Rurales do Municipio de Bello Horizonte.

8 — *O Papel do Clero na ruralização do Ensino* — Maria Aracy Lessa, directora do Grupo Escolar "Santos Dumont", de Venda Nova.

9 — *A Arte nas Escolas Rurales* — Prof. Annibal Mattos, Presidente do Soc. M. de Bellas Artes, inspector de desenho e chefe da secção de Artes do Nucleo de Minas.

10 — *O trabalho manual a serviço das Escolas Rurales* — Marianna Noronha Horta, assistente technica de Trabalhos Manuaes.

11 — *A Bibliotheca e a Imprensa na Escola rural* — Abel Fagundes, assistente tecnico.

12 — *A Contribuição do Cinema nas Escolas Rurales* — Benedicta Mello, assistente technica.

13 — *Os Clubes Agrícolas em Minas Geraes* — Raul de Paula, secretario geral da Sociedade Alberto Torres.

14 — *O Clube Agrícola de Santa Cruz do Escalvado* — Goergetta Sette, professora das Escolas de S. Cruz do Escalvado.

15 — *A Estatística a serviço da agricultura* — Dr. Hildebrando Clark, director do Departamento de Estatística da Secretaria da Agricultura.

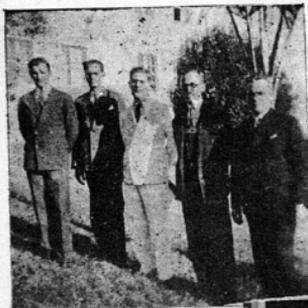
16 — *Protecção á Natureza* — Carmen de Mello, professora de Sciencias Naturaes na Escola Normal de Bello Horizonte.

17 — *O saneamento na zona rural* — Dr. José Zuquim, engenheiro civil.

18 — *As actividades de um professor rural* — Dr. Tabajara Pedroso, vice-reitor do Gymnasio Mineiro.

A Frequencia ao Curso: — Frequentaram o Curso da Semana de Educação Rural, 235 pessoas, cujos nomes se seguem:

Amalia Scarlatteli, Maria das Dores Sette Camara, Dulce Lopes de Oliveira, Abigail Monteiro Alves, Josabeth Baptista, Anna Lima, Izabel Gomes da Silva, Celia B. Lobato, Victoria Brandão Lobato, Maria José Ferber, Amalia Noronha, Maria Beatriz Scott, Jupyra Duffles, Ormezinda Guedes,



SEMANA RURALISTA DE LAVRAS

Dr. Humberto Bruno, representante do Ministro da Agricultura, dr. Oscar Monte, sr. João Modesto, dr. José Victor Barbosa e dr. Ferdinando Albrecht que realizaram palestras aulas durante a Semana Ruralista.



Um grupo de professores e alumnos da Escola de Agronomia, apanhado por occasião da palestra do dr. Oscar Monte sobre «insectos», no Collegio Carlota Kempes.



Inauguração do Centro Agrícola
—Alvaro Botelho

Avicultura — Dr. Hermann Julius Palli, tecnico da Secretaria da Agricultura.

Apicultura — Professor Leopoldo Cathout, lente de Sciencias Naturaes da Escola Normal da Capital.

Horticultura — Dr. Ferdinando Albrecht, tecnico de Silvicultura da Estação Experimental.

Plantas oleaginosas — Dr. Getulio Mendes Carneiro, tecnico do Serviço Agronomico Estadual.

Combate á saúva — Dr. Sebastião Xavier Filho, tecnico do Serviço Agronomico Estadual.

Reflorestamento — Dr. Renato de Almeida Xavier, director da Estação Experimental do Estado.

Pomicultura — Dr. J. Damasceno Portugal, chefe da Secção de Pomicultura da Estação Experimental.

Canna de assucar — Dr. Sebastião Campos Borges, sub-inspector agricola federal.

Organização de Clubs Agricolas — Professora Guiomar Maria de Medeiros, delegada dos Clubs Agricolas de Bello Horizonte.

Machinas agricolas — Dr. Almir Peracio, tecnico da Inspectoria Federal Agricola.

Defesa sanitaria vegetal — Dr. Oscar Monte, inspector de Defesa Sanitaria Vegetal e professor da Escola de Agronomia.

Algodão — Dr. Jayme Ferreira de Britto, inspector federal de plantas texteis.

Hydrologia agricola — Dr. Benedicto Coutinho, professor da Escola de Agronomia.

Batatinha — Dr. José Cavalcanti, sub-director do Departamento Estadual de Agricultura.

Genetica — Dr. Ildefonso Ferreira Corrêa, chefe da Secção de Genetica da Estação Experimental.

Economia rural — Dr. Ovidio R. Alvim, tecnico da Inspectoria Federal Agricola.

Organização de museus — Dr. Oscar Monte, tecnico do Serviço de Organização de Museus.

Jardinagem — *Ornamentação* — *Vasos* — *Janellas* — Sr. Augusto Lempp, tecnico da Floricultura Lempp.

Semana de Educação Rural em Belo Horizonte

Belo Horizonte deve à Sociedade dos Amigos de Alberto Torres esse grande trabalho aqui realizado de 3 a 9 de junho de 1935, como numero extra de seu programma de trabalhos para o corrente anno.

A Semana constou das seguintes actividades: a) cursos sobre agro-pecuaria; b) palestras; c) trabalhos praticos nos grupos escolares; d) exposições; e) cinema educativo.

OS PROGRAMMAS DO CURSO E DAS PALESTRAS

Foi o seguinte o Programma dos Cursos (elaborado pela Inspectoria Federal Agricola e Estação Experimental de Agricultura):

Solos — Sr. José Monteiro Machado, inspector agricola federal, e professor da Escola de Agronomia.

Adubos — Dr. Mario de Lima Scott, tecnico da Inspectoria Agricola Federal.

Climatologia agricola — Dr. Fausto P. Werner, tecnico da Inspectoria Agricola Federal, e professor da Escola de Agronomia.

Sericicultura — Dr. Lauro Cardoso, tecnico de Sericicultura.

Lacticinios — Dr. Zeno Von de Both, tecnico lacticianista da Secretaria da Agricultura.

Cunicultura — Dr. Joseph Kreuser, tecnico da Secretaria da Agricultura.



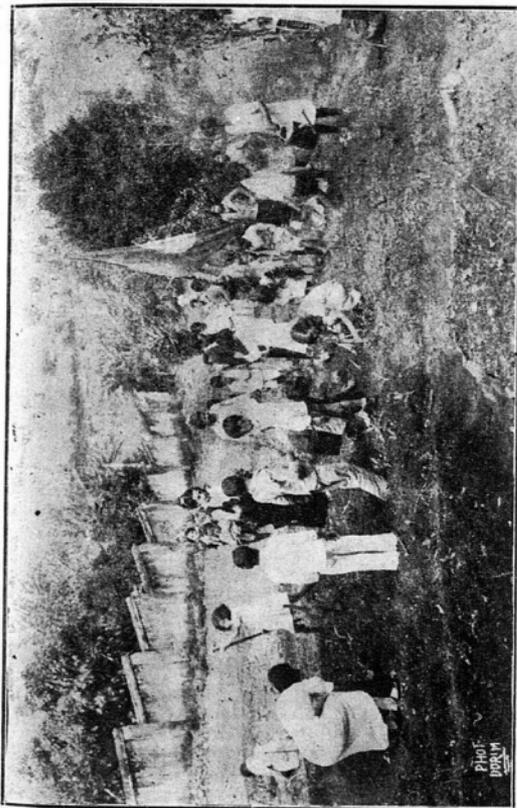
O DR. JAYME DESLANDES DANDO AULA SOBRE DEFESA VEGETAL, NA ESCOLA AGRICOLA
INAUGURACAO DO CLUB AGRICOLA, NO GRUPO ESCOLAR "ALVARO BOTE-
LHO". — O sr. Raul de Paula, quando falava aos alumnos, professores
& população da cidade. O dr. Jayme H.C.M.F.W.Y. C.M.F.W.Y. E.T.A.O.R.D.R.R.
OUTRO ASPECTO DO TRABALHO DOS ESTUDANTES
ALUMNOS DAS ESCOLAS DE AGRONOMIA DE BELLO HORIZONTE E LAVRAS,
em trabalho no campo do Club Agricola

e ao arado? Quem vai emprender duas obras estupendas: a cultura das almas e a cultura do solo? Interrogue-os, aqui os factos e constatemos no passado a influencia agricola das instituições monasticas.

Ha alguns annos quando o coronel Dominé assumia o commando de um novo regimento francez, dando as boas vindas aos seus officiaes e soldados disse-lhes: "Senhores, nosso regimento não tem historia, vamos nós escrevel-a". Essas palavras tão simples e tão nobres fizeram correr um fremito ardente patriotismo entre todos os ouvintes. Assim disseram tambem os monges ha 15 seculos na Europa: A agricultura não tem mais historia; vamos escrevel-a. E entregaram-se ao trabalho.

Os monges tiveram de lutar contra uma natureza indomada e selvagem. Tiveram deante de si florestas de arvores gigantescas, sombrias e impenetraveis; rêdes de espinheiros aggressivos; pantanos; turfeiras atravancadas de raizes e troncos cruzados; uma athmosphera humida e insalubre, impregnada de miasmas pestilenciaes e solidões improductivas. Para conquistar as florestas e os desertos da America o colono moderno avança armado de todas as invenções da industria e da mechanica, e ainda estimulado pela certeza do exito. O monge, apenas, tinha seus braços e se mergulhava no desconhecido. Os instrumentos agrarios, as sementes... tudo lhe faltava, até os animaes domesticos, que decuplam as forças do homem. Um dos factos mais importantes na historia da agricultura é a domesticação das especies animaes, boi, cavallo, cão, tornados ao estado selvagem após o desaparecimento gradual da civilização romana.

Tomae a carta da Europa, percorrei todos os climas e todos os povos — interrogae a historia de suas origens agricolas e dizei qual o paiz por onde a enxada do monge não passou. Em Flandres e na Hollanda exgottaram pantanos, construíram diques no mar e fertilizaram os areaes. Na Inglaterra os discipulos do monge Agostinho, fizeram desse paiz no seculo XI o mais bem cultivado da Eu-



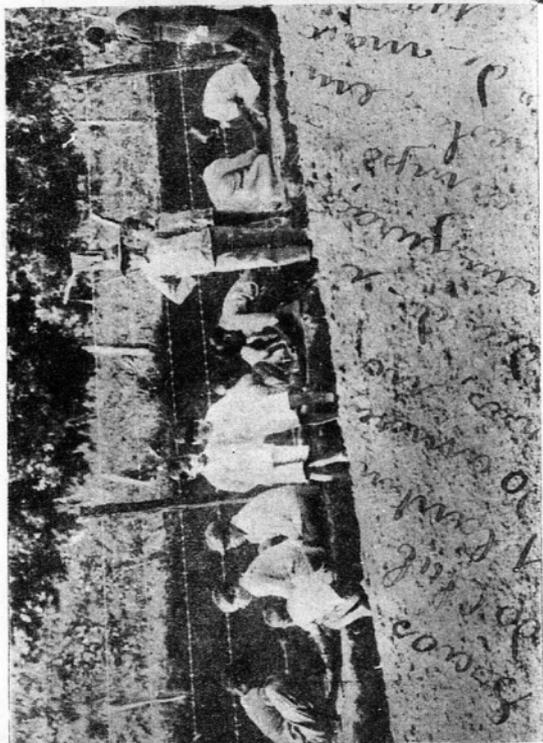
CLUB AGRICOLA ESCOLAR DE ENTRE RIOS — MINAS. — Iniciando solemne-mente o plantio de sementes e mudas na Hortã Escolar, por occasião da Festa da Arvoze em 21-9-95

Photo
DORIM

ropa. Na Allemanha, S. Bonifácio e seus discipulos; os monges no Monte Cassino fertilizaram o sul, e os Cistercienses o norte da Italia. Na Espanha os monges plantaram as primeiras vinhas e as primeiras laranjeiras; e os rebanhos dos conventos deram origem á industria das lãs. Quem varou as florestas, dirigu os cursos d'agua, fertilizou as planicies, o cume das montanhas e transformou a França em um jardim maravilhoso? A Igreja, os monges.

A agricultura, exclusivamente abandonada aos escravos pela civilização pagã e soberanamente despresada pelos Barbaros, deve aos religiosos não sómente sua resurreição, mas seu ennobrecimento. O espectáculo de varios milhares de religiosos cultivando a terra, diz Chateaubriand, destruiu os preconceitos barbaros que relegaram ao desprezo a arte que alimenta os homens. Mais que as doutrinas, M. S., são os exemplos que conduzem a humanidade. Em vão teria a Igreja Catholica pregado que o Homem Deus consumiu nove decimos de sua vida fabricando cangas e arados. Para que essa crença se implantasse nos costumes, era preciso que o bispo, o abbade, o sacerdote, varios delles oriundos de sangue real, deixassem frequentemente o baculo pastoral e a penna para manejar a enxada, o arado e o martello. A Igreja tomou seus monges pela mão e os conduziu para os trabalhos do campo. — fel-os ao mesmo tempo religiosos e agricultores .

Os filhos de condes e de barões, de duques e de principes, que se internavam nos mosteiros de Cister, de Clumy e em outros, manejavam o arado, a enxada e o machado; ceifavam o trigo e o feno, e os transportavam em seus hambros. O chefe do convento era o primeiro no campo para o trabalho, como o primeiro na igreja para o officio divino. O grande S. Bernardo, conselheiro do Papa, gabava-se, um dia, deante dos seus religiosos de se ter tornado finalmente um bom ceifeiro. Um dia o enviado do Papa viera ao convento do santo sabio abbade Equatius e o procurava para conduzil-o á Roma, os monges, interrogados, responderam-



SOCIOS DO CLUB AGRICOLA, PLANTANDO AMORÉAS (ORANGU)

lhes singularmente : "Está lá em baixo, no valle, ceifando o trigo".

Foi desta sorte que se mudou a face da terra e se reabilitou a agricultura.

"Como não teriam os povos acreditado na dignidade do trabalho dos campos quando viam um Carlomano, tio de Carlos Magno; Guilherme, duque d'Aquitania; Adalberto, duque da Bohemia; Hugues, duque de Borgonha; Cuy, conde d'Abdou; Herman, margrave de Baden; S. Bento conde de Maguelonne; Anselmo, duque de Friul e mil outros ainda, isto é, a nobreza, a sciencia, o talento, a santidade, todas as grandezas, e todas as glorias daquelle tempo reabilitarem, ennobrecem o arado e collocar o almocreafe do lavrador acima da espada dos conquistadores francos ou romanos? Exemplos vindos de tão alto impressionaram as multidões e lhes inspiraram o amor, a estima e a pratica do trabalho agricola".

Tal foi, senhores, a obra da Igreja e dos monges. Por seu trabalho e por seu exemplo, os monges reergueram a agricultura, transformaram os homens e a terra — civilizaram ao mesmo tempo as almas e o solo pela belleza incomparavel desses sacrificios e pela força incontrastavel desse exemplo.

M. S., a nossa agricultura ainda não tem historia. Que se escreva em Minas a historia da agricultura. As dificuldades que existem para as velhas civilizações, constituídas de paizes superpovoados, sem terras para cultivar, sem occupação para o excesso de braços, não existem para o Brasil, que é um paiz novo e de desertos, onde sobram terras e faltam braços. As nossas populações ruras vivem ainda hoje em um nível de cultura primitiva, em flagrante contraste com o grande desenvolvimento das cidades. E' mister attender a essa realidade e fazer urgentemente tudo quanto seja possível para que essas populações sejam trabalhadas por uma intensa campanha de educação.

Para tanto é necessario que se lhes forneçam os elementos de que necessitam para se libertarem dos males que as

aflijem e possam preparar-se para um futuro prospero sem as graves apprehensões que agora as intranquillizam e atormentam. E isto se conseguirá por uma permanente e vigilante assistencia educacional, que venha a modificar os methodos e processos rotineiros empregados em quasi todas as regiões do Estado. Este é por certo o vosso proposito. Avante, pois, senhores organizadores da semana de educação ruralista, sob as benções de Deus. — Escrevei a historia da agricultura em Minas Geraes.

PEDIMOS PERMUTA ÁS PUBLICA-
 ÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS
 E DO ESTRANGEIRO

Gloria Verde

(Marcha-canção)

Versos de Carmen de Mello — Musica de Samuel Segal

Côro

Ao ver os campos deste sólo amado,
já cultivados pelo Estado inteiro,
ha de cantar o coração calado (bis)
do honesto e forte lavrador mineiro.

Solo

Ha de cantar as odes da verdura
que o vento arranca dos cannaviaes,
subindo ao trino de uma apogeatura
às serranias de Minas Geraes.
Ha de cantar as ternas elegias
das quaresmeiras e as cantatas de ouro
que ipés estropham, como symphonias,
na poesia de mil cachos louros.

Ha de cantar a trova doce e quente
em tom vermelho de café maduro
e amoras rubras, na promessa ardente
de ouro e mais ouro a lhe marcar futuro.
Ha de cantar o algodoad florindo,
do S. Francisco, pelo valle em fóra,
quasi alvacento, sob a luar mais lindo,
quasi dourado, ao refulgir da aurora.

Ha de cantar a verde cabelleira
que ao vento solta o milharal formoso,
outra esperança vegetal mineira
de ufu futuro mais largo e bonançoso.
Ha de cantar a tímida surdina
de celio beijo ao viço do arrozal,
que corre o brejo e sóbe na collina,
ao sol abrindo o verde triumphal.

Ha de cantar a lua gloriosa
do hymnario verde, collossal floresta,
onde, aos milhões, em vida descuidosa,
as aves cantam numa eterna festa.
Ha de cantar, á luz da lua cheia,
entre as mineiras povoações ruras:
— E' bem mais doce a vida numa aldeia,
que a vida urbana pelas Capitães!

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

ANTES SO'...

A vida ao ar livre, longe da acção do ar estagnado e
aquecido dos locais superlotados, é um dos melhores recur-
sos para augmentar a resistencia contra os resfriados. —
IPES.

A Escola rural e o Município

Fausto ALVIM
(Prof. de Agr. e Hort.)

a) Cooperação com os governos da União e do Estado;
b) cooperação com os particulares; c) a transparência das creanças; d) a frequência escolar; e) o problema da formação de professores rurais.

a) COOPERAÇÃO COM OS GOVERNOS DA UNIÃO E DO ESTADO.

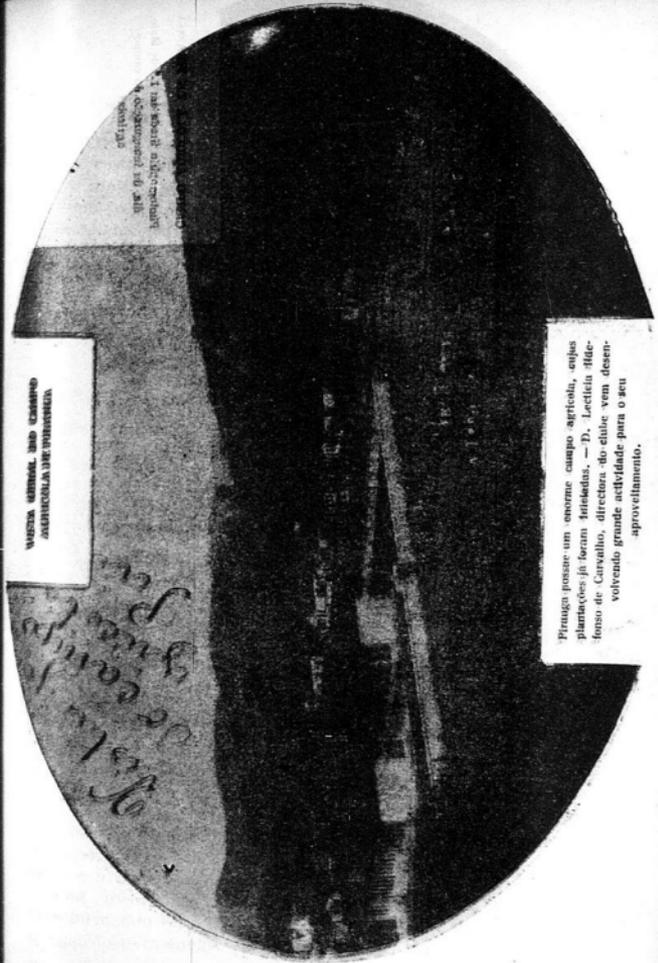
Devo o meu cordial agradecimento á "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres", por haver lembrado, na organização desta "Semana Agrícola", de um modesto administrador de município sertanejo, para explanar uma these de tão marcada importância.

Não sendo um especializado, não poderia, no entanto, negar o meu depoimento sobre o assumpto, principalmente por achar que o problema do ensino rural deve merecer o maximo interesse dos administradores municipaes.

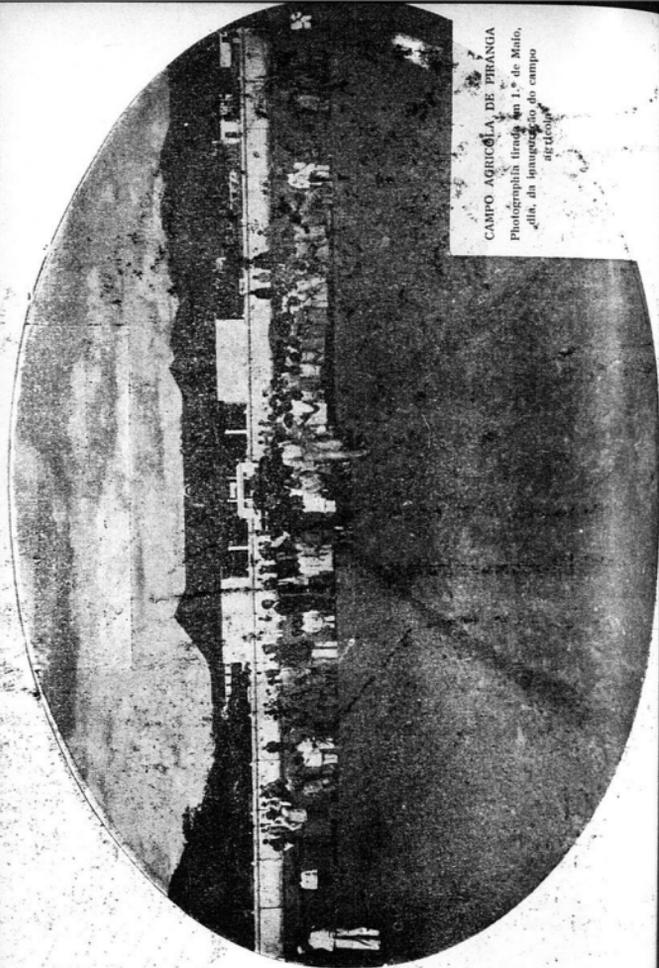
Si no que vou dizer me afasto algumas vezes de theorias consagradas, é porque procurei ater-me sempre ás possibilidades com que deveremos encarar um problema transcendente para o futuro da nacionalidade.

Antes de traçar quaesquer normas de cooperação entre a União, o Estado e o Município, quanto ao ensino rural, devemos considerar a posição actual do município brasileiro deante desse grave problema da nacionalidade. Sendo certo que a situação economica da generalidade dos nossos municípios é precaria, como resultante de uma série de er-

MUSEU CENTRAL DAS ESCOLAS
AGRICOLAS DE PORTUGAL



Franco possui um enorme campo agrícola, em
plantação de bonas fruteiras. — D. Leclito Hé-
lono de Carvalho, director do colégio vem desen-
volvendo grande actividade para o seu
aproveitamento.



CAMPO AGRICOLA DE PIRANGA
Photograph tirada em 1.º de Maio,
dia da inauguração do campo
agrícola

ros e de vícios passados, não é menos certo que ao município, restauradas as suas fontes de vida e conceituadas as suas novas responsabilidades, deve caber, d'agora em diante, um papel primordial na organização, diffusão e efficiência do ensino rural no paiz.

Mal administrados, asphyxiados por empréstimos mais ou menos ruinosos, os municípios vinham em geral fazendo das luctas partidarias uma agitação esteril e continuada, tanto no imperio como na republica. A educação do povo sempre esteve, no passado, em plano muito diverso para ser abarcado pelo angulo visual das facções locais...

Além das causas mencionadas que nos levaram a esse descaço pela instrução primaria, ha a considerar a má discriminação das rendas, que reduz o município a uma posição de absoluta impotencia deante das exigencias elementares do seu progresso e das suas obrigações primordiales. Basta dizer que o município americano, no que concerne á discriminação geral dos impostos, arrecada 54%, ao passo que entre nós essa arrecadação não foi além de 15% no ultimo decennio.

Não podendo estimular as suas energias vitales, sujeitos ás mais duras difficuldades, innumerous municípios brasileiros têm o seu progresso estancado e raros delles poderão cumprir fielmente as novas disposições constitucionaes, quanto á applicação de 10% das suas rendas á instrução publica.

Ora, a solução de um problema de tal importancia não pôde continuar entravada por tantos e tamanhos obstaculos. A questão precisa ser posta nos seus termos devidos e sendo, como é, uma questão moral para a nação, deve ser atacada com decisão e honestidade.

Tenhamos coragem de enfrentar a espinharia brava da nossa realidade, com animo mais objectivo e menos romantico. E' preciso não haver descontinuidade entre o meio e a capacidade de adaptação do nosso homem a esse mesmo meio. Queremos o homem brasileiro haurindo e transformando seiva puramente brasileira, num processo de adaptação permanente ao seu proprio habitat.

No município deveremos assentar as bases da nova construção política que estamos procurando levantar, numa visão pragmática do conjunto que idealizamos, em harmonia plena com a realidade dos factos que queremos reproduzir e disciplinar. Para isso, precisamos revitalizar o município, estruturando-o e aparelhando-o convenientemente.

Nesse processo de verdadeiro enfiamento é que o município vai reconhecer o primeiro impositivo do seu dever, qual seja a formação moral de seus filhos. É evidente que um município anarchizado pelas peores vicissitudes do regime, bem cedo haveria de perder a noção dos seus deveres cívicos e políticos.

Sem acreditar no poder de reformas miraculosas, theoreticamente perfeitas, acredito no entanto, que se encarrinarmos com senso pratico o problema do ensino rural e se tivermos a coragem de equacionar-o dentro da nossa estrita realidade, seremos capazes de romper a muralha chinesa que até aqui vem isolando as nossas populações roceiras dos cuidados assistenciaes do Estado.

Primeiramente, precisamos sair do cipoal em que nos mette a legislação. Parece que esta, entre nós, fugiu sempre á clareza desejavel em taes assumptos. Em verdade, não soubemos ainda delimitar as fronteiras que devem marcar a acção e os deveres da União, dos Estados e dos municípios quanto ao ensino primario, tecnico-profissional, etc. Não somos muito amigos da discriminação. A proposito dos assumptos mais serios, temos prazer em largar sempre aberta a porta das discussões interminaveis.

Outra coisa de que não gostamos é de limitar, no tempo, um certo programma de acção. Ora, na questão do ensino rural, principalmente pela sua premencia, pelo abandono doloroso em que a deixámos até aqui, precisamos saber o que podemos e o que devemos realizar em determinado tempo. Nada de discussões academicas, de tecnologia importada. O quadro é apenas este: deante de nós, no latifundio rural, u'a massa informe de analphabetos, de abandonados e de doentes, espalhados em extensões collossaes, cultivando toda sorte de vícios, mal alimentados e verminoticos; e

para acommetter essa empresa, qual a de despertar a consciencia dessa massa de desgraçados dispersos em leguas e leguas quadradas, o poder publico, por estes Brasis afóra, indeciso e transigente, com receio de assumir uma *attitude moral* deante do caso... Enquanto isso, *chovem reformas e regulamentos*, que mal roçam a epiderme da nação. E lá vem o argumento velho: o paiz não tem dinheiro, o Estado não tem dinheiro...

No entanto, uma analyse da historia dos nossos orçamentos, no tocante ás dotações educationaes, depressa nos mostraria o descaso que nos vem merecendo o assumpto. Quanto á decantada falta de recursos, a nossa historia politica e administrativa é fertil na demonstração do quanto temos sido habéis em procurar e achar dinheiro, quando elle se fez preciso para medidas que a fim sempre foram de salvação nacional...

Não, senhores. Vamos confessar, á puridade. Temos-nos recusado, systematicamente, a enearar o ensino primario no paiz com uma *attitude moral*, com o pudor que deve merecer ao Estado Brasileiro a consideração das suas chagas mais intimas. Eis a verdade.

Inercia do meio, indecisão, indifferença dos governos. Triangulo fatidico, dentro do qual costuma configurar-se um problema que nos tem arrastado ao maelstrom das nações anarchizadas, pobres e vendidas.

Senhores.

Queiram perdoar-me si deixei as cumiadas em que plana o espirito constructor da Sociedade Torreana, para derivar até ao fundo do valle, aonde, afinal, somos levados pela séde da verdade.

Partidario da maior descentralização administrativa, mesmo na questão do ensino, acho que é o momento proprio de sabermos, claramente, até onde deve ir, nesse terreno, o papel da União e do Estado, e onde começa, nitidamente, a attribuição dos municípios.

Não ha disposição constitucional que enfronte com exito a realidade da nossa extensão territorial, ainda menos

no caso do ensino. Si, até aqui, mal com o município, peor ainda sem a sua collaboração. O que se torna preciso é configural-a pragmaticamente.

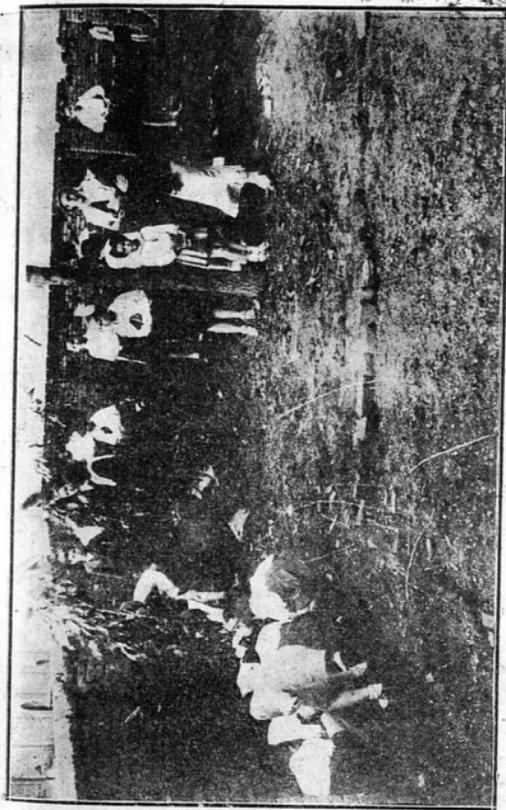
Primeiro passo: libertar a instrução do facciosismo político, preservando a realização dos planos educativos locais de qualquer civa partidarista, no afastamento continuado da incompetencia e da rotina. Conseguida essa honesta intenção preliminar, num terreno tão grave para a nação, tão virgem e já tão maninho, acommettamos o problema com bravura, com firmeza, acima de tudo com o designio inabalavel de apresentar um certo resultado, um saldo certo em determinado espaço de tempo. Para isso devemos contar com o que nos devem dar o governo da União e o governo do Estado.

A Constituição de julho dispõe no seu art. 156, parographo unico:

“Para a realização do ensino nas zonas ruraes, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das quotas destinadas á educação no respectivo orçamento annual”.

Essa dotação, provavelmente, ha de se fazer sempre dentro desse minimo, deante das difficuldades financeiras do país, e sua applicação deve cingir-se a um minimo: fundação de escolas profissionais para os trabalhadores ruraes, para contra-mestres agricolas e engenheiros agronomos, Escolas Nacionaes de Educação, Patronatos Agricolas, com internatos capazes de recrutar a população escolar nos meios de pouca densidade demographica, etc. Como vemos, já é uma tarefa que nos faz pensar em recursos bem mais consideraveis que os 20% assegurados pela nova Constituição... Infelizmente, dado o desapparelhamento economico da União achamos mais pratico estender as nossas vistas a um plano mais proximo.

Sem prejuizo do que possa determinar em essencia o plano Nacional de Educação, que deverá fixar em definitivo e systematicamente o que cumpre realizar a União, os Estados e os municipios no que respeita á educação popular,



“FESTA DA ARVORE” NA ESCOLA NORMAL DE JUIRO-FINHO. — Os alumnos das classes annuarias do horto organizado, no dia 21 de setembro de 1935.



GRUPO ESCOLAR "TELPEPE LOS SANTOS" — ITANHANDU' — Em cima: — pesagem de algodão.
Em baixo: — outro grupo do 2.º anno cuidando das arvores

poderiam os Estados, desde já, pensar objectivamente nas linhas mestras do esforço commum que devem conjugar com a União, quanto ao ensino rural, ao ensino profissional e ao ensino complementar. Mesmo porque, procedendo-se assim, pragmaticamente, o edificio projectado surgiria como deve, de baixo para cima, de modo que a eupolia ficasse em harmonia com o estylo geral da obra.

Não adianta idealizar com luxos de detalhe o Plano Nacional sem saber como vai elle se ajustar, em suas minucias, ás nossas realidades ambientes. Seria preferivel uma organização mais modesta, mas de acção effectiva e continuada, com objectivos claros, organização cujos fructos fossem apparecendo com o tempo, factor imprescindivel com que devemos contar num paiz como o Brasil.

O nosso ensino em todas as suas modalidades está sufficientemente desorganizado para nos permittir planos apriesticos. Ponhamos em marcha uma engrenagem, modesta embora, mas que entrose os esforços da União, do Estado e do Município quanto ao ensino rural. A União, pelo que puder ser realizado, saberá, com o tempo, em que linhas moldar a sua acção "para cooperar com os Estados na orientação e o desenvolvimento do ensino regional".

E' o que muito bem explica Teixeira de Freitas, na sua these ao 1.º Congresso de Ensino Regional, reunido na Bahia: "o que é possivel e cumpre assentar é que essa cooperação se deve dar na intimidade de um systema que engrene convencionalmente as actividades das tres ordens governativas que em tal materia assumem responsabilidades. E, assim, a cooperação da União se desdobrará naturalmente em todas as fórmias que as leis federaes permittirem, mas orientada e applicada segundo o que deliberado fór pelo órgão competente do systema instituido, o que vale dizer, com perfeito conhecimento de causa e de todas as circumstancias que devam ser attendidas, e ainda na consideração totalitaria da vida educacional da Republica, na sua comprehensão, no sentido e nos factores que a devem impulsionar, tudo systematica e rigorosamente ordenado aos fins em vista".

Como pôde o município cooperar efficientemente com o Estado na disseminação do ensino rural? As dificuldades para essa premente e necessaria cooperação são múltiplas e decorrem quer da situação economica da maioria das nossas communas, quer da natureza de seus governos, em geral puramente politicos, nem sempre synchronizados com os interesses fundamentaes da nacionalidade.

Questão moral, social e economica, de profundo interesse humano, fôge em geral ás preocupações de tantos governos locais, que vêm no Brasil uma representação geographica confusa e no brasileiro uma pagador de imposto ou um eleitor a ser explorado.

Assentado que os nossos municípios necessitam viver e cumprir a missão basica que lhes compete no regime, saneadas as suas finanças com remedios drasticos, ampliadas as suas rendas de accordo com uma razoavel discriminação, poderemos então fixar o que cumpre fazer o município no campo do ensino rural.

Ao invés dos municípios cingirem-se apenas á applicação dos 10% das suas rendas ao ensino rural, sem maior interesse pela organização e progresso das suas escolas, interesse que em geral só vae á nomeação da professora, aliás sem maiores requisitos de preparo, ao invés disso, é necessario que o município assuma o dever de uma cooperação com o Estado, que é a mais alta manifestação da sua existencia cívica e politica.

Já tem sido preconizada a criação dos conselhos escolares municipaes, cujos membros sejam nomeados não pelo Estado, mas eleitos. Si a existencia do nosso *corpo nacional* fosse uma realidade palpavel em todos os meios, o recrutamento dos membros desse conselho seria simples: — elles estariam naturalmente dentro dos varios syndicatos profissionais. Mas, com as vicissitudes da nossa existencia communal, quanto menos eleição, melhor. Sendo assim, o conselho escolar municipal deveria ser constituído do prefeito, do juiz de direito, do promotor publico, dos directores dos estabelecimentos de ensino, sob orientação de um inspector technico, fornecido pelo Estado.

As attribuições desse conselho estão muito bem descriptas por Gustavo Lessa no seu notavel trabalho "O Governo e a Educação": — "além de organizar annualmente o orçamento da contribuição municipal ao ensino, o conselho examinará annualmente a situação da matricula escolar, o numero das creanças que bateram ás portas dos estabelecimentos e os encontraram repletos; os districtos aos quaes já e preciso attender, a conveniencia de melhorar a edificação escolar e, depois desse exame, proporá ao órgão politico, isto é, ao Conselho Municipal, os impostos que cumpre levantar para se ir provendo a situação. O que é necessario é que estes impostos não sejam taxas por captação e sim baseados na propriedade ou na renda dos contribuintes".

Fica, assim, creado o órgão responsavel e capaz de imprimir ao ensino rural no município, com a vigilancia rigorosa e o estimulo permanente do Estado, uma directriz clara e certa.

Que cabe ao Estado fazer? Isto: — assegurar a mais completa assistência technica ás escolas ruraes; determinar que o provimento das cadeiras seja feito por concurso, presidido pelo assistente technico do ensino; fornecer o material escolar necessario; fornecer as plantas dos predios escolares; crear e manter os centros regionaes de formação de professores ruraes; conferir aos municípios ricos uma relativa autonomia na sua politica escolar; manter vigilante assistência medica junto ás escolas, por meio dos seus postos de hygiene; gravar de pesados impostos a fortuna improductiva e, razoavelmente, a renda dos capitalistas e proprietarios, para com o producto desses impostos promover e ampliar as organizações escolares municipaes e sua assistência.

b) COOPERAÇÃO COM OS PARTICULARES

No campo da cooperação com os particulares, o município deve alliar-se estreitamente ao fazendeiro, para accommetter com successo o maior reducto de analfabetismo, que é latifundio rural.

Sem essa aliança, numa fixação severa de deveres reciprocos, as reformas escolares continuarão a padecer entre nós de um antigo vicio original, a superficialidade. E' incrivel como nos planos educacionais tem sido possivel até aqui desconhecer a nossa formação historica profunda, a ponto de se não dar a menor importancia á funçào que o fazendeiro deve representar, livre ou compulsoriamente, na diffusão do ensino primario no corpo da nação.

Mesmo nas zonas rurais mais prosperas do paiz é commum a observação de fazendas importantissimas sem nenhuma escola, o fazendeiro absolutamente desinteressado de problema escolar. Nem o Estado, nem o municipio tomam conhecimento do phenomeno...

O mesmo acontece a innumeras empresas industriaes, espathadas nos meios rurais, que mantem a mais soberana indifferença pela questão escolar.

Esta situação não pôde permanecer por mais tempo.

Ao Estado e ao municipio, não se falando na União, compete forjar o professor e, existindo este, impol-o ao lavrador cuja fazenda, pela sua população, comporte uma escola. Caso contrario, a escola será localizada de modo a servir a um certo numero de fazendas.

Os fazendeiros devem pagar ao professor primario pelo menos a metade dos seus vencimentos arbitrados pelo Estado e esse pagamento será effectuado conjunctamente com os outros impostos. O Estado e o municipio responderão pelo funcionamento regular da escola, em sala ou predio construido pelo fazendeiro.

Nas zonas de escasso coefficiente demographico, os latifundiarios concorrarão tambem com a União, os Estados e os municipios para a manutenção de patronatos agricolas, com internato capaz de recrutar a população escolar da região.

Nas zonas de trabalho agricola organizado e com maior indice demographico, os fazendeiros devem ser compellidos a organizar as suas colonias em núcleos de casas hygienicas, cujos typos serão fornecidos pelo Estado.

Uma escola, ou as que se tornarem necessarias, servirão a um ou mais nucleos de colobos, cuja fiscalização pelos technicos de ensino, e assistência regular pelos postos de hygiene, ficarão assim asseguradas.

Pesadas multas seriam impostas aos fazendeiros que de qualquer modo quizessem furtar-se a essa cooperação sagrada, fida pelo Estado e pelo municipio como fundamental á sua organização escolar.

Precisamos adoptar remedios heróicos para incorporar á existencia moral da nação milhões de individuos que, entrincheirados no latifundio, são hoje um valor negativo e, ao mesmo tempo, as nossas maiores reservas de futuro. Mas, para isto, não basta a sua alphabetização somente. E' necessario que os governos cerquem o nosso homem do campo de uma assistência continuada, de modo que elle se sinta a unidade consciente de um grande todo. Logo termine a seu curso primario numa escola rural, é preciso que o poder publico tome a si a protecção desse novo valor, garantindo-lhe um padrão de vida mais nobre e assegurando-lhe uma educação profissional condizente ao meio em que nasceu e se criou.

Queremos uma escola que radique e homem á sua terra, inspirando-lhe motivos para querel-a e amal-a. Por isto mesmo, a escola rural é a escola nacionalizadora por excellencia.

Apprendi as primeiras letras em uma escola dessas e a ella fiquei devendo uma infinidade de impressões que para sempre fixaram em minha alma o selo da terra e do meio em que nasci.

c) — O TRANSPORTE DAS CRIANÇAS

Problema esse complicado e quasi insolúvel, não só por motivos geographicos como tambem pela nossa condição de paiz pobre, sem meios bastantes de transporte.

Para se remover praticamente o factor distancia entre as escolas rurais, principalmente nos meios pouco povoados, só a extrema diffusão dessas escolas pelo nosso interior, ou a

criação de colonias-escolas, patronatos agrícolas com internatos, capazes de acolher e educar convenientemente a população infantil dispersa em os nossos sectores. Aliás, a meu ver, seria esse o typo ideal de escola para os filhos dos nossos colonos. Além de outras vantagens, resalta o lado moral e hygienico. Pois é notório que uma creança, o que luera de dia na escola rural, perderá facilmente á noite, ao contacto de paes viciados e embrutecidos, vegetando em miseraveis casus. A creança precisa adquirir a noção e o gosto da ordem e da hygiene e, evidentemente, não será só nas poucas horas escolares que irá cultivar e consolidar esses habitos sadios, que implicam grandemente a exigencia de uma morada simples, mas limpa, arejada e alegre.

Apezar da nossa carencia de vias de comunicação, acontece ás vezes que, nas zonas servidas por estrada de ferro, havendo horarios convenientes, é possível o transporte gratuito de escolares de um ponto a outro para a frequencia ás escolas rurais distantes. Tambem as empresas de automobus para passageiros poderiam conceder certo numero de passagens ás creanças que só podem frequentar escolas afastadas. Isto, como logo se vê, só seria possível em casos excepcionaes e numa reduzida área do paiz.

Nas zonas agrícolas, obrigados os latifundiarios a construir nucleos de colonização, abandonado o systema de isolar o trabalhador nas grotas e nas lavouras — longe de qualquer convívio social, vivendo apenas para o trabalho bruto, de sol a sol — esses nucleos annullariam em grande parte o isolamento em que vive o nosso homem do campo e, portanto, a falta de assistencia de que elle vem padecendo até aqui.

Se é certo que a escola deve ir ao encontro dos nossos trabalhadores, é igualmente certo que precisamos congregalos, socializar as suas actividades e levá-lhes, com a escola, a saude, o radio, o cinema, a electricidade.

Já na zona de pastoreiro, de população dispersa em leguas e leguas quadradas, em que o aggregado se fixa em pequenas manchas de terra boa, nos ondulosos sem termo, já aqui não será possível evitar a fatalidade physica do meio,

que gera semelhante regime de trabalho. Só os patronatos, como assignalamos antes, poderão reunir e internar a população escolar dispersa.

Pelo desconhecimento systematizado das nossas condições physicas, das *deformações congenitas da nossa organização social*, as nossas reformas de ensino perdem logo o impulso inicial, não se anastomosam no corpo da nação e mal satisfazem aos meios urbanos.

Temos o véso de legislar para o paiz sem nenhum sentimento sociologico, como se fossemos uma realidade continua, quando, na verdade, o Providencia nos legou, para estímulo de um povo que quer affirmar pelo seu proprio esforço, as mais diversas e as mais rudes condições de progresso.

d) — A FREQUENCIA ESCOLAR

Em muitas escolas rurais é difficilimo obter-se uma frequencia satisfactoria. Não contanto o problema da distancia, já mais ou menos considerado, a escola não é frequentada por outras razões ainda. A desculpa mais frequente dos paes é a necessidade que têm do trabalho dos filhos. Creio mesmo, pelo que tenho observado nas escolas do Municipio que administro, ser esta a maior força que se oppõe á frequencia das escolas rurais. Vem depois a miseria, que não raras vezes attinge proporções impressionantes, verificaveis não só dentro das escolas urbanas como tambem nas escolas rurais.

Como combater essa resistencia dos paes?

Multas, ameaça de processo, etc., são medidas inocuas e ás vezes contraproducentes. Não só, na maioria dos casos, o individuo mal ganha para o sustento diario da sua familia, não podendo pagar as multas que lhe são impostas, como a applicação de penas mais severas vem crear, para o professor, no meio isolado em que exerce o seu magisterio, uma situação difficil. Sou testemunha até que ponto pôde chegar a reacção de um roceiro contra uma pobre professora, ciosa da frequencia de sua aula.

Além disso, o que é indispensável, é a maior cordialidade entre professores e paes de alumnos, de modo que a escola se transforme em um centro social activo, no pequeno meio em que se installa e deve actuar.

Só a permanente assistencia ás escolas ruraes, por parte dos administradores municipaes, dos conselhos escolares, dos inspectores technicos de ensino, dos sacerdotes, dos medicos encarregados dos postos de hygiene, enfim, de todas aquellas organizações ou pessoas capazes de insuflar á existencia das nossas escolas ruraes um maior prestigio, um maior entusiasmo, só o calor dessa assistencia continuada poderá manter nellas, sempre viva, a consciencia da sua transcendente missão nacional.

Creado em torno da escola esse halo de prestigio, inspirador de sentimento nacional, ella exercerá mais facilmente um dos seus mais altos deveres, qual seja o de ajudar a incorporar á existencia cívica da nação essa massa envilecida de brasileiros, inimigos da escola, refractarios ao progresso e aferrados á rotina.

Quanto á miseria em que se apresentam tantas creanças nas escolas urbanas, suburbanas e ruraes — miseria organica, pela deficiencia de alimentação regular e sadia, ou penuria de vestimentas e de calçados — o mais que podem fazer as caixas escolares é manterem sôpas e merendas, porque, na generalidade, a situação financeira dessas caixas é precaria e ellas não poderiam occorrer sempre ás despesas com roupa e calçado. Essa obrigação deveria competir ao Estado, porque semelhante fórmula de assistencia não pôde ser relegada a segundo plano.

Outra modalidade de assistencia, importantissima, é a dentaria, de tamanha efficiencia nos centros escolares adeantados e que tambem deverá estender-se, ainda que periodicamente, ás escolas ruras.

Quer a assistencia medica, quer a dentaria, devem ser acompanhadas de preleções praticas, em linguagem clara e accessivel, na presenca dos paes dos alumnos.

Só quem perlustra os relatorios das inspectorias medicas escolares da Capital da Republica e de S. Paulo, com



GRUPO ESCOLAR 'FELIPPE' DOS SANTOS' - ITANHANU' - Em cima: - trabalhando na lavoura.
Em baixo: - plantio de amoreiras



Diversas actividades dos socios do Clube Agrícola do Grupo Bernardo Monteiro. Este centro já realizou excellentes trabalhos



graças à dedicação de sua directora Carmelinda Vaz de Melo. Tem hoje a assistência do estudante de agronomia André Cezar

as suas estatísticas impressionantes e dolorosas, pôde aquilatar da relevancia e magnitude desses cuidados assistenciaes, que estão longe de uma efficiencia completa, mesmo em os maiores centros, com grave reflexo sobre a frequencia escolar.

Nos meios escolares ruraes, é preciso confessar que ainda não acordámos para o assumpto, ainda que isto dêa ao nosso sentimento patriotico.

e) O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES RURAES

Depois que Sud Menucci, no seu livro notavel — "A crise brasileira de educação" — versou esse assumpto, é difficil acrescentar-lhe qualquer cousa de novo, de tal fórma foi o illustre educador ao fundo do problema.

A formação do professor é a pedra de toque do ensino rural, como de qualquer ensino.

Como sabemos, as escolas normaes urbanas estão longe de poderem formar o professor rural, pedagogicamente, psychologicamente e socialmente falando.

O professor rural, artifice indispensavel na forja de uma nova consciencia nacional, tem que ser gerado no proprio meio em que vae actuar, porque só esse meio poderá infundir na alma do educador rural as secretas e profundas correspondencias que devem existir entre a alma do mestre e a do discipulo.

O professor rural tem que ser um adaptado, uma construção massiça de brasileiro do interior, um catechista de ferro, servido por uma alma e um coração de verdadeiro sacerdote leigo. Porque a escola, por esse nosso interior afóra, desde a colonia, vem sendo muito impopularizada e a rotina que a celebrou no passado é ainda mais constante do que parece.

Ensinar e apprender, na roça, ainda costuma ser um supplicio, porque mesmo os paes querem resistir aos methodos novos de alphabetização e ensino, obrigando os professores a adoptarem processos pedagogicos hoje de todo conde-

mnaveis, quando não fazem o opposto, desmoralizando os mestres e substituindo-se á sua autoridade.

No meu municipio, o inspector escolar encontrou, um dia, em certa escola, a famigerada "cabúina", a "Santa Luzia de cinco olhos", mas só para fazer medo, no dizer do professor . . .

Não tenhamos duvida: pelos sertões a dentro, a escola está muito longe de haver deixado completamente aquellas praticas sadistas, tão em voga nos tempos dos nossos avós e dos nossos paes.

Isso foi e será sempre possível, emquanto não tivermos o nosso novo exercito de professores ruraes, bandeirantes de uma cruzada que ha de descobrir outra vez o Brasil.

Si toda natureza de educador deve, forçosamente, pertencer ao typo social, na affirmação de um mestre, essa exigencia é maior ainda em se tratando do typo do educador rural: — a sua tarefa é desenvolver e fortalecer as bases psychologicas e sociaes da formação do homem brasileiro em função do seu meio, radicando-o nelle pelo cultivo cuidadoso dos seus sentimentos e tendencias, ou estimulando-lhe os *valores illimitados* de que é portador.

Tenho para mim, pelo conhecimento adquirido na minha vida de campo, pela dureza e innumerables vicissitudes de que ella se reveste, na matta ou nos sertões, de que a alma do nosso professor rural deve-se forrar do animo de um evangelizador. Porque o professor rural vae ser o marco a ser erguido entre um Brasil posiço, que vive mais das apparencias, e um Brasil ignorado e tenebroso, mas real e cheio de promessas.

Por isso, o novo professor rural brasileiro tem que ser uma organização integral.

Elle deve carrear para os sertões a palavra nova de um nacionalismo sadio, cuja base tem que assentar na rocha eterna da nossa tradição christã. Uma escola sem tradições na alma do povo e sem uma luz interior que a norteie para a consideração dos valores eternos, é uma escola morta.

É necessario que o professor, pelo destino moral e nacional da sua missão, construa diuturnamente, infatigavelmente, as verdadeiras reservas do nosso amor proprio nacional, pois não representa isso as superficialíssimas crispacões litoraneas, que, como agora, reflectem a nossa profunda crise social, politica e economica. É que, para o diagnostico do mal, nos preocupamos mais com as cambiantes transoceanicas, quando as raizes desse mal se enterram num plano que ha muito deixou de estar sob o nosso campo visual . . .

A verdadeira crise brasileira, como assignala Sud Nuccci, está no campo: — "ou nós a resolvemos com intelligencia e clarividencia, enquadrando-a no plano do nosso ideal nacional, ou ella se resolverá de *per sí*, da maneira que lhe fór possível, mesmo contra nós".

Esperar que as escolas normaes ruraes, que só agora começam a ser fundadas no paiz, nos forneçam o contingente de professores ruraes de que temos angustiosa necessidade, não é possível.

Contentemo-nos, então, com um exercito de *batedores*, cujo preparo immediato é possível e urgente.

Para esse fim, deveriam ser fundados em todo o paiz os pequenos centros locais de formação de mestres provisórios, funcionando junto aos grupos escolares, cujas professoras receberiam uma gratificação adicional para preparem os candidatos ao professorado rural.

Quando as escolas normaes ruraes fossem sufficientemente espalhadas no paiz, esses mestres provisórios iriam sendo substituídos, até que, por sua vez, se habilitassem ao magisterio definitivo.

Esses ligeiros cursos locais seriam fiscalizados pelo inspector tecnico de ensino do Estado. Os professores preparados, submettidos ás provas finais, seriam logo escalados para as escolas municipaes, cuja criação, por um estudo anterior consciencioso das zonas necessitadas, fosse de antemão resolvida.

Sendo justo e necessario que os fazendeiros collaborem nessa obra nacional de alphabetização do povo, como accen-

tuámos anteriormente, tendo-se em vista a renda dos proprietarios, a importancia dos estabelecimentos rurales a serem beneficiados, o professor rural poderia ser bem pago. O Estado dividiria com os proprietarios os onus desse pagamento, garantindo-se ao professor rural um padrão de vida melhor, mais condizente com a sua elevada missão.

Senhores,

Eis os commentarios que me occorreram sobre o assumpto que me coube ventilar.

Entre a posição dos que querem, á viva força, interpretar o Brasil com os olhos postos lá fóra, preocupados mais com o barulho que vae pela casa dos outros do que com a desordem que reina na propria casa, nos alistamos entre aquelles que, com melhor instincto, preferem a attitudé inspirada na velha prudencia brasileira, que o snobismo internacionalista não nos terá feito de todo esquecer.

Essa é a posição do homem do interior, para quem, felizmente, o Brasil existe na dureza real do seu cerne.

A nossa decisão, o nosso dever, um dever que não póde tolerar mais discussões inúteis, é transformar essa resistencia instinctiva na defesa da nossa propria casa, numa attitudé consciente de verdadeira affirmação nacional.

E' a cruzada formidável que vem prégando esta Sociedade, sob a inspiração dos ensinamentos de um grande brasileiro, em cujo coração a patria existiu sempre, na realidade do seu soffrimento e na comprehensão clara do seu destino!

Antes, porém, de fechar as ligeiras considerações que vimos fazendo, á guisa de opportuna advertencia áquelles que, entre os homens publicos do Brasil, estão sempre propensos a acreditar no milagre da energia, contanto que ella seja produzida pelo dynamo estrangeiro, temos a dizer o seguinte:

Si a nossa educação agricola é rudimentar, mesmo nos Estados onde ella attinge um grau mais favoravel, essa circumstancia, longe de favorecer, vem crear ás vezes para o

trabalhador nacional uma condição de maior miseria. E' o que se verifica em S. Paulo, onde levas e levas de sertanejos do Norte, sem o indispensavel treino agricola, apenas são acceitos nas fazendas á falta de outro qualquer material humano. Isso tem sido já constatado por muitos observadores.

Si se verifica esse phenomeno em S. Paulo, onde tudo concorre para radicar o homem á terra, elle se agrava em tantos outros Estados da Federação, em que o nosso trabalhador continua o eterno nomada, e só teve o problema da colonização nacional encaminhado até agora contra os seus proprios interesses.

Alberto Torres, assignalando um dia o abandono a que temos condemnado o nosso homem rural, encareceu-lhe as qualidades incomparaveis e disse que estaria ao nosso alcance fazer do caboclo brasileiro *um japonés* para o nosso meio.

No momento em que arribam ás nossas plagas estranhas embaixadas, representando companhias orientaes, cujos *gens* astronomicos assombrom e ofuscam o raciocinio indigena, seria melhor contivessemos a nossa imaginação mirabolante e attentassemos no seguinte painel:

Em certo municipio de Minas, o nosso homem do campo, como semente que brota e produz sempre de acaso na terra da enxorrada, viu-se um dia empurrado pelo amarello, educado, tenaz, economico e organizado. Os morros daquellas redondezas, todos os annos, se cobriam de ondulantes e doirados arrozaes. O Rio Grande carregava as suas aguas por entre um valle das mil e uma noites... Tudo era amarello: e homem, o grão que plantava, a riqueza que recolhia...

Mas, passados alguns annos, a terra esgotou-se, diante da systematica pilhagem que soffrera. Nada se lhe restituia, em troca dos elementos que perdia todos os annos, com aquelle revolver permanente de arados, recolhendo sempre nos sulcos a mesma semente. O phenomeno complicára-se com a erosão das terras e as encostas, desnudas de qualquer vege-

tação, começavam a se esventrar em buracões escancellados, interceptando as estradas...

E o alienígena emigrára, na sua incontida caça ao humus...

Senhores,

Dentro do quadro que vos acabo de descrever, ha um ponto em que podemos emparelhar o melhor colono do planeta — o japonês e o melhor que os melhores, o brasileiro, quando sadio e convenientemente educado.

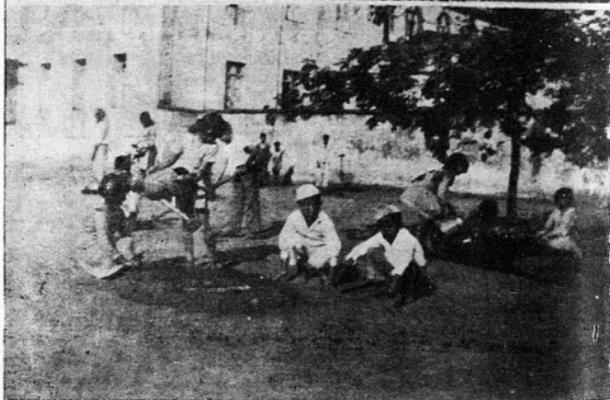
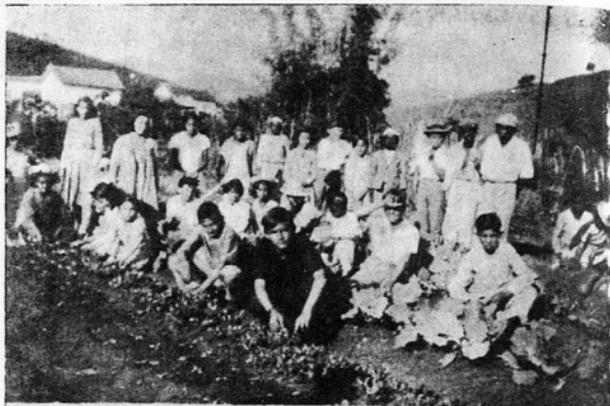
Ambos têm defeitos, e graves. Têm, no entanto, qualidades preciosas. Um é nosso, e para ser perfeito, só exige educação e saúde. Será, assim, incomparavel entre todos os trabalhadores da terra. Por isso acreditamos firmemente que as escolas ruraes e o ensino agrícola, valorizando o homem do campo, construirão as bases verdadeiras da grandeza do Brasil.

OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO ESTADO, (GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS REUNIDAS, ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS OFFICIAIS) QUE NÃO ESTIVEREM RECEBENDO A "REVISTA DO ENSINO" COM REGULARIDADE DEVEM DIRIGIR SUAS RECLAMAÇÕES A ESTA REDACÇÃO, NA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

E SAUDE PUBLICA



GRUPO ESCOLA 4 «ELIPPE DOS SANTOS» — ITANHANDA — Em cima: — plantação de batatinhas
Em baixo: — alunos do 4.º anno cuidando do jardim



GRUPO ESCOLAR FELICIO DOS SANTOS — ITANHANDU. — Em cima: — alumnas do 3.º ano trabalhando na horta. Em baixo: — cuidando das arvores do pátio

As artes nas escolas ruraes

Prof. Anibal Mattos

Esta palestra não obedecerá propriamente ao assumpto que se relaciona com as artes na Escola Rural, será antes uma referencia ao ensino do desenho e á sua utilidade na vida dos campos, uma vez que hoje se tornou elle um factor precioso da educação.

A evolução do desenho arrancou-o da sua primitiva e antiquada phase de imitação.

No tempo de Luiz XIV, e até a metade do nosso seculo, havia a preocupação da copia da technica dos mestres, impedindo a emancipação da personalidade, só accessivel ás excepcionaes intelligencias. De longe vem a preocupação da formação artistica dos povos e a Colbert, ministro de Luiz XIV, se deve um dos mais interessantes movimentos culturaes dessa época, em 1664, movimento que procurou alterar os velhos processos do ensino artistico, tornando-o mais accessivel do povo pela educação do gosto. Com esse espirito de elegancia e de brilho appareceram as finas decorações do Louvre e de Versailles. A evolução não era um golpe de morte no classicismo da Renascença, mas representava, no emtanto, um abalo bastante forte, precursor de futuras modificações. E a verdade é que Colbert conseguiu desenvolver a produção artistico-industrial da França, e o desenho entrava na sua phase de utilidade, tornando-se factor primordial de economia nas artes applicadas e industriaes.

O desenho é hoje uma das mais importantes disciplinas da escola moderna. Nos Estados Unidos da America do Norte ha uma preocupação ainda mais elevada, a ponto de

serem creados, em varios Museus, departamentos para infancia. Foram instituidos cursos que nada têm que ver com o ensino classico das Bellas Artes.

O principal é desenvolver a sensibilidade artistica da creança, pondo-a em contacto frequente com as obras de arte, e desenvolver os trabalhos de modo a manter sempre activa a curiosidade infantil. As obras desse Museu especializado permittem um estudo associado intelligentemente á historia, á geographia, ás sciencias naturaes, á litteratura, etc... Assim a visita ao Museu não é sómente um passeio attrahente, mas, tambem, um meio de augmentar a somma de conhecimentos das creanças e de educar-lhes a visão.

Por essa fórma se allia o estudo das artes ao de tantas outras materias uteis e importantes. Nesses Museus se encontra a fonte maravilhosa para trabalhos que se illustram naturalmente. A creança apprende a ver e resolve as questões observando o material que a cerca, com intelligencia e sympathy. O desenho não constitue ahí uma instrução technica mas serve para desenvolver cada vez a atenção, educando o cerebro para as mais felizes realizações manuaes, estimuladas pelo interesse e pela curiosidade intellectual.

O ESTIMULO DA CURIOSIDADE

E' bem exacto o pensamento de Ingenieros quando affirma que estimulando a curiosidade, em sua alta significação, a vida se torna uma escola. E essa comprehensão da vida nos ensina a activar a curiosidade util e desinteressada, isto é, aquella curiosidade intellectual a que já nos referimos.

E' interessante observar como se approximam ahí emoções antagonicas. Observou James esse facto com a curiosidade e o modo ao serem ambas as emoções provadas pelo "mesmo objecto exterior" e sendó uma e outra de grande valor ao ser que as possui.

Na verdade, deante do desconhecido, não podemos saber, de momento, o que é util ou nocivo. Ahí o medo e a curiosidade substituem a indifferença, que poderia ser fatal. A "novidade" concretiza "a base instructiva de toda a curiosidade biologica e humana, sem que possamos, no entanto, á sua primeira apresentação, discernir o que é util ou nocivo."

A curiosidade, diz-nos Ingenieros, (*) é sempre utilitaria, uma ampliação da experiencia implica um conhecimento menos inexacto da realidade e constitue uma vantagem na lucta pela vida, favorecendo a adaptação e supervivencia. Affirmam os biologos que "á medida que os seres evoluem, especializam tecidos e órgãos que facilitam o desenvolvimento das differentes funcções necessarias para a conservação da vida". Originam-se desses órgãos "as especializações definidas da sensibilidade e do movimento.

Sem referir-me ás tendencias ou inclinações directamente ligadas á vida physica, quero destacar as que a ella se relacionam, indirectamente, por meio da actividade mental, dando causa ao desenvolvimento das tendencias, estheticas, religiosas, intellectuaes, etc.

"A tendencia intellectual — ou curiosidade — se manifesta de modo imanente ou hereditario, orientada da maneira mais efficaz para conhecer a realidade ambiente, estendendo o campo da experiencia individual " (José Ingenieros, "Psychologia da Curiosidade).

A Biologia e a Psychologia parece terem substituído o "instincto" por essa tendencia intellectual, "habito" da funcção de conhecer, adquirido pela especie e transmittido hereditariamente. A curiosidade é fonte de sabedoria, "é um estado de actividade de nosso ser, que accomoda nossos centros nervosos mais evoluídos para facilitar as percepções ou representações uteis á vida. Para muita gente a felicidade suprema está na ignorancia, na estagnação da cu-

(*) "Psychologia da curiosidade".

riosidade — a provocadora dos grandes enigmas, do “porque” e do “como” das cousas, que traz o espirito suspenso, á beira dos abysmos ou na proximidade dos astros, que é o privilegio das almas alertas, ávidas de conhecimentos; que é “viver com o engenho alerta, sobre as manifestações da Natureza, perscrutando os seus segredos mais íntimos, auscultando suas palpitações, decifrando seus problemas remotos e tenebrosos, multiplicando a propria vida pelos cem caminhos novos que surgem deante dos olhos...”

A curiosidade é, afinal, uma necessidade complexa de todo o organismo. Educa-a é intensificar o amor pelas cousas altas do espirito, pelas sciencias, pelas letras, pelas artes, pela Natureza, que são as mais claras expressões da cultura, da Civilização de um povo ou de uma raça.

A escola activa se apoia na observação directa da Natureza, baseando o ensino no aproveitamento da actividade consciente do alumno para conduzi-lo á realização dos fins elevados que a caracterizam.

Com taes fundamentos essa escola está na directa dependencia do desenho e dos trabalhos manuaes. O desenho é a expressão graphica pela qual o alumno mostra não só o que vê ou imagina, mas, tambem o que projecta ou pretende executar. Mas o desenho deixou de ser, dahi por deante, a materia de finalidades isoladas, artistico por excellencia, de fórmulas convencionaes, para tornar-se como já o ideara Violet Le Duc, meio de expressão como a palavra escripta.

Deixou de ser um fim para tornar-se um meio; do throno de ouro do sonho e da phantasia veiu para o postulado das realidades, como elemento educacional de primeira grandeza, desde a escola primaria até as escolas superiores.

Na escola primaria, quer urbanas, quer rurales, o desenho tal como a linguagem falada e escripta, “está intimamente ligada á observação, ao conhecimento, investigação, representação e utilidade das cousas. Como, porém, os intuitos da Escola nova estão voltados de face para as acti-

vidades expontaneas dos alumnos, no sentido de melhor conduzir á eclosão de suas personalidades, o desenho, como factor educacional, deve ter a feição realista de expressão graphica das cousas, ou representação das imagens do mundo exterior ou inteiro, que impressionam directamente. Dest’arte a orientação racional é aquella que se lastra na manifestação graphica expontanea para conduzi-la, pedagogicamente tal como se procede para o cultivo das expressões falada e escripta”, (Nereo de Sampaio).

Esta fórmula pensam Nereo de Sampaio, Adalberto Mattos, Cunha Mello e tantos outros eminentes professores, que no Brasil estão integrando o desenho dentro das actividades novas da Escola actual, sem preocupações propriamente artisticas, mas com finalidades puramente educacionais. O desenho chegou a esse apogeu na pedagogia moderna após estudos profundos e demorados de physiologistas e psychologos que se estribaram em uma documentação abundante e valiosa, que concorreu para a reforma final do ensino do desenho, trazendo-o ao seu logar de linguagem graphica.

Na America do Norte se installou o maior laboratorio de experiencias da actualidade, onde trabalham verdadeiros sabios em constantes pesquisas.

Mas a Escola Rural deve obedecer a um typo differente do das escolas communs, e a uniformidade existente vem prejudicando grandemente o ensino, porque ás finalidades deveriam variar conforme as diversas necessidades do meio. O desenho na escola rural deve ser adaptado ás immediatas exigencias da vida dos campos, associando-se da mesma fórmula ao plano de estudos dessas escolas, que deve ter um cunho profissional ou accentuadamente especializado, no intuito de orientar a creança para a existencia nobre e fecunda dos cultivadores da gleba, dando-lhe os conhecimentos elementares da agricultura a par de outros conhecimentos indispensaveis. Além do desenho associado, vulgarmente applicado, torna-se mister uma parte mais desenvolvida da morphologia geometrica e o conhecimento do de-

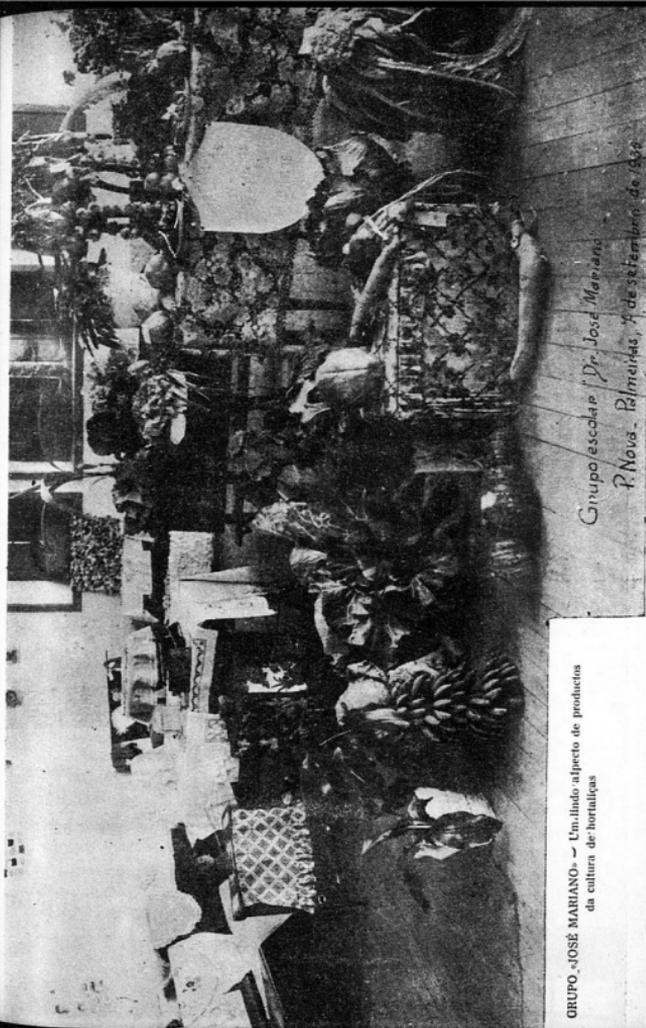
senho de machinas da lavoura em seus detalhes, com appa-
relhos e a mão livre, bem como o desenho paizagistico em
multiplas applicações de croquis, o desenho decorativo e esty-
lizado. O homem do campo pôde decorar a sua casa da fór-
ma mais interessante utilizando-se dos modelos dos insectos
que elle precisa destruir e dos proprios insectos aproveitados
decorativamente. A exposição que hoje se inaugurou,
com a apresentação de material rico e multiforme, e da qual
me considero suspeito para falar, veiu mais uma vez mostrar
o trabalho grande e silencioso que Minas está fazendo em
materia de desenho e de trabalhos manuaes, sob uma ori-
entação pedagogica moderna e talvez unica em todo o Brasi-
l. Nessa mostra forte da intelligencia infantil podemos
ver, em parte, o que deve ser o desenho na escola rural.

Nessa escola teremos deante dos olhos a realidade,
essa realidade que nos livrará de persistir no erro secular
do ambiente brasileiro. O espirito humano, diz Alberto Tor-
res, não aprendeu ainda a aproveitar as lições da histo-
ria.

E por isso repete os mesmos erros, eternizando as
causas dos seus males, "esquecendo e perdendo os ensina-
mentos que permitiriam evitar esses erros.

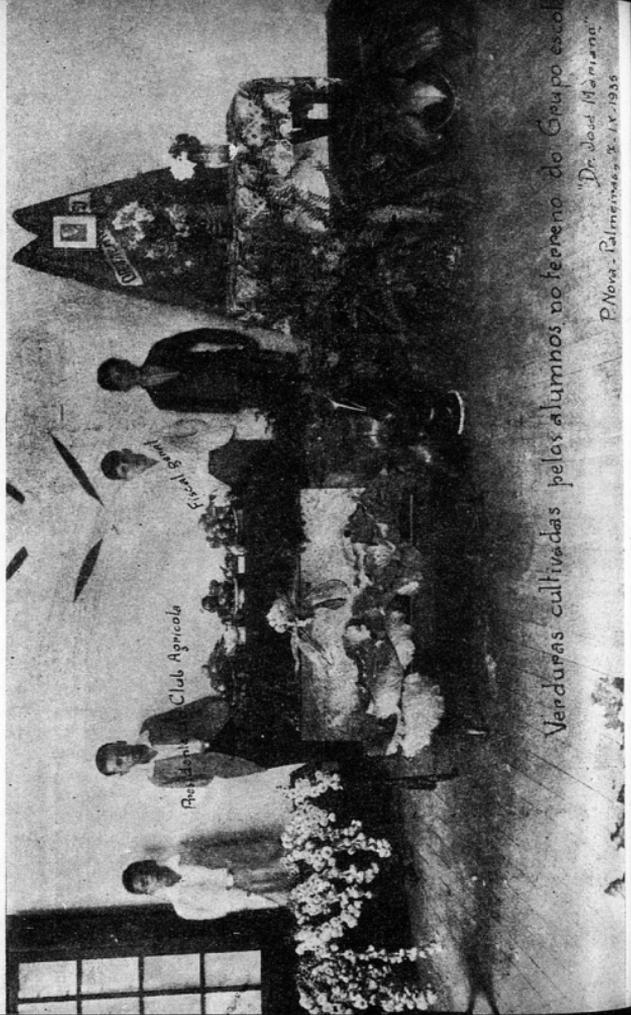
Em nosso paiz essa inadverENCIA chega ao auge.
"Vivemos a commetter imprudencias e não só as repetimos,
como improvizamos outras euaes, absorvidas a cada passo
por preocupações alheias á realidade". Ahi está a experi-
encia do passado a indicar-nos o caminho dos campos, a
vida da gleba, como povo de agricultores que fomos, que de-
veríamos ser e que teremos de ser senão quizermos insistir
no erro monstruoso, que nos tem atirado ás incertezas de
aventuras sempre fracassadas.

O Brasil nasceu sob o dominio portuguez com todas
as suas naturaes tendencias para a agricultura, e foi, na rea-
lidade, uma grande sociedade agricola. O colono trouxe a
semente, a planta e realizou um trabalho de colonização
perfeito. Foram elles, segundo Jayme, os primeiros euro-
peus que se estabeleceram verdadeiramente em colonias.



GRUPO «OSÉ MARIANO» — Um lindo aspecto de productos
da cultura de hortaliças

Grupo escolar Dr. José Mariano
P. Nova - Primavera, Foz de Iguaçu de 1938



Residência Club Agricolo

Fiscal Geral

Verduras cultivadas pelos alumnos no terreno do Grupo escolar

"Dr. José Mariano"
P. Nova - Palmeiras, 8. IV. 1935

Para esse fim transportaram-se para os tropicos com todos os seus cabedae e familias. Os historiadores observam a differença flagrante entre os colonos da Asia e do Brasil.

Os primeiros voltaram ricos ao torrão, patrio, os segundos ficaram presos pelo latifundio.

Nos "Dialogos das Grandezas" está o reparo: "com o dinheiro que levassem do Brasil não havia em Portugal grandes casas e rendas".

Nós vemos assim que o Brasil primitivo foi a Sociedade agraria creada pelos portuguezes e nada, até agora, nos veiu provar a necessidade de um caminho diferente. Temos que enveredar por este, com desassombro, com energia e fé, com o entusiasmo e o ardor das cruzadas, com disposição para soffrer as invectivas dos pessimistas, dos Zoilos e dos demolidores... Temos que falar ao povo, ao professor, aos governos, que romper os grillhões da indifferença, que sacudir o Brasil e provar que elle não é mais o gigante que dorme, mas uma nação que espera, confiante e ansiosa, o resultado do esforço dos seus filhos, desse esforço que vae exigir a acção dinamica de gerações, mas que será um dia victorioso, uma vez que cuidemos de impulsionar o trabalho do solo e de formar industrias, que possam ter vida real, que não sejam extravagancias ávidas de protectionismos escandalosos. Temos que voltar ao trabalho da terra ao trabalho do homem, que no dizer de Roosevelt "deceu pessoalmente a arena e cujo rosto se cobriu de pó, de suor e de sangue..." Ahi está a synthese do pensamento de Alberto Torres, e de João Pinheiro : crear uma mentalidade moça e vibrante, rumo á terra; despertar o amor pelo solo, fazel-o produzir nessa arrancaeda luminosa das novas Bandeiras que vão dar ao Brasil os homens do futuro, esses que formarão o trabalho das officinas e da terra — o trabalho nobre e alto, util e abençoado da Patria Brasileira !

As escolas ruraes em Bello Horizonte

Benjamin Ramos CESAR
(Assistente tecnico do Ensino)

a) Objectivo social, politico e economico da escola rural.
b) A escola rural e a realidade brasileira. c) Escola rural, —
viveiro do Brasil abastado e economicamente emancipado. d)
Exemplos da missao das escolas ruraes, no municipio de Bello
Horizonte.

De preferencia a desfiar theorias, velhas ou novas, e a apoiar-me nellas, para definir a escola rural, do ponto de vista em que no assumpto me colloquei e que julgo ser o autentico ponto de vista brasileiro, vou contar-vos um episodio da vida anonyma de minha aldeia natal. Convenho em que é uma deselegancia, quiçá um rematado despropósito, trazer para o ambiente refinado, em que se realiza a Semana de Educação Rural, a sensaboria de uma historia de aldeia. Na sua dissonante banalidade o facto tem, entretanto, uma significação profunda, que não escapará aos que vivem dentro da realidade brasileira e a comprehendem.

Para os espiritos que essa realidade esfriou, libertando-os dos vapores proprios da anagogia caracteristica da raça e fazendo-os, portanto, menos utopistas, mais praticos, as coisas do Brasil possuem, aliás, um significado differente do que vulgarmente lhes é emprestado: a extensão do territorio. *o dolce-far-niente* do povo que ahí vive, as historias das aldeias. Costumam, até, esses espiritos endurecidos no contacto material, por vezes contundente, das coisas, de sobre as quaes o tempo soprou impiedosamente as gazes que as sobrenaturalizavam, ir ao extremo de uma irreverencia condemnavel: dividem as nossas aldeias em aldeias de algumas centenas de habitantes, insuladas no amago agreste da Patria e

aldeias de centenas de milhares de habitantes, encadeadas no littoral pelo estirão das vias de communicação. Nesses desencantados, o tempo diluiu e extinguiu totalmente a emotividade facil, a sensibilidade transfiguradora de Fernão Dias Paes Leme e elles passaram a formar o contraste flagrante, no cadiño da raça, com a maioria conservadora da illusão do bandeirante sementeiro de fogos.

O brasileiro veio das imprecisas e desordenadas fontes ethnologicas de sua formação, para a actualidade ainda confusa em que está, trazendo, em estado de nebulosa, um pouco do psychismo de Fernão Dias Paes Leme ou de seus antraes. Tudo que o rodeia tem o esplendor da Serra das Esmeraldas. O seu extase não tem fim e é por vezes tão intenso, que não se dá conta do que ao seu redor se consumma. Num *test* de memoria e intelligencia, bem possivel é que o seu deslumbramento permanente lhe não deixe citar, com precisão, causas e efeitos dos factos historicos que vêm presidindo os seus destinos, desde a batalha dos Guararapes.

É um utopista inveterado. E quando, por vezes, a lucidez mental dissipa o fascínio verde, os aproveitadores astutos do nosso classico embevecimento nos instillam o opio da lisonja, o louvor ás nossas multiplas e inextinguíveis fortunas e a tentação diabolica accende as chammias verdes e rechabimos no sonho que dura os seculos de nossa vida politica, com evidente prejuizo para o nosso senso.

A proposito, em tarefa tão simples: sacudir os milhões de Paes Leme que povoam o Brasil, horrifrar-lhes o rosto com agua fria, desenveoar-lhes os olhos, não estaria, por acaso, a synthese de um programma legitimamente nacional, para as nossas escolas ruraes? Os ventos que desviaram do caminho das Indias os barcos de Cabral, foram testadores menos providentes do que aquelle sabio e malicioso lavrador das Escripuras; não estatuiram, como condição para o encontro da herança fabulosa, que revolvessemos o seio generoso da Terra de Santa Cruz. A' escola primaria, — com a finalidade de iniciar o preparo do homem para a Vida, que se faz cada vez mais uma competição feroz, — cumpre tirar-nos do en-

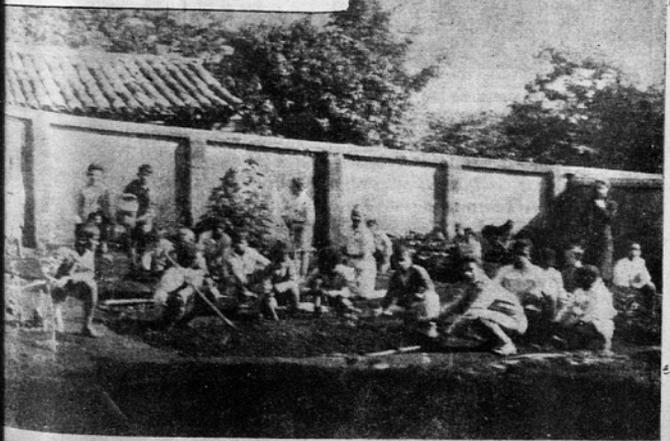
gano da riqueza ao alcance das mãos indolentemente estendidas. Cumpre, primordialmente, abrir-nos os olhos quanto puder abril-os; dar-nos a consciencia das coisas, convencendo-nos de que, embora contemos mais de dois seculos de emancipação politica — o que para outro qualquer povo equivaleria ao bom senso de pensar seriamente no futuro, e não fazer da existencia uma villegiatura intermina — ainda andamos perdidos por florestas virgens, a admirar o que é nosso, tontos de perfumes sylvestres, nas retinas deslumbradas todos os matizes, o peito intumescido pela sensação de haveres sem conta, sem persuadir-nos de que ha na apotheseo multiforme da nossa Natureza, a expressão poeticamente disfarcada de uma perfidia: a orchidea, o capricho colorido da seiva, a belleza parasita, o cancer em forma de flor, que suga, que vive da vitalidade dos tecidos aos quaes se agarra.

Essa orchidea é a civilização que importamos e que ainda não transmudamos na civilização brasileira. A civilização que não assimilamos e que teimosamente procura assimilar-nos, em que pese a reacção heroica de nossas energias. Está claro que não me refiro á ascensão do homem, aprendendo e tornando a terra mais habitavel, e sim á civilização *etiqueta "da" for export, made in England "ou" in Germany*, em qualquer parte onde se fabriqueem afagos ao egoismo e ao sensualismo.

Mostrar ao brasileiro que as suas gemmas cubiçadas não formam cordilheiras e que não deve descansar no logro de seus olhos, não é disseminar o scepticismo e o desapontamento, mas praticar verdadeiro e são patriotismo, entendido que já vae sendo tempo de erguermos o véo de lenda de sobre a realidade que nos circunda. Os nossos copiosos celleiros, quando não se confundem, na hora temivel de tirar a prova, com creações imaginósas da mente oriental, lembram o ouro do Alaska, attraíndo ambiciosos de todos os quadrantes — uns com o intuito honesto de trabalhar e construir, outros com o desleal proposito adhesivo das ostras. Elles existem, nós bem o sabemos, com a certeza das coisas vistas e sentidas. Existem, porque ha seculos são dissipados e estão intactos;



EM NEPOMUCENO HA UM INTERESSE REAL
PELOS TRABALHOS DO CLUB COMO SE VE
PELA PHOTOGRAPHIA



existem, porque saciaram, no passado, a cobiça de dynastias, fizeram o fastigio de thronos e não se desfalcaram; existem, porque alimentam, por maneiras as mais engenhosas, outros organismos, sem que a evasão nos faça falta.

Ahi estão as terras que occupam a 15.^a parte do globo, beneficiadas por todas as influencias climatericas, capazes de tudo produzirem; ahi estão os metaes proprios a todas as utilizações; ahi estão as florestas immensas, devastadas em muitas braças de circumferencia, para dar ás industrias um especimen precioso e constituindo sempre, inalteradamente, abundantes reservas. O portuguez, o allemão ou o scandinavo, quando em sua terra, si derruba um pinheiro, delle aproveita tudo: o cerne, as cascas, os galhos, as folhas. Esses mestros elementos, aqui installados, perdem a hereditariedade avara e são, por vezes, mais prodigos do que o aborigene: si o cedro ou o oleo preferido para o artefacto de bom preço, abre a magestade da copa imponente no dorso da serra, razoiram as faldas para chegar até elle. A fronteira da patria não está ali, á distancia de algumas pernadas, nem a floresta se resume no hectare de nogueira plantado atraz da casa... O Brasil é um mundo. Não acaba.

Boa philosophia, não ha duvida! O peor, porém, é que os seus effeitos já começam a se fazer sentir e no curto espaço de uma existencia, que não chegou a ser util á humanidade, porque resumiu no consumir o que encontrou e nada deixou no logar, a natureza desdenhada manifesta ao homem as desoladoras consequencias de seus attentados. O clima temperado de hontem, tem oscilações desnordeantes: é navalhante no inverno, asphyxiante no verão. A região humosa, onde se destacava o verde caracteristico das noruegas, virou a tapéra, onde as pragas estabeleceram o quartel-general de suas invasões e onde a macega, enfezada pela exaustação do meio, recorda, na genealogia vegetal, o cabóclo curtido pelas privações, maisinando a raça.

As gerações insensibilizadas nessa disposição para a indiferença economica e para o desperdicio, não se impressionarão com as mais vehementes advertencias que lhes fa-



GRUPO ESCOLAR "JOSE" MARIANO", DE PONTE NOVA.

Alunos trabalhando na horta. (Canteiros de repolhos).

Por toda parte sente-se o esforço da criança e a satisfação do trabalho recompensado



çamos, sobre as consequências funestas de tão insensato modo de viver, que por amor do Brasil íntegro não pôde continuar.

Façamos das escolas ruraes templos da iniciação brasileira; templos em cujo recinto sagrado aprendamos a meditar os erros do passado, para rectificar as attitudes do futuro e assim evitarmos que as grascas parasitas que mencionamos acima, finquem mais fundo, na estrutura nacional, as suas solertes raizes e se transformem no mata-pão constritor, que nem ao menos tem o engambello da flor.

Não se poderia conceber para a escola rural finalidade mais acertada: ensinar a ver, a encherger o Brasil, — a realidade, as necessidades, as possibilidades brasileiras, — sem a patina desfiguradora de uma civilização epidérmica; sem a poeira cambiante dos preconceitos cavilhosos e — porque não dizer? — sem a cortina de fumaça dos que systematizaram o encarecimento dos nossos dotes, mal encobrendo appetites desleaes.

Ainda é tempo de reparar desacertos, de mudar de rumos, de rectificar a conducta, mesmo porque, do mesmo passo que desregramos a vida, exageramos os males que nos attingem. Deante do mundo politicamente envelhecido, socialmente enfermo das pores mazellas, economicamente exsangue, o Brasil ainda é o Paraizo terrestre. A base da sociedade ainda é, dentro de suas fronteiras, a familia; da moral, a certeza da existencia de Deus; da politica, a solidariedade humana. Vivemos a imaginar todos os nossos tecidos sociaes invadidos pela corrupção, sem pensarmos que ainda não chegamos a permutar o ambiente salubre do lar, pelos prazeres ephemeros dos clubes de recreio; a maldizer dos nossos costumes politicos, sem considerarmos que jamais, entre nós, o poder precizou, para cimentar-se, do sangue dos adversarios, calculadamente eliminados; a attribuir-nos uma insolvabilidade imaginaria, sem concluirmos de um exame perfunctorio do panorama universal, que todos os povos devem o que não podem pagar e o Brasil tem, para resgatar os

seus compromissos, um penhor inestimavel: o seu solo milagroso.

Mais valioso, no entanto, que o solo milagroso; o maior de todos os patrimonios, maior que as caudae que irrigam o territorio, maior que o potencial das cachociras, maior que as jazidas mineraes, maior que as florestas do Amazonas e Matto Grosso, maior que as terras roxas, é o patrimonio humano, — o homem, cujo preparo tem sido thema bysantino e depois da hypertrophia urbana desequilibrou a economia da Patria, tem consistido na conquista do diploma, — no passado com noção absorvente das responsabilidades, no presente com uma unica preocupação: chegar depressa ao fim, pela estrada real ou pelos atalhos.

Viver todos vivem. As attitudes do *maori* ou do *cayapó* tambem são vida. Mas ninguem se assegura o direito a proeminencias sociaes e ao respeito postero, sem ser por um systema educacional que, baseado na philosophia da vida, dê ao homem valor intrinseco para o seu meio, sem quebrar a unidade do aperfeçoamento humano e sem querer fazer consistir esse aperfeçoamento no padrão animal de Spencer, no padrão social de Durkheim, ou kerschensteiner, no homem sexo de Freud, no commensal de Marx, ou no homem da torre de marfim de Nietzsche.

O nosso mal tem sido virmos rolando despreocupadamente pelo tempo adeante, com holandezes, com portuguezes, com francezes ou com os florões esporadicos da bravura indigena, dramatizando feitos dignos de epopeias, a flexadas, a pontações, a cutiladas, em *elans* legendarios, sem nunca termos, em toda a nossa jornada pela historia, tirado da philosophia da vida lições para melhor vivermos em harmonia com o meio; sem termos desdobrado dessas lições uma doutrina de educação que nos formasse, quando não fosse a consciencia brasileira, pelo menos, o instincto brasileiro.

A's doutrinas pelas quaes nos temos educado social, politica e economicamente, falta a propriedade local. A pedagogia de nossa vida vem sendo, ha muito, a pedagogia de methodos, de methodos importados, e não a pedagogia de prin-

cipios decorrentes da observação da realidade brasileira. Sejam aquelles racionais e incontrovertidos, si não se ajustarem á concepção da nossa vida, os resultados serão sempre falhos.

A escola primaria scientificamente aparelhada, está em alturas jamais attingidas em toda a historia da Educação. Mas ahí vigoram methodos e seguem-se processos concebidos para nucleos humanos em condições mesologicas, circumstancias sociologicas, transes politicos que não têm simile com os nossos. Forçoso é que a nossa pedagogia seja a que ensine a fazer a terra produzir, a encurtar distancias, a extrahir das riquezas nacionaes as bases solidas das instituições politicas.

Exportar sómente, por exemplo, riquezas, como opinam observadores superficiaes da nossa situação, não nos basta, para sermos um grande povo. Sempre exportamol-as, com effectos minimos, porque o estrangeiro, que possui menos terras cultivaveis, industrialmente mais pobres, planta e fabrica o sufficiente para influir em nosso desfavor, no intercambio que com elle mantemos.

Temos codemnado summariamente, com outros povos, a alphabetização pura e simples das massas, sob allegação de que é preferivel deixar na escuridão mental o individuo a quem não podemos ou não sabemos dar habitos e attitudes sociaes. De facto, assim é. A doutrina, entretanto, é de rigor para aquelles povos que soffrem influencias nocivas, emanadas, como gazes toxicos, das proprias condições de vida que se crearam. Não olvidemos, ao adoptar regras educacionaes adventicias, que nos achamos socialmente distantes da Europa 500 annos, dos Estados Unidos 200 annos, distantes até da Argentina e Uruguay, onde o preparo do homem para o fastigio social começou pelo *abc*. E não olvidemos tambem que o *abc*, elle só, já é uma attitude e um habito e si nossas escolas ruraes, ao menos estas, pudessem difundil-o na proporção de que carecemos e, com a sua diffusão, dessem aos nossos patricios a noção de que ha uma terra chamada Brasil, que lhes pertence, talvez a historia de nossa vida social,

politica e economica jamais registrasse a tragedia de minha aldeia natal, que é, *mutatis-mutandis*, a tragedia de todas as aldeias brasileiras.

A minha aldeia natal foi, durante muitos annos, o feudo rendoso de uma familia, que a tinha na conta de uma continuação de suas propriedades territoriaes. A era do capitão-mor passara, ha muito, mas a sua mentalidade ficara, resistente, teimosa, no fundo da alma das gerações. Na formação da nacionalidade, a mentalidade do capitão-mor e do senhor de sesmarias, é como uma droga homeopathica: infinitamente diluida, ainda conserva as suas virtudes. Perpetuou-se, em varias metempsychoses. Asylou-se, no Imperio, na casta nobre e nem depois que o azedume militar de Deodoro extinguiu o regimen dynastico, deu-se por vencida. Virou doutor e reina, sobranceiramente, no Brasil democratico; virou professor urbano e deixa vazias das luzes pedagogicas modernas as escolas ruraes. E' o mais extraordinario exemplo de mimetismo que se conhece. Tem todas as formas e todas as côres.

O territorio de minha aldeia natal não era lá muito extenso. Mas, as suas terras eram ferteis e as sementeiras abundantes. Os productos de sua lavoura influíam nos preços dos mercados, com os quaes mantinha relações commerciaes. Regulavam a balança commercial, notadamente, de Ouro Preto, que, despojada de sua realza, ainda conservava foros de importante emporio, distribuidor dos productos de varias regiões. Eram famosos, de modo particular, o toucinho de Peçanha e os cereaes de outras procedencias. A minha aldeia não tinha especialidades, mandava-lhe os fructos mais variados de uma polycultura intensa e as suas remessas constituíam a preoccupação maxima dos compradores. Ali fazia eu os meus estudos e muita vez fui espectador dos congressos improvisados á porta dos grandes armazens, para uma analyse rapida das condições creadas pelas fluctuações mercantis. Si os *stocks* diminuiam e angus-

tiavam o consumo, não se fechavam negocios, fosse qual fosse a carestia, enquanto as remessas da minha aldeia não firmassem os preços. Era um nucleo economico respeitavel.

Pois bem, aecorreram annos. A vida seguiu o seu curso inexoravel, abrindo e fechando cyclos, e num destes, eu fui impellido, pela necessidade de viver, para longe dos logares, onde a casa paterna era o centro do horizonte que resumia para mim o mundo. Cinco lustros apenas transcorridos, ali voltando, encontrei o panorama radicalmente mudado. A ordem natural das coisas havia sido invertida, por uma serie de factores gerados da ignorancia, a ignorancia que tem feito do complexo de nossa existencia de povo livre, mirifica inflorescencia de vida vegetativa. A intensa e proficua actividade daquella colonia de domadores da gleba, abrindo sulcos, semeando, colhendo, empinando tulhas, moendo, exportando, fôra uma fogueira, de que restavam as cinzas.

Uma fogueira, como todos os nucleos de prosperidade rural, fontes de abastança da Colonia e do Imperio, concorrendo outrora, decisivamente, para a vitalidade da economia nacional.

Minha aldeia deixara de produzir; comprava tudo de que necessitava.

Recibi a impressão de uma casa abandonada; havia um ar de marasmo e de resignação fatalista nos seres e nas coisas. Os seres recolhidos dentro em si mesmos, falando baixo, como se temessem o rumor das proprias palavras; as coisas com aquelle aspecto característico de quietação e immobilidade, que é o inicio das ruinas. As lavouras amortalhadas pela gramma; os alambiques e os taxos de evaporação, arrancados das fornalhas, exhibindo ao sol os bojos calcinados. Onde se levantavam outrora as casinholas originaes dos "meieiros" e dos "agregados", estendia-se a uniformidade monotona das pastagens despovoadas. A terra, depois de já subdividida, arroteada, semeada e alimentado o maior numero de pessoas, voltara ao regimen dos latifundios. Os grandes proprietarios foram fazendo pressão sobre os pequenos sitiantes, com quezílias velhacas, pelo tempo do plantio

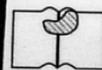
e da colheita, absorvando-lhes as posses. E era uma desolação, quando a noite apagava os perfis, e transmutada tudo num ermo immenso.

Eu não preciso carregar nas tintas do quadro, para que comprehendeas a extensão da tragedia biologica da minha aldeia natal. Não é um facto isolado na economia do paiz. Esse processo de regressão se repete em todos os pontos povoados do territorio. É um grave e alarmante phenomeno de desintegração social que dá que pensar e que empresta á nossa civilização e ao nosso progresso o caracter de uma marcha forçada, erguendo acampamentos por vezes sumptuosos, como as tendas regias dos antigos guerreiros mongoes da expansão asiatica, mas, na realidade, acampamentos, que deixam da transitoriedade das barracas, mal estendidas logo desmontadas, vestigios apenas de uma noite de pouso. A nossa civilização não tem sido, como se constata nos velhos tempos, uma lenta, continua, progressiva sedimentação, que permanece indelevel na massicez dos monumentos, na phisicanomia dos edificios millenarios, no conteúdo dos museus e bibliotecas.

O phenomeno da minha aldeia se reproduz no Sul e no Centro, no Sul. O regimen dos latifundios se installa insidiosamente, valendo-se dos mais cavillosos argumentos de pressão economica, desvalorização da produção, difficuldades de transportes, falta de braços, etc. E, perguntado esse regimen que nos ameaça, no campo, de um feudalismo mascarado, será o mais conveniente á estrutura economica da Nação? Não nos exporá elle a serios disturbios, em futuro não muito remoto, entrando em attricto com o regimen industrial dos grandes centros urbanos?

Qual a sua explicação? A ignorancia, já vol-o disse. Sempre a ignorancia. A falta de escolas, que levem ao homem do campo o estado primario da instrução: a consciencia de si mesmo, a consciencia da sua terra, a consciencia do seu direito de ahi enraizar-se e viver, prosperar, produzir, concorrer com o quartilho do seu labor para a prosperidade

R. E. 6



Original ilegível
Original difficult to read
0077 ©

economica da collectividade, sem o temor de ser tangido pelos novos "senhores de engenho", da era republicana.

Na minha aldeia, por exemplo, nem todos tinham direito ao ensino. A escola era um privilegio, um luxo reservado aos pimpólhos dos "mandões".

Os filhos dos agregados e "meieiros" madrugavam nos eitos, mal a força physica lhes desse flexibilidade aos braços e nelles encaneciam, simples instrumentos da lavoura, como as enxadas e os arados. Não eram seres humanos, eram coisas. O gurumim da povoação rojava a sua infancia desamparada e miseravel na poeira das ruas, té que o destino lhe apontasse uma porta aberta para o "Deus dará". Ali só dava ordens a voz dos dominadores. Não se "movia uma palha" sem que os senhores se dignassem opinar.

Ora, é claro que, com esse omnimodo poder enfeixado nas mãos, dispondo discrecionariamente da terra e das creaturas, não tinham interesse em que a escola formasse consciencias que lhes ameaçassem a unidade do mando e concorressem ao predomínio.

A este proposito, occorreu até, certa occasião, um facto expressivo, assaz interessante para os estudiosos da sociologia brasileira e para os que, como os frades de Bysancio, aferrados a doutrinas importadas, controvertem o aspecto capital do problema do ensino, que é a sua simplificação ao mínimo de realizações rapidas e põem em duvida si o poder publico deve ou não obrigar-o, dentro de suas possibilidades financeiras. Houve um começo de reacção contra aquelle imperio que durava, pacifico e tranquillo, annos sem conta e se transmitia, invariavelmente, de pae para filho. A Monarchia cochilou e cahiu do throno; veiu a Republica e o poder se renovava cada 4 annos. Ali, naquelle pacato refugio feudal, a vida politica parara, encarnada num nome, que mudava ás vezes apenas de forma, mas que era uno e eterno. Esboçou-se apostasia, falou-se vagamente em democracia, liberdade, direito individual e formou-se um grupo de dissidentes, dispostos a pôr em cheque, nas urnas, a continuidade do mando aldeão.

A victoria dependia de um abastado fazendeiro, especie de barão feudal, fortemente apetrechado para a lucta: Terras e mais terras, lavouras, "encostos" de gado, engenhos, filhos a granel, genros em profusão, tudo isto com ligações eleitoraes decisivas. Tentou-se a sua catechese. Envolvido na conjuração, eu, que acabava de deixar os bancos gymnasias, com a cabeça cheia de écos de desordenadas leituras, trefegas philosophias catadas aqui e ali, com ingenua presumpção de sabedoria, encarreguei-me de vencer os escuripulos, dar um golpe na vacillação do "grão-senhor" que, cofiando as barbas patriarchaes, se collocara numa posição incommodativa de fiel de balança. Recorri á minha incipiente cultura sociologica e politica, compuz um programma seductor para a lucta, com promessas de fazer agua na bocca: estradas, pontes, escolas, o labyrintho, a Canudos, da povoação, alinhado em ruas direitinhas, chafarizes, etc. E num grande dia de entusiasmos civicos, foguetorio e banda de musica, bati para a casa do patriarcha, certo de que as suas ultimas duvidas não resistiriam á leitura do mirabolante programma. A cada *item*, a mão alisava as barbas respeitaveis e a voz tonitroante, habituada a ensurdecer piracoaras no eito, animava-me com um: "Sim, senhor, muito bem, acho bom". Pensando lisonjear o gráu de progresso social, que eu presumia possuir o patriarcha, havia estabelecido a condição de se criarem duas escolas, pelo menos duas, nos seus vastos dominios. Quando chegamos a esse capitulo, houve uma mutação espectacular. O velho cresceu nas suas botas campeiras, esgazeou os olhos, as barbas se eriçaram, a figura temível de Vulcano rustico inchou, cresceu, soprada por extranha furia e tropejou para mim: "O que?! Escolas! aqui nas minhas terras? O senhor está doido! Não quero! Escolas? Ora, veja só! Amanhã tudo quanto é negrinho vae cozinhar a preguiça na escola e eu fico sem "candeiro". Penso que todos sabem, o que é na gyria rural, "candeiro": o menino, aparalhado e semi-nu', imbecializado e somnolento, que, de agulhada ao hombro, guia as juntas de bois atrelados aos carros chiadores. O broto humano do campo, animalizado, conde-

mnado desde tenra idade, pela mais madrastra das destinações.

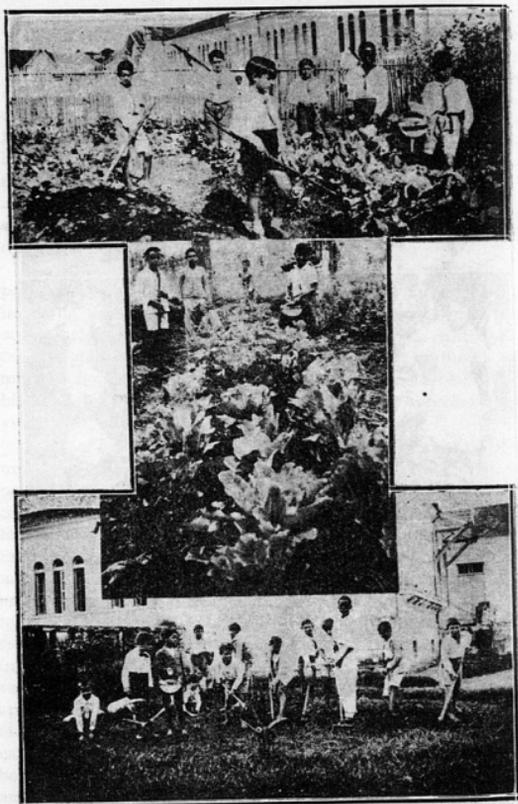
Não houve exhortações que applicassem a ira sagrada do patriarcha, ante a mal esboçada perspectiva de um escola, que importasse na sementeira, em seus terrenos, de ervas daninhas, como ideas e vontades. A infantilidade da minha litteratice foi contra-producente. O homem definiu posição na pendenga eleitoral, convocou as suas hostes, descarregou as suas baterias, commandadas pelos filhos, genros e capatazes contra a dissidencia e a derrota foi fragorosa, esmagadora, definitiva!

Ora, ahi está, senhores, definida pelos funestos effeitos, pelos prejuizos materiaes, moraes, politicos, sociaes e economicos da sua ausencia, a função da escola rural: formar consciencias, accender, embora como pyrilampos dentro da noite, a noção de dignidade humana; plasmar, emfim, homens, — homens conscios de seus direitos, deveres e responsabilidades sociaes e não bestas, jungidas a preconceitos avoengos.

Não é uma tarefa facil, concordo. E', ao contrario, uma missão difficil complicada pelas refracções do prisma, por que sempre pretendemos resolver os nossos problemas; complicada pela transcendentalização de objectivos que inverteadamente, quando se trata de problemas da nossa cultura intellectual, social e politica, collocamos além las métras nacionaes; complicada pela propria actualidade pedagogica a que nos incorporamos. Para melhor esclarecer o meu pensamento, detalhemos o que occorre com os programmas das nossas escolas urbanas: presuppõem-se nas nossas creanças uma intelligencia e uma retentiva excepçionaes. A' custa de muito verbalismo e experiencias pessoaes insufficientes, porque apressadas pela angustia de tempo, nós pretendemos introduzir-lhes nos cerebros verdes, em quatro annos, o que o americano realiza em 9 annos, o allemão em 7; isto mesmo, em horas do dia que ainda está por provar, pelos competentes no assumpto, si são as mais propicias para o trabalho mental, no nosso clima, em face das nossas condições de vida. O allemão



GRUPO ESCOLAR DE ENTRE RIOS. — Em cima: colhendo as primeiras flores. No meio: Tratando do feijão. Em baixo: Uma linda plantação de batatas.



GRUPO ESCOLAR DE LAMBARY. — Em cima: Cultura de hortaliças. No meio: Um bello canteiro de couves. Em baixo: Cuidando do jardim

costuma abreviar, quando interferem imposições economicas, o estagio escolar, obrigando, entretanto, a frequencia a centros de cultura, nas horas de folga.

Não é uma tarefa facil, porque o problema do ensino tem para nós aspectos singulares e muito importantes. Instruir e educar não é no nosso campo, simplesmente, dar ao homem a noção das responsabilidades sociaes, mas esta, e a medida exacta do seu valor economico. E' ensinar-lhe a dominar a matta, civilizar-a, dar-lhe utilidades praticas; é ensinar a aproveitar o campo e habitual-o a todas as produções, afastando a hypothese de desastres como os da borracha e do café. Não nos isolemos, nem nos fanatizemos dentro de doutrinas e formularios pedagogicos. Inovações pedagogicas sempre houve. Desde Socrates e Platão, a Descartes, a Spencer, a Dwey, a Fichte, a Spengler, a historia da Educação se escreve através da construcção e reconstrucção de systemas educacionaes e nós ainda discutimos qual delles o mais racional.

A Escola Rural tem que comprehender e curvar-se ante a realidade brasileira, porque só assim será o viveiro de gerações que melhor e mais efficientemente pelem pela sua emancipação economica.

Tarefa difficil, sim, porque o material para guiar a formação de habitos e estimular attitudes consentaneas está na observação do meio e o meio diverge com as condições regionaes. A's vezes, no raio não muito longo de uma só região. Por exemplo, na região de Bello Horizonte, os instrumentos e os factores, os objectivos e as finalidades da instrucção em Venda Nova, localidade tipicamente rural, não são os mesmos que em Marzagão, nucleo textil por excellencia.

As noções para formar a consciencia do homem rural em Matto Grosso, Goyaz e Amazonas não podem ser as mesmas no Noroeste e no Sul. Imprescindivel é que sejam coadadas através da comprehensão das condições economicas de cada região.

Mas isso, direis, é substituir aquellas bestas bronzas da tragedia da sua aldeia, por machinas humanas, instruidas,

mas na realidade, machinas. Eu vos responderei não, porque uma noção superior e elevada, acima de controversias doutrinarias e da turra dos doutrinadores, deve presidir o systema educacional rural brasileiro: a noção do Brasil integro, grande e forte, com o brasileiro lenhador no Norceste, plantador de canna e algodão no Nordeste e campeiro do Sul.

O educador brasileiro é, nesta phase aurea do ensino patrio, mestre do seu officio e sabe que: "a sorte de um homem é o fructo do seu caracter" (1); que "a feição moral do futuro deve ser a base dos systemas educacionaes" (2); e que "o que valemos physicamente não depende da resistencia dos musculos, mas de nossa energia moral". (3).

Eu vos peço desculpas, si o meu exaltado sentimento de brasilidade impressiou mal a vossa sensibilidade e si as minhas considerações contrariaram os vossos pontos de vista.

1) Emerson.

2) Corre.

3) Binet.

AS COLLECÇÕES dos annos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direcção.

A Escola Normal Rural

Firmino COSTA

(Director da Escola Normal Modelo)H

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres lembrou-se de incluir meu nome entre os collaboradores da Semana de Educação Rural, que ella promoveu e está realizando em Bello Horizonte. Escolheu como assumpto da minha palestra "A Escola Normal Rural para Minas Geraes". Correspondendo a essa lembrança, honrosa para mim, tracei as seguintes linhas, que ora apresento.

No Estado de Minas, a zona agricola precisa de escolas primarias, que se adaptem ás suas condições actuaes, e ao mesmo tempo modifiquem não só a mentalidade dos alumnos, mas tambem o ambiente rural, dando á vida de uns e de outros nova orientação e mais elevadas aspirações.

Antes de tudo, podemos asseverar que o problema economico nacional está intimamente ligado á organização e ao funcionamento da escola rural. O ensino desta, convenientemente ministrado, constitue poderoso meio de attrahir a cooperação dos lavradores para os novos methodos e processos da agricultura e da pecuaria.

Cabe aqui lembrar que a idéa basica dos programmas primarios sovieticos reside na observação e no estudo do trabalho humano. Para elles, "o dever da escola é, antes de mais nada, auxiliar as creanças a descobrir o trabalho socilmente util, accessivel ás suas forças, a possibilidade de neile participar e o meio de se organizar para que sua execução seja mais productiva". Acrescentam aqueies programmas: "O trabalho da escola não deve representar um conjunto de habitos theoreticos, mas sim uma somma de aquisições prati-

cas, que permitam ás creanças, uma vez concluído o curso, encontrar o seu lugar na sociedade”.

Eis o que necessita a zona agricola: escola de aquisições practicas e não de habitos theoreticos. Tanto vale dizer, Escola Activa. Escola de actos e não de palavras, de agir e não de falar. A palavra apresentará o plano, mas o principal está na sua execução. Aquella sem o acto equivale á palavra morta. Palavra e acto devem consorciar-se para a vida. Um e outro se completam, não passando a palavra de simples auxiliar do acto. Por isso se diz tambem “escola do trabalho”.

Assim sendo, o alumno converte-se desde logo em profissional. Qual a profissão? Elle responderá *alumno*. Como se chama seu trabalho, e elle dirá *collaboração*. Com quem? Com o mestre e os collegas, na officina que tem nome de escola. Onde está o trabalho? Commigo mesmo, em minhas mãos. E elle mostrará a principio: o caderno que fez e onde escreveu; o lapis que aprou e com o qual aprendeu as contas; a capa que collocou no livro de leitura; o seu diário; o preparo das lições; o corpo e a roupa que conserva limpos; as unhas que sabe cortar; os dentes que escova diariamente; os sapatos que engraxa; e o alumno mostrará no fim do curso: Escola Activa é practica util e fecunda, segundo se vê no meu archívo, onde conservo em ordem os trabalhos e o material representativos, do periodo escolar, como sejam cadernos, composições, cartas, mappas, desenhos, livros, jornaes, revistas, photographias, modelagens, collecções, apontamentos de festas, de excursões, de serviços na horta, no jardim, nas officinas, etc.

Muito importa que a população agricola observe na escola rural o trabalho intelligente, methodico e productivo. Da parte da escola, muito importa ver em derredor a terra é tudo que ella contém, pedindo trabalho e bom trabalho para dar em torco compensações valiosas. Consiste realmente na observação, no estudo e na realização do trabalho a idéa basica da escola.

Quem irá transformar a zona do campo por meio da escola rural? O professor, naturalmente. Não esse professor

de agora, conforme hoje se prepara, com um conjuncto de habitos theoreticos. Outro, muito differente, treinado na escola do trabalho, com uma *somma de aquisições practicas*.

A experiencia, que outrora, effectuei no Grupo escolar de Lavras, Estado de Minas, formou professores dotados dos requisitos necessarios. Fundou-se naquelle instituto uma escola para formação de professores ruraes, ainda hoje existente e mantida pelo municipio, *curso rural*, tal o seu nome, e a elle associou-se o ensino technico alli estabelecido pelo Estado, que infelizmente o supprimiu. Os alumnos applicavam-se ás disciplinas primarias, á practica pedagogica e aos trabalhos manuaes. Dava-se-lhes ensino nas aulas, nas officinas e na horta escolar.

O curso era ministrado em dois annos, com uma programma inteiramente practico, ahi incluída a frequencia da bibliotheca. Os alumnos diplomados sabiam sabendo marcenaria e encadernação, e as alumnas tinham aprendido a encadernar, a costurar e cozinhar. Além disso, todos elles sabiam cortar o cabello, vaccinar, fazer um curativo, lavar e arranjar a sala de aula.

Para o ensino da arte culinaria dispõe o Grupo Escolar de um pequeno predio apropriado. Junto ao mesmo ficavam a horta e o jardim, tratados pelos alumnos. Ao findar o Curso Rural, eu disse á professora D. Anna Luiza do Bomfim, (é justo mencionar o nome de quem foi sempre tão habil e dedicada), disse-lhe que o exame final constaria de um jantar para seis pessoas, convidadas pela alumna, a quem seria fornecida somente a lenha rachada, ficando tudo mais entregue a seu trabalho e iniciativa. A professora mostrou-se receiosa de que as alumnas não pudessem fazer, sozinhas, o jantar, mas eu lhe expliquei que era apenas uma experiencia. Para evitar qualquer auxilio extranho, colloquei no predio uma estagiaria. Mais tarde fui observar o trabalho, e perguntei aquella si não havia auxiliado a alumna. “Auxiliar-a de que modo, respondeu-me, si eu nunca preparei um jantar, e estou admirada de ver essa menina matar frango, coisa impossivel para mim”...

Certo é que, na hora propria, a alumna servia a seus convidados excellente jantar, em uma mesa bem posta e adornada de flores. Aliás, todas as alumnas sahiram-se perfeitamente nessa prova final.

Ora, uma professora rural, igualmente habil cozinheira, ha de tornar-se não só regente de sua classe, como tambem mestra de toda a população circunvizinha.

Os alumnos do Curso Rural de Lavras iam á Casa de Misericórdia aprender a fazer curativos. Ainda me recordeo de que, na primeira vez, uma das alumnas soffreu um desmaio, ao presenciar o trabalho do medico. Ultimamente, os alumnos todos mantinham-se calmos, aprendendo os trabalhos de enfermagem e de hygiene pratica. De certo modo hygienistas e enfermeiros, esses professores prestariam á zona agricola serviços de primeira ordem.

Frequentavam a marcenaria os alumnos do Curso Rural. Acabavam sabendo fazer os moveis mais communs, — mesas, cadeiras, armarios, quadros-negros, etc. Eram professores ruraes, entendidos em marcenaria, aptos para ainda desta forma util servirem a zona do campo.

Tratando da horta e do jardim sob a direcção de um mestre experimentado, os alumnos do Curso Rural adquiriram gosto pela horticultura e jardinagem, habilitando-se nesses trabalhos de tão grande utilidade. Era mais uma prenda de valor, que levavam para a séde de sua escola os professores ruraes.

Certos que sómente poderiam ser nomeados professores para a zona campestre, os alumnos não esperavam outra collocação e conformavam-se desde o inicio com a perspectiva de viver na roça.

Independentemente de sua combinação com o Curso Rural, está claro, o ensino technico ou profissional se impõe á organização escolar. Elle offerece ás classes populares excellentes carreiras e torna mais confortavel a vida de todos, que afinal depende do trabalho daquellas classes.

ANEXO ao Grupo Escolar, o ensino technico muito concorrerá para a effectivação dos principios da Escola

Activa no aparelho educacional de nosso paiz. Pelo seu utilitarismo immediato, visivel aos olhos de todos, elle alcançará para o ensino primario as sympathias calorosas das famílias e a contribuição expontanea para manter as Caixas Escolares.

O Grupo Escolar, completado que seja com o ensino technico, equivalerá a uma universidade para o povo. Será reconhecimento da apprendizagem do trabalho, como essencial á estabilidade da vida economica, cuja crise agudissima, no Brasil, provem em grande parte da falta daquelle ensino.

Cumpre-nos adaptar, quanto antes, ao nosso meio social e economico a organização da Escola Activa, sem nos prendermos aos ensinamentos theoricos, mas applicando-os desde logo em uma pratica diaria e methodica. Sabemos que "nada vale pensar bem e falar bem sem fazer bem". Sabemos outrosim que "o menino gosta mais de ver do que de ouvir, mas acima de tudo, prefere executar". O dr. Francisco Campos disse acertadamente: "O menino é um feixe de actuações á procura de expressão".

O problema educacional agricola reclama professores ruraes, formados em cursos especiaes, que os tornem verdadeiros orientadores da população campezeira, assim reconhecidos e acatados pela mesma. Urge instituir Escolas Normaes Ruraes para o preparo desses professores.

Taes são, differentemente denominados, os Cursos Ruraes, a que nos referimos. A reforma da instrucção, realizada em Minas Geraes pelo Presidente Antonio Carlos e pelo Secretario de Estado Francisco Campos, lembrou-se do Curso Rural, conforme consta do regulamento do ensino normal, approved pelo decreto n. 9.450, arts. 26 a 40

O referido curso, creado pela reforma, fica annexo ao Grupo Escolar, é gratuito, abrange dois annos e comprehende estas disciplinas: lingua patria, arithmetica, geometria, historia do Brasil, instrucção moral e civica, hygiene, sciencias naturaes, desenho, canto, exercicios physicos, costura, jardinagem, horticultura e pratica pedagogica. Para se matricula-



rem, os candidatos hão de ter a idade mínima de quatorze annos, prestar exame de admissão, etc.

O exame de admissão é parte importantissima do Curso Rural. Não pode haver nelle a mínima condescendencia. Sobre essa base, que requer a mais completa solidez, vae-se levantar uma construção de grande valor. O examinando deve ter concluido óptimo curso primario e demonstrar no exame de admissão excellentes preparos em todas as materias desse curso.

Dentro das materias exigidas, os alumnos apprendem no Curso Rural a escripturação e a regencia de uma escola primaria, os serviços de assistencia e de hygiene, os trabalhos manuaes, a conservação e a limpeza do predio. Além disso, ficam conhecendo a organização da Caixa Escolar, e frequentam a Bibliotheca, onde se habilitam na encadernação de livros.

O Curso Rural, que a reforma mineira estabeleceu, merece ser mantido, ampliando-se, porém, para tres annos a sua duração. Neste caso leccionem-se nos dois primeiros annos as materias exigidas, com excepção da pratica pedagogica, que passará ao terceiro anno, o qual será occupado pelo seguinte ensino: — methodologia e pratica, frequencia da bibliotheca, organização do museu, hygiene applicada, excursões á zona agricola, sendo que os alumnos apprendirão marcenaria, e as alumnas artes domesticas.

Os programmas do Curso Rural precisam de ser bem elaborados e bem explicitos, collocando a pratica no seu posto de commando, preenchendo o tempo com um ensino inteiramente util e adaptado ao meio social onde vae servir, projectando a verdadeira escola brasileira da zona agricola, impulsionada pela ordem, pelo methodo, pela energia, pelo trabalho, pelos principios e ensinamentos dos grandes educadores modernos.

O segredo do Curso Rural (focalizemos este ponto), está em sua direcção e em seu corpo docente, como aliás succede a todos os institutos do ensino. O trabalho intensivo e methodico, intelligente e productivo, que caracteriza o curso

Rural, somente pode ser confiado a uma direcção e a uma docencia igualmente energicas e capazes, dedicadas e patrioticas.

Dest'arte, modestamente e com pequeno dispendio, o Curso Rural ou a Escola Normal Rural, pouco importa o nome, formará professores especializados para a zona agricola. De outro modo, o ensino rural não terá jamais o desenvolvimento indispensavel ao progresso do nosso Estado. Os actuaes normalistas, devido a circumstancias muito explicaveis, não podem habituar-se á vida do campo, que lhe causa nostalgia e desanimo.

A instalação da Escola Normal Rural, extranha totalmente a qualquer luxo, precisa de ser confortavel e até mesmo encantadora. Os proprios alumnos irão completando-a com a horta, o jardim, o pomar, o parque, o pasto e a roça, que formarem no terreno reservado a esse fim. A instalação deve abranger o predio para as aulas, a bibliotheca e o museu, os alojamentos destinados aos animaes e aves domesticas, as officinas, a casa propria para o ensino de arte culinaria, os depositos de machinas e utensilios de lavoura, etc.

Dentro do plano proposto, mais facilmente realizavel do que á primeira vista pode parecer, a Escola Normal Rural ficará aparelhada para preparar em tres annos bons professores, que se destinem á zona agricola.

Assim, ter-se-á resolvido esse importante problema educativo, de tão grande alcance para o Estado de Minas Geraes.

A forma singela concedida a esta palestra, onde substitui pela clareza da exposição qualquer adorno literario, ainda assim melhor ficaria representada por uma planta e um desenho da instalação completa da Escola Normal Rural, reproduzidos por sua vez em uma miniatura de cartanagem, que servisse de modelo e de reclame para a construção do novo instituto pedagogico.

Com a sua efficiente e admiravel iniciativa, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, si assim lhe approuver á sua alta proficiencia, bem poderá mandar fazer a referida

miniatura, corrigindo e melhorando o plano exposto nas linhas precedentes, onde apenas se deve ver a minha boa vontade de servir as idéas uteis ao progresso nacional.

Ha pouco tempo, assistindo a uma festa neste auditório, comecei a pensar o que deveria ser collocado no medalhão aqui existente no alto do proscenio. Um retrato, um emblema ou uma palavra? Excluidos os dois primeiros, lembrei-me de varias palavras, até que por ultimo me detive em *collaboração* ou *cooperação*. E porque, entre os dois synonymos, este possui maior numero de cognatos, eu lhe daria preferéncia para ser esculpido no medalhão.

A cooperação apresenta a maior força do trabalho, do capital e da propria civilização. Fernando de Azevedo diz que "a educação é obra da cooperação por excelléncia". Ella constitue o melhor caminho para alcançar a solidariedade social. Eu propria para a nova Escola Normal a divisa expressa nesta phrase: "Da cooperação á solidariedade".

A acção maravilhosamente cooperativa da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres será capaz de alcançar, eu muito acredito, além de outros objectivos patrióticos, a criação da Escola Normal Rural para Minas Geraes. Cooperamos todos nós para tão alta aspiração, taes os meus votos ardorosos ao encerrar a presente palestra.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

O trabalho manual a serviço das escolas ruraes

Marianna Noronha HORTA
(Assistente técnica de Trabalhos Manuaes)

Topicos a desenvolver: — Objectivos e meios de educação em face do ideal brasileiro. Valor do trabalho como um methodo. Trabalhos manuaes nos grupos escolares de Belo Horizonte, motivadores ou consequentes dos trabalhos ruraes. Trabalhos manuaes inspirados na grande campanha nos insecticidas, levada a effeito por iniciativa da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, ultimamente, em nossas escolas. Exemplos de trabalhos.

Sejam as minhas primeiras palavras palavras de applausos a essa benemerita Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, das melhores promessas brasileiras neste momento de confessa derrota e de inquietude que vivemos.

Ao ouvir pela primeira vez falar da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, tive a convicção de que mais uma sociedade iria reunir-se em sessões, traçar lindos planos de acção que aliás pouco passariam das actas lavradas e das columnas dos jornaes.

Mal poderia presentir que a S. dos Amigos de Alberto Torres seria das maiores impulsionadoras da obra nacional que será a redempção desta Terra privilegiada, potencial em promessas, em riquezas latentes em seu seio a espera de braços — a agricultura.

E no seu louvavel proposito a Sociedade de Alberto Torres vae transformando galhardamente o seu sonho em obra viva, num surto de realizações brilhantissimas entre nós, focalizando as directrizes educativas de nossa gente nos

seus meios e nos seus objectivos, certa de que só a escola fará grande um povo.

E o Brasil apathico, e o Brasil doentio, somnolento, estatico mau grado essa immensa e maravilhosa promessa verde, será, no proposito dessa benemerita sociedade, um Brasil dynamico, um Brasil rico, um Brasil de gente feliz ante a farta colheita, feliz ante a belleza, o encantamento com que as sementeiras em abrochos enfeitam valles e montes, feliz porque o trabalho irradia bondade, espalha o bem, irmana os corações.

Descruzem-se os braços, aproveitem-se as nossas possibilidades potenciaes e o milagre se fará nesta terra enorme no seu tamanho, enorme na sua promessa.

E no seu proposito de educar e educar para triumphar, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres está convicta de que a regionalização do ensino é a grande verdade pedagogica.

O ideal brasileiro é o campo, e é artificial nos seus meios e nos seus fins o movimento educativo entre nós que não faz das sementeiras a methodologia.

A escola que não reflecte o meio e não se reflecte no meio social ambiente, nem integra o meio social em si, nem se integra no meio social. E, artificial no seu processo, falha á sua finalidade.

O que é escola activa senão educar através das realidades palpantes do viver, das verdades ambientes em torno do educando ?

A ruralização de escola brasileira é pois a grande verdade pedagogica ! Salvemos o Brasil creando espiritos affeitos ao campo, combatamos pela escola a mania citadina e burocratica de nossa gente, não com palavras, mas despertando em cada consciencia o amor pelas occupações campesinas que na sua essencia garantem o metal sonante, disciplinam as consciencias, tocam de belleza, de espiritualidade a vida simples do camponez.

O grande ideal brasileiro é o campo, repito. No momento em que o Brasil fôr um grande celeiro, estradas ras-

gar-se-ão peio seu solo, pondo em comunicação essa pobre gente que vive em nucleos isolados da civilização, nucleos isolados uns dos outros sem um sopro que a todos irmane no mesmo ideal nacionalista.

Eis porque bato palmas a essa cruzada fervorosa nos seus propositos, cheio de grandes aspirações, uma bandeira que se ergue em prol de um Brasil feliz — a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Convençam-se os poderes e os homens em geral de que braços cruzados, caracter em dissolução, casa sem pão, desanimo, desencanto, fracasso individual, derrota collectiva e os nossos fados serão outros. Nem o presidiario, nem o soldado deveriam faltar ao dever de cultivar a terra. Poderíamos nos isolar de todo esse grande progresso que maravilha o mundo, mas não poderíamos dispensar o que a terra nos dá para viver.

Bem poderia o soldado repartir a sua energia entre o aprender a arte de matar e aprender a arte de cultivar os campos.

Admira que a arte de matar, o mesmo barbarismo primitivo, não obstante o avanço a que assistimos, seja cogitação proeminente das nações, e que monopolise braços e braços fechando-os nesse circulo de acção: — saber matar.

No dia em que o desarmamento universal fôr uma verdade, a felicidade descerá sobre os homens.

De carabina em punho, podemos triumphar ou fracassar, de enxada em punho triumphamos sempre.

Simple mudança de meio. Em vez da conquista pelo sangue a conquista pelo trabalho e pelo bem que delle se emana. E se a defesa nacional, a garantia da ordem, ainda em plena civilização, exigem braços aguerridos, ao menos que esses braços se alternassem entre a arte de matar e a arte de semear os campos.

De outro lado a terra infiltra bondade nos corações, a occupação continua disciplina o pensamento, crystaliza a consciencia. E o presidiario que expiasse a sua falta pelo trabalho, conquistaria mais certa regeneração do que engai-

lado em grades de ferro, inactivo, energia sopitada, pensamentos ao léo, ruminando mais vinganças, ruminando mais maldade ainda.

E soldados, e presidiarios, tambem deveriam aprender o amor pelas occupações campezinhas, um amor apaixonado, desse amor que a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres poderosamente vae infiltrando nas camadas, amor pelo prazer de semear, amor pelo prazer de colher, na belleza bucolica dessa terra de sol, de maravilhas, de esperanças e que não feita á sua promessa de fartura, de bondade, de belleza.

Quem ha que não sinta as mais transcendentas emoções estheticas ante o encantamento de tons quentes e de formas bizarras que enfeitam a terra?

E o campones, da porta da sua cabana, namora o milho, o arrozal franjado, o boi que pasta na colina em plethora de seiva.

Promessa de fartura, encantamento, bondade, felicidade emfim!

A ruralização das escolas entre nós, focalizando fins, e meios dentro desses fins, não é cousa que se discuta mais.

Ao lado de cada casa que educa uma nesga de terra será a methodologia nas mãos do mestre.

O ideal dos methodos dentro de qualquer theoria pedagogica será aquelle que leve a creança a se expandir de uma actividade escolar a outra naturalmente. Não haverá ponto final nos programmas. Haverá expansão natural de uma parte que estimulou a creança a agir de pensamento, de musculos, de bondade, de tudo que vae tecendo a personalidade capaz de triumphar amanhã, de tudo que vá melhorando a creança na sua conquista de elementos que farão a trama social victoriosa pela qual suspiramos, para outra parte em que ella — creança — com o mesmo encantamento, ponha novamente em exercicio vivo o pensamento, a acção, os sentimentos bons, para que, á força de repetir na escola, elles se extratiquem em habitos arraigados na indi-

vidualidade que deixe de si na sociedade de amanhã reverbos, jámais sombras.

E qual o prodigio que melhor alcançará esse sonho?

O trabalho. Menos livresco o espirito da creança, ella gosta de movimentar-se e o trabalho é derivativo para seus musculos irrequietos e o pensamento põe-se naturalmente a serviço das mãos, coordenando-os, canalizando-os no sentido bom da vida.

Uma escola que cuide apenas de alphabetizar, de fazer lêr os alumnos na bibliotheca lindas historias do maravilhoso, de fazer gymnasticas historiadas e rythmadas, de bailados, de exhibições, de numeros recreativos, feitura de joaninhas, sem se lembrar que a vida é luctar, é trabalho, é realidade, está accentuando mais em nossa raça latinamente sonhadora o instincto como que platónico por demais e que pouco converte em obra viva os lindos projectos que sonha. Vae transmittindo um como que instincto de gozo apenas e a creança adquirindo uma falsa concepção da vida: — dançar, cantar, ler historias, vida mar de rosas, que é a escola assim concebida e amanhã essa creança, quando toque a realidade, a reacção será fatal. E a fragil noção do bem, que não se baseou tambem no amor pelo trabalho, dissolve-se.

Do poder da modelagem, do poder do recorte, da feitura de artefactos sobre a formação do caracter, ninguém mais duvida no avanço pedagogico que vae nos levando de conquista em conquista. Mãos a serviço do pensamento, pensamento a serviço das mãos, attenção integralmente disciplinada; pensamento que não vae ás cousas más, caracter que se crystaliza, caminho do bem. E modelagem, e recorte, e desenho, e toda a actividade manual, são actividades tão ligadas aos que aprendem a arte dos campos, fonte perene de inspiração e estímulo, que eu não preciso mais do que exhibir aqui trabalhos espontaneos das creanças em grupos do Estado de Minas e que tem ao seu lado uma nesga de terra tratada pelas pequeninas mãos, nesga de terra que constitue parte integrante da methodologia da casa.

No grupo Bernardo Monteiro a horta escolar fez com que as creanças construíssem ancinho, pás, armarios, servindo-se apenas de cabos de vassouras, pregos velhos, caixotes, isto é, sem nada comprar. Foi uma necessidade de horta que motivou essas actividades manuaes em que até a difficuldade financeira foi vencida pela própria creança. E a horta lá está, uma methodologia nas mãos das professoras, uma alegria proporcionada às creanças avidas de movimentação, avidas do trabalho da horta a ponto de o terem como premio, tendencia que a escola deve cultivar e mais accentuar, ao invés de suffocar n'um programma urbano. E' uma fonte de renda para o grupo; dos legumes se fornecem cerca de 200 sopas diarias a alumnos necessitados... E é caridade ainda...

No grupo João Pessoa a criação do bicho da seda e de coelhos que poz em viva actividade a creança, teve por arremate a feitura de mobiliario decorado com coelhos, bichos, casulos e borboletas, folhas de amoreira... e uma infinidade de trabalhos em barro, em recorte, em bordados.

Em varios grupos da Capital o trabalho da horta ou é motivo para as expansões manuaes, ou vem em consequencia dessas expansões.

Não é preciso mais do que lembrar aqui a campanha aos insectos promovida por essa associação e que deu motivo, em quasi todos os grupos de Bello Horizonte, a realizações manuaes em recorte e modelagem principalmente, convergindo a atenção das creanças no mesmo assumpto, uma das grandes virtudes do processo global e que essa campanha favoreceu e estimulou pela riqueza de actividades.

No grupo Silviano Brandão, por exemplo, a caça dos insectos invadiu toda a escolaridade; linguagem, arithmetica, geographia... e teve remate de ouro nos trabalhos manuaes variadissimos, inclusive a frisa ornamental de todas as salas e varandas, com insectos em recortes coloridos, o que encanta a petizada.

E dos motivos agricolas tão expressivos, e das espigas e favos e das folhas tão decorativas, e dos fructos, e dos animaes, vão as creanças compondo os florões, as frisas decorativas para seus artefactos; tanto basta que abramos os pequeninos olhos para a belleza de nossos campos.

Os alumnos das nossas escolas já sabem que a fonte de inspiração para motivos decorativos deve ser a natureza viva. Copiam a verdura, os nossos animaes; estylizam-n'os; compõem os seus motivos decorativos para os seus bordados, para os seus mobiliarios, para as frizas de suas casas, para os seus entalhes em madeira, para suas "terras cotas" que são já entre nós o esboço de uma arte nossa, porque se inspira em motivos nacionalistas.

E dos animaes agricolas, e da folhagem brasileira e de seus fructos, e de suas flores, não só a promessa de uma arte nossa, não só o exercicio educativo de coordenação de sentimento, de pensamento, de actividade motriz, mas tambem os germens de um consenso nacionalista e que sabe tirar partido das forças vivas e da belleza plastica que são o nosso orgulho e a nossa esperança; mas tambem a formação da individualidade brasileira no seu verdadeiro ambiente, ella mesma e não a sombra mimetista de outros povos.

Realizemos, pois, o ideal brasileiro.

No abatimento moral em que nos perdemos, suspiramos por um prodigio que aliás o temos nas mãos.

E disso se convenceu a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e num movimento feliz de patriotismo propoz-se a erguer no animo de cada brasileiro a certeza de que elle pôde ser uma parvella viva para o levantamento de nossos brios nacionalistas, brios que serão a resultante de trabalho, de energia, de ousadia, de coragem, de entusiasmo, trama prodigiosa para o exito e que deve se infiltrar nas massas desde as carteiras da escola, formando uma raça de optimistas em substituição á que se perde na contemplação enerte e demagogista de outros povos, pisando as maiores riquezas do mundo que aliás ignora porque a sua educação se fez na analyse objectiva da grandeza alheia, ao invés de se fazer na

realização efectiva que seria o aproveitamento de nossa riqueza potencial e que aos outros povos fará talvez inveja bem justificada.

E que desse movimento educativo resulte a nossa remodelação, o nosso triumpho economico, o nosso triumpho moral, o nosso triumpho cultural.

O saneamento na zona rural

José ZUQUIM
(Engenheiro do Estado)

Obediente á ordem de commando de nosso presidente interino vimos neste momento occupar a vossa attenção, tratando de assumpto comprehendido no programma da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Collaborando na direcção do Nucleo Estadoal, esse é motivo por que nos tocou esta tarefa, algum tanto em desacordo com as nossas actividades.

E não podiamos, nem deviamos fugir ao dever, embora escassos os elementos disponiveis. E' que a campanha da Sociedade colima finalidade elevada e nobre: a formação de uma consciencia ruralista no nosso caro Brasil, repondo a Nação em actividades consentaneas com o estagio da sua evolução, abandonando tentativas improprias, inoportunas, na vida economica, experiencias que tão caro têm custado ao povo brasileiro.

A nossa visada abraça a vida agricola em todo o seu complexo: o estudo de todas as culturas, seus processos modernos, bem como o desenvolvimento das industrias correlatas; mas fundando todo o seu trabalho, precipuamente, na defesa do homem rural, contra todos os males que o assaltam no seu corpo, na sua terra, no seu ambiente, em todo o conjunto da sua vida.

O programma de tão altas finalidades, ninguem pôde em sã consciencia regatear apoio, porque o resultado do seu desdobramento, da sua execução não pertencerá a ninguem, particularmente, mas será a somma, a integralização dos esforços de todos os cooperadores, objectivando aquelle grande ideal.

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Advertencia necessaria

O ar fresco, o sol, os exercicios physicos, o banho frio e uma alimentação perfeita são estimulantes naturaes do organismo, e os melhores dentre todos.

Noção importante

O frio é o processo mais effizaz e mais innocente de conservação dos alimentos, porque não destrõe nem altera as propriedades nutritivas, como faz o calor, nem causa os maleficios de certos agentes chimicos.

Meus senhores:

O Saneamento Rural — pela multiplicidade dos sectores e pela importancia capital que assume na vida brasileira — deve occupar uma semana especial para que possa ser encarado, devidamente, em todas as suas faces.

Trataremos, portanto, sómente de "O solo e a agua do ponto de vista da hygiene".

Na tribuna deveria estar um engenheiro sanitaria para versar este assumpto. Recebida a ordem par estudar este ponto, porém, não podemos discuti-la; aqui estamos para cumpril-a.

Não vamos trazer para aqui as hypotheses sobre a formação da Terra. Consideral-a-emos no estado actual que, no nosso caso, é de quasi completa estabilidade.

Ações varias sobre as rochas primitivas, eruptivas, deram origem outras rochas sedimentares, isto é, formadas pela deposição em camadas na agua ou no ar dos elementos desagregados das primeiras.

A pressão produzida pelo peso destas massas consideraveis e outras forças desenvolvidas no interior das crosta terrestre têm determinado movimentos que alteraram consideravelmente a posição anterior, mais ou menos horizontal dos estratos, causando fracturas nas rochas e dobramentos das referidas camadas. E' nessas dobras e fracturas que mais se fazem notar os effectos da erosão, justamente porque nesses pontos foi rompida a cohesão das particulas constitutivas das rochas, modificando-se no fim de certo tempo, o aspecto physiographico da região.

Ações mechanicas e chimicas formam na superficie das rochas uma camada de composição variada que, reunida ás materias organicas, constitue o que chamamos — o solo. Sub-solo é parte da crosta terrestre abaixo deste na qual são encontradas as riquezas mineraes.

Meus senhores:

Afecta varias modalidades a influencia que exerce o solo na vida do homem. Sinão, vejamos. Contra as in-

temperies, principalmente, tem o homem de abrigar-se em casas mais ou menos artisticas.

Os fundamentos destes edificios devem repousar no solo, que precisa offerecer resistencia garantindo a estabilidade da construção.

Si a humidade o encharca, nem supporta bem as edificações, nem é propicio á habitação, sem correções que o engenho e a arte ensinam. Pois, é sabido que o ar interior humido e quente dá logar á irrupção de molestias cutaneas, além de diminuir a capacidade de trabalho do homem.

Retira-se esta humidade do solo interior, efficientemente, por meio de drenagem exterior mais ou menos profunda. Drenos são cavas em fórmula de canaes occupados por tubulações de manilhas perfuradas, pedras soltas ou feixes de bambu's, posteriormente recobertos. Canalizando as aguas, que humedecem a terra, desviam-n'as os drenos para regiões em que são inoffensivas.

Nenhum dos outros processos supera a drenagem, que remove a causa primeira. Todavia, a melhor solução radical, será a mudança de local, pois innumerous são os inconvenientes de tal sitio para moradia.

No solo se lançam os dejectos humanos quasi sempre carregados de microbios pathogenicos, que se desenvolvem e multiplicam, si em meio favoravel, como, principalmente, isento de saprophytas.

Estes microbios beneficos, existentes no solo e que se activam, quando em contacto com os microbios nocivos, não podem existir em terrenos fortemente impregnados de agua. Os saprophytas, auxiliados por ações chimicas e physicas, diminuem a virulencia e multiplicação dos microbios pathogenicos. Entretanto, resistindo, muita vez, ás naturaes influencias esterelizantes do meio, persistem os bacillos da gangrena gazosa, do carbunculo e do tetano. Nos casos de aggressão por elles, intervém a sciencia medica por meio de séros adequados.

Muitos outros elementos vivos, como ovos de vermes, larvas, etc., lançados á superficie do solo com aquelles de-

jectos, atingem, geralmente, o homem, causando-lhe mal intenso e de grande extensão, si medidas cauteladoras não são opportunamente empregadas.

No solo faz o homem as plantações que satisficam as exigencias da vida, na multiplicação dos alimentos, na produção de flores que emprestam graça, perfume e belleza ao ambiente, na cultura de arvores que lhe fornecem fructos ou madeira e a sombra reconfortante para as fadigas do trabalho.

O solo pantanoso da maioria dos casos é de extraordinaria fertilidade retirado o excesso de agua; explica-se este facto uma vez que tal reserva liquida provém da conformação em bacia da superficie impermeavel da camada subjacente.

Ahi, portanto, virão depositar-se armazenando-se, detritos organicos e mineraes, carriados dos pontos mais elevados pelas aguas meteoricas, constituindo-se o aluvião ubertoso. Outras vezes, o contrario se verifica, e temos o solo necessitando de correções pela irrigação, embora encerre outros elementos vegetativos.

Vemos, portanto, quanto importa ao homem cuidar do solo, pois, em resumo, no solo lança elle todos os restos e do solo colhe o alimento.

Graças aos nenhuns ou poucos recursos, á rotina de costumes, á falta de instrucção adequada, a verminose aniquilla o homem rural, atacando tambem o da cidade. Sim, meus senhores, si a verminose assola a zona rural, como não attingir os habitantes das cidades, aos quaes fornece as verduras, fructas, o leite quasi todo *baptisado* pela agua contaminada, e é nella que se acham os mananciaes de agua captada para a cidade?

Os portadores do maldito verme do amarellão se estendem pelo nosso *hinterland* alcançando cifra apavorante. Inda ha poucos dias informava illustre medico da Colonia Santa Isabel que 80% dos leprosos alli internados são victimas do verme terrivel que espicaça os intestinos do homem e lhe instilla no sangue toxinas que o envenenam, depauperam e matam.

Essa percentagem é, certamente a média que se registra na vida rural, pois, no dizer incontestavel de Belizario Penna, o grande apostolo do saneamento rural, entre as creanças das escolas do Rio de Janeiro, Capital Federal, a cidade principal do Brasil, a percentagem dos atacados pelos vermes era de 70% e, 40% eram portadores, além de outros, do verme causador da opilação. De modo que, encontrando-se no solo ovos e larvas de taes vermes perigosos, facilmente poderá o homem ser attingido por elles quer por via buccal, nos vegetaes ingeridos crus e providos de regiões affectadas, quer por penetração na pelle.

Cabe aqui, meus senhores, tratarmos de outro mal imenso e intenso em terras mineraes, justamente em zonas de grande fertilidade, cuja propagação e difficuldade de combate residem principalmente nas consequencias da configuração do solo: a malária.

Já verificámos que ha conformação da superficie do solo em bacia, em que se formam pantanaes ou lagõas.

E' facil de observar-se que quasi sempre os rios têm as suas barrancas mais altas do que as terras immediatamente seguintes, afastando-se da corrente. A agua não tem a mesma velocidade em toda a secção da caixa dos cursos, é menor nos contornos da secção, portanto nas barrancas.

Tal differença de velocidade resulta do attricto das molleculas d'agua contra as paredes do canal e com a atmosphera, agravada nas margens pelas galhadas e outros detritos que se lhe prendem. Pois, são todas estas circumstancias que concorrem para que os materiaes suspensos na massa d'agua se depositem nas margens por occasião das cheias, levantando desta maneira as barrancas, ficando mais para dentro, cheias de agua, as depressões que nos interessam.

Si o solo desses baixios é poroso, a agua nelle se infiltra, procurando o leito do rio; caso contrario, ahi permanece até que se transporte de novo á atmosphera pela evaporação.

São essas lagóas ou esses charcos o ambiente propício á proliferação de muitas especies de mosquitos ou pernilongos. Como este meio é o mais extenso, por isso mesmo urge atacal-o por todos os modos efficientes conhecidos e ao nosso alcance.

Tambem nos chamados remansos dos rios e em aguas encerradas nos mais variados recipientes esses insectos se multiplicam espantosamente.

Não desceremos ás minucias da vida destes insectos e de como transmitem os primeiros o microbio da maleita. Basta que saibamos serem os anophelinos os transmissores dessa molestia e que elles vivem e se multiplicam em taes meios para os destruir ou remover as causas formadoras de sua *habitat*.

E' no solo, meus senhores, que o homem capta a agua para os misteres que todos conhecemos, principalmente para o asseio e a alimentação. Encontra elle este liquido precioso, seja nas correntes superficiaes da terra, seja em depositos subterrancos — chamados lençóes, ou em rêde de fracturas do sub-solo. Da agua que se precipita da atmosphera, uma parte se evapora, outra escorre pela superficie da terra e a terceira se infiltra no solo.

Estas parcelas variam de grandeza conforme as condições locaes. A porção que corre pela superficie irá engrossar os cursos existentes, originados, como veremos daqui a pouco, de lençóes d'agua subterranea, formados pela parte infiltrada no solo.

Na formação das camadas de que falámos, tratando das rochas sedimentares, varia o material. Ora é a argilla de grãos finissimos, outras vezes areia de granulações diversas. Estas camadas se formam segundo a época da deposição, as rochas de origem e os movimentos á que se viram sujeitas.

Pelo material de que se constituem, podem as rochas ser permeaveis ou impermeaveis. Aquellas são constituídas de grãos que não se adaptam uns aos outros, deixando de permeio pequenos intersticios.

A agua precipitada da atmosphera e que se infiltra no solo, o faz nas rochas desta classe pelos intersticios e vae armazenar-se na sua massa. Estendem-se superficialmente ou mergulham mais ou menos profundamente no solo.

Outras, constituídas de grãos muito finos ou tenros, não apresentam esta propriedade — são *impermeaveis*. A agua não as atravessa, sendo por ellas detida no seu movimento.

Nestas condições, quando uma camada permeavel repousa sobre outra impermeavel, a agua que se infiltra na primeira, não poderá fazel-o na seguinte, ficando encerrada na rocha porosa, preenchendo-lhe os poros, constituindo-se o que se chama lençol d'agua. Estes podem se achar quasi á superficie e se chamam — lençóes phreaticos — ou dos poços, porque delles se pôde captar facilmente a agua por meio dos poços communs de que trataremos mais adiante.

Não consideramos outras aguas, embora importantes, porque não se relacionam immediatamente com o nosso despretencioso trabalho.

São os lençóes phreaticos que nos interessam pela possibilidade de se contaminarem as suas aguas.

Assim, meus senhores, o homem, para attender ás exigencias da vida, servindo-se da agua, a utiliza das correntes superficiaes, e na falta destas ou por argumento economico, recorre ás reservas subterraneas, perfurando poços para a captar. Para essas fontes temos que voltar as vistas no intuito de remover todas as causas de sua contaminação.

CORRECÇÕES

No Boletim da Saude Publica dos Estados Unidos, tivemos occasião de ler relatorios de trabalhos methodicos realizados durante alguns annos em varios Estados daquella grande Nação, levantando-se estatisticas, instruindo-se a população, executando-se obras de saneamento do ambiente rural em correlação com o saneamento dos grandes agrupamentos humanos. Nesta magnifica collectanea de relatorios encontrámos conselhos preciosos e eloquentes, como estes: "A população deve ser instruida para avaliar que o dinheiro

inteligentemente gasto em aparelhamento sanitario, é dinheiro salvo de despende-se com cuidados e tratamento dos dentes”.

“Não basta instruir as creanças sobre os meios de hygiene, deve-se educal-as nos cuidados hygienicos para que tomem esses habitos e os pratiquem automaticamente sem constrangimento, adquirindo o verdadeiro *sentimento hygienico*”.

A prégação destas idéas ha de constituir o nosso programma e, collaborando na sua execução, vamos expor os processos de defesa do solo que os hygienistas indicam.

A causa principal da polluição e contaminação do solo é o lançamento na sua superficie de dejectos humanos, possivelmente carregados de microbios pathogenicos, ou de ovos de vermes. A correcção logica, natural, que occorre, é não lançar taes dejectos directamente na superficie do solo.

Ha na zona rural o pessimo habito de não usar privadas, sendo deixadas á superficie do solo, em qualquer sitio, as materias fecaes. Os ovos dos vermes são transportados pelos animaes e mesmo pelo homem para as plantações e até para os poços ou regos da agua que usam para beber contaminando-a, ou se transformam em larvas e caminham e alcançam os pés descalços do homem, por onde quasi sempre penetram no seu organismo, talvez isento do mal terível.

Para obviar esse grande inconveniente impõe-se a construcção de uma privada, que pôde affectar varias fórmãs, algumas de preço muito baixo.

Varios são os typos aconselhados, de accordo com as condições locaes.

Desde a mais rudimentar cava de enxada na roça em trabalho até o completo serviço de exgottos das agglomerações humanas adeantadas, mas todos elles realizando o isolamento dos dejectos humanos. A solução intermedia é dada pelas fossas que variam na fórina, no systema e nos materias empregados.

Aquellas das mais baratas, que soluciona o problema é a chamada fossa perdida, constituida por um fosso (de

2,0 de profundidade por 1,0 de diametro), fechado por lampa de madeira ou lages de pedra, recoberta de terra, ao qual se lança o pequeno exgotto de manilhas provindo da cазinha que encerra o vaso com o syphão. Está ao alcance das bolsas medias.

Podem ser tambem construidas fossas septicas ou hygienicas, mais caras, mais bem acabadas, de pedra ou tijolos cimentados, ou concreto, sem nenhum inconveniente, mas exigindo certos cuidados, como evitar lançar-lhes papeis, quaesquer desinfectantes, aguas servidas que lhes prejudicam o funcionamento.

Só deve ir á fossa septica a agua das descargas das privadas que se lhe ligam. Como dissemos, muitos e variados são os typos que podem ser adoptados.

Dada a pobreza, a verdadeira penuria dos infelizes e perseguidos trabalhadores ruraes, uma solução que está ao alcance de suas possibilidades, porque quasi que dependem exclusivamente do seu braço é a seguinte: abrir um fosso de 2,0 x 1,0, fechal-o de estiva de troncos de madeira bruta, tendo só o cuidado de deixar um vão para o lançamento do material, vão esse que deverá ser fechado em seguida por outro convenientemente preparado, afim de combater o trabalho das moscas. E' a modalidade mais simples da fossa perdida.

No Relatorio da Directoria de Saude Publica se encontram projectos de todas ellas, organizados pela Inspectoria de Engenharia Sanitaria.

Muito criterio, porém, é preciso na escolha da posição da fossa perdida, cuidando-se que não fique a montante ou proximo de poço, si existir. Taes privadas podem variar muito, de accordo com os recursos financeiros dos interessados.

Convém lembrar, entretanto, o aviso: E' mais barato construil-as do que tratar dos doentes, que o são, devido á sua ausencia. Por esses meios simples, ao alcance de todas as bolsas, serão removidas as causas de contaminação do solo, evitada a propagação de verminoses e de infecções intestinaes.

Os poços, que são perfurações praticas no solo até que se encontre o lençol aquifero, são utilizados quando não se encontra agua superficial a distancia economica. Ou são lenções ou podem ser grandes rédes de fendas profundas, preenchidas por consideravel reserva de agua subterranea.

São communs os poços pouco profundos, geralmente revestidos de alvenaria. E para a localização destes é quasi sempre sob a intuição o guia.

Têm sido sufficientes em caso de uma só habitação, exigindo pouco dispendio. Para abastecimento de povoações é sensato um estudo geologico da região, afim de determinar-se a posição mais conveniente para o poço e de evitar-se seu desperdício de dinheiro, em tentativas quasi sempre frustadas.

Si se adopta o poço commum, será convenientemente revestido e depois fechado por tampa estanque, só atravessada pelo tubo de sucção da bomba, protegendo-se devidamente as suas cercanias.

Ao invés destes verdadeiros fossos, podem ser praticados simples furos no solo por meio de sonda até alcançar o deposito aquifero, furos esses logo revestidos por tubos de ferro, parafuzados uns aos outros.

Em casos de pequenas proporções pôde ser obtida a agua de lençol phreatico, fazendo-se penetrar no solo até alcançar o lençol um tubo ferrado na ponta e de paredes perforadas na extremidade inferior, adaptando-se-lhe na superior a bomba conveniente.

Por esse modo disporá o homem de agua pura não só para bebida e para o asseio, como para irrigação das plantações, sem o minimo risco para a saude.

Vimos o perigo offerecido pelos charcos e pantanos e lagõas, conforme o estado sanitario da região, principalmente si ahi reina a maleita.

A destruição ou saneamento destes focos de anophelinos é tarefa patriótica que assume caracter nacional, antes de ser um dever que se impõe aos governos e a cada um dos cidadãos que formam a collectividade.

Os charcos, os brejos, podem ser de pequena profundidade. E tal seja a espessura da camada impermeavel que os supporte, pôde se provocar a sua ruptura por meio de explosão de cargas de dynamite, quando não fôr possível, está visto, exgottal-o por outros processos mais baratos, como abertura de vallas que conduzam as aguas a cursos proximos. Convém neste caso tratar de lavar esta gleba e cultural-a, mesmo que seja pelo capim angola, plantar arvores apropriadas a taes tervenos, como o eucalyptus.

Pôde-se aterrar o pantano. Si se dispõe de grandes recursos, esse trabalho será realizado em pouco tempo por meio de desmonte hydraulico de algum morro vizinho, cujas terras serão encaminhadas para o brejo, que se encontra em nivel inferior.

Esse desmonte hydraulico tanto pôde ser executado por meio de machinas, como aproveitando a acção de enxurradas durante a estação chuvosa, convenientemente guiadas, processo este mais penoso e demorado, talvez mais barato, ao alcance de qualquer trabalhador rural.

A desobstrução das caixas dos cursos d'agua é providencia de valor neste genero de trabalho, pela maior velocidade que proporciona, cavando o leito, aumentando consequentemente a vazão dos cursos. Não se poderá pensar em aterrar lagõas, por ser não só elemento de belleza, como por que pôde até tornar-se uma fonte de renda aproveitavel, a bem da economia rural: é que os marrecos são devoradores de larvas, que se desenvolvem nas lagõas. Uma criação dessas aves, actividade grandemente lucrativa e de grande agravel memento, acabarão com as larvas perniciosas.

Devemos, meus senhores, encerrar aqui as desatavias considerações desautorizadas, fructo do desejo ardente de juntar o nosso concurso ao esforço apostolico dos realizadores desta Semana, serviço que reputamos de inestimavel valia para o nosso Estado e para o Brasil.

Antes disso, porém, permitti, meus senhores, que conclamemos todas as classes, todos os homens de boa vontade do nosso Estado, para a campanha gigantesca pelo saneamento do seu territorio.

Queremos começar pela maior autoridade administrativa do Estado — o sr. governador Benedicto Valladares, — num appello forte e vibrante, fazendo-nos éco ampliado dos gemidos lancinantes e angustiosos das populações pobres ruraes, para que s. excia., embora tenha encontrado depauperados os cofres estaduais, não consinta que sejam cortadas as verbas da Saude Publica, mas, si possível, augmentadas para a capacidade e dedicação do seu pessoal não sejam vencidas pela falta de aparelhamento material para atacar e resolver o premente problema do saneamento rural, mediante plano preestabelecido, em que entre a collaboraçõ do Governo Federal e de cada cidadão.

E não se diga que não é preproductiva essa despesa, para argumentar só do ponto de vista economico, quando outros argumentos mais eloquentes gritam contra as soluções parciais, impostas pelo recrudescimento das endemias em certas épocas e logares.

Precisamos valorizar o homem nacional, fortificando-lhe a saúde combalida, em concomitancia com o fomento da corrente immigratoria conveniente, que venha auxiliar-nos no nosso progresso e na consolidação da nacionalidade brasileira, mas não nessa que, apesar de todas as defesas, se enkista no nosso meio, formando um todo extranho que não se plasma na nação.

Mas, meus senhores, mesmo porque a solução deste problema não depende inteira e exclusivamente do sr. Governador, é que dirijo o meu appello a todos os elementos politicos e sociaes do Estado. Aos srs. Constituintes, para que, encarando com elevação e sem partidarismo esta questão vital para o nosso Estado, dêem ao sr. Governador as leis que lhes ditar o seu alto patriotismo no sentido de armar-se elle de elementos que o conduzam á realização almejada.

Ao Clero, nas pessoas dos reverendissimos srs. Arcebispos e Bispos do Estado, para que de envolta com a semente espiritual da Verdade Eterna, propine com prodigalidade a palavra da hygiene aos fieis, por meio dos conselhos convincentes que costumam empregar em todos os momentos, que um perigo imminente ameaça o seu rebanho querido.

Ao professorado, de modo geral, que graças a Deus, vae crescendo em sabedoria e virtude, para que installe na consciencia delicada das creanças o sentimento da hygiene.

A todas as associações de classe, directamente interessadas todas ellas no aperfeiçoamento do homem em todos os sentidos, especialmente ás extremistas, tão cheias de ardor, para que, suffocando o odio que nada constróe e só traz desenganos, e transformando a energia que applicam em palavreado destruidor, açulando a luta de classes que nenhum beneficio póde trazer ao trabalhador, em força cooperativa creadora, prestando o seu concurso valioso na campanha em prol da collectividade enmiada do trabalhador rural.

E assim, meus senhores, todos irmanados na mesma campanha, identificados no mesmo ideal, conjugados no mesmo esforço constructor, poderemos realizar, em ambiente de são patriotismo e verdadeira e real fraternidade, mediante um plano logico, pratico, em que todos collaborem, a suprema aspiração de um povo: Ser forte e sadio, em todos os sentidos, dignos da Patria nobre que a posteridade nos legou.

Toda correspondencia para esta publicação deve ter este endereço: "Revista do Ensino".
— Secretaria da Educação.

Contribuição do Cinema no problema rural

Benedicta MELLO
(Assistente técnica do Ensino)

Antes de focalizar o assumpto da minha despreziosa palestra, n'um olhar retrospectivo para o passado, na tela da minha imaginação, projecta rapido e luminoso o inicio do meu magisterio em uma humilde escola rural, no sul de Minas.

Desenrolam-se nitidas as dificuldades por que passei, inexperiente, atrada já com algum idealismo e entusiasmo para um meio que ainda hoje, de nenhum modo favorece a nossa missão. Entretanto, seja-me permitido afirmar, com toda a sinceridade, que os primeiros espinhos encontrados no caminho da minha vida magisterial, não me desanimaram.

Valeram-se por uma grande experiencia e decidida coragem de enfrentar os innumeros precalços diarios, no afan de alguma cousa a realizar, no campo educativo, a despeito de todas as dificuldades.

Despertaram-me um interesse vivo e cada vez mais crescente pelo problema rural — "cellula mater" do movimento educacional em nosso paiz — digno de ser cuidado como um grande dever civico por todos os educadores, governo e povo brasileiro. Ainda que outros factores de ordem economica e social não existissem para o ataque dessa questão vital para a nossa nacionalidade, bastaria, por si só, o espirito de humanitarismo. Não se pôde tolerar a exploração de uma porção da sociedade por outra.

O conjunto dos seres humanos não deve ser partilhado em duas facções: uma feliz, instruída e prospera; outra extranha a todo o gozo, acampada, sem conforto, miseravel, quando é ella quem mais poderosamente contribue para conservar e augmentar o bem-estar, o valor, o merito e a felicidade que a outra possui com o concurso de todos.

Mais do que em qualquer outro dominio cabem aqui as palavras de Alberto Torres quando disse "que não ha problema exclusivamente biologico, psychologico, juridico ou moral na vida do homem, ha problemas humanos e problemas sociaes". E, pois, de se louvar todos os esforços que, patrioticamente, vem fazendo pela ruralização do ensino, a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres" e tão accordes com o pensamento do seu patrono, dentro do que o problema humano e social representa para a nossa nacionalidade.

Seguindo de longe todas as actividades dessa prestigiosa e util instituição que bem podemos denominar: nobre officina da renovação mental brasileira, jamais imaginei vir colaborar deste modo solenne, com o "Nucleo de Bello Horizonte", neste patriotico certamen.

Só o meu grande interesse pela questão e desejo imenso de adquirir conhecimentos uteis e indispensaveis nesta "Semana de educação rural" poderiam fazer-me sahir da penumbra em que vivo para aceitar tão insinuante e honroso convite.

E' insignificante a minha contribuição, mas de quem não poupa esforços para colaborar, embora modestamente, na obra constructora da formação do nosso habitante rural. Vivendo em contacto directo com essa massa social, sempre achei lamentavel o seu isolamento e primitivismo, em relação ao progresso urbano.

Afora os trabalhos diarios, sómente as compras nas vendas visinhas, ou a agitação rara das missões ou a passagem do padre em visita parochial: movimentam a vida pacatissima dessa pobre gente.

No seu isolamento, nem livros, nem jornaes, nem estradas, ás vezes, lhe levam seja uma idéa nova, seja um homem novo a despertar as suas energias latentes.

Sem hygiene, sem conforto, sem assistencia de especie alguma, vivem esses habitantes, miseravelmente, com um salario irrisorio para não morrer de fome.

Apprendem no maximo a soletrar e a garatujar o nome para as eleições e vão continuando a sua marcha de labor agricola deixada pelos antepassados.

Os seus processos de trabalho são os mais rotineiros possiveis.

A ignorancia do habitante rural é patente. Taxamolo ainda de indolente, com irremediavel inclinação para a preguiça, prejudicado pela lassidão das raças enfraquecidas por uma mestiçagem dispar. Mas a verdade é que, acima de tudo, elle é um "desambiantado do meio por falta de educação objectiva, nascida do contacto com a realidade exterior, a estagnação d'uma sociedade que não acamou no seu leito com as unidades humanas, sem o preparo requerido pelas condições mesologicas com trabalho proprio e conveniente".

Vive o nosso homem do campo dispicentemente, ocioso, á porta de suas casas, "pitando", cego á extensão de terreno inutil que rodea a sua choupana e, no entanto, poderia dar-lhe fortuna e fartura. E o caso não se applica sómente ao habitante rural. Nas Capitães, em qualquer cidade do interior, encontramos mendigos fortes, sadios, victimas da indolencia e da preguiça, como o julgamos com fóra de verdade, a implorar pedaços de pão, de porta em porta.

Assim fazem, porque não aprenderam a matar a fome, nobremente, com o producto de um pequeno esforço e trabalho empregados n'uma pequena cultura, no seu proprio quintal.

A insufficiencia de nutrição vae accentuando então, os effeitos da miseria nessas gerações que a "litteratura" do littoral se compraz em pintar como restos destrocados de raça fallida, esteril, opilada com ares convalescentes a se arrastar

por entre as opulencias celebradas da natureza como turba de invalidos moraes nos corredores d'um hospital".

Não é senão á escola que cabe o grande trabalho e dever de dar a necessaria capacidade para a vida de cada um, assegurando a sua existencia feliz e util.

E' certo que para o conseguir teremos de passar por uma phase de lento labor, mormente em se tratando de formação de mentalidade, verdadeiras mutações de vida. Mas nada se constróe de profundo, sem grandes esforços. Bem iniciada está a campanha promovida pela "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres".

O desenvolvimento dos Clubs Agricolas que nos tem surprehendido com os seus resultados já é uma grande conquista.

Não ha duvida de que essa actividade é um optimo meio de despertar pouco a pouco nas crianças o gosto, o respeito pelas fainas agricolas, a comprehensão dos esforços realizados pelos nossos cultivadores e agricultores no amanho da terra e sua collaboração na riqueza do paiz, além do problema da alimentação que póde ser assim, aos poucos, solucionado.

Em breve será a criança, irradiando actividades, o centro de admiração de todos, a convidar os paes e pessoas para sahirem da sua indolencia e imital-as, intensificando assim as fontes desejadas de economia e trabalho.

Dahi me achar em contraposição com aquellos que contestam a eficiencia dos Clubs Agricolas, nas cidades e Capitães. Todo o meu entusiasmo por essa actividade se prende, justamente, no conceito de que esse movimento já constitue o marco inicial da formação do espirito (necessario para conseguir productivas realizações no campo) contrario á corrente urbanista que cada vez mais perturba o mundo.

Collaborando com a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres", com o fim de agitar um pouco a escola rural que jáz estagnada e necessita muito das benções e das graças de um pouco mais do que o *a b c*, dentro das minhas possibili-

dades, comecei a intensificar, em toda a minha circumscrição, um movimento em prol dos Clubs Agrícolas.

Nas escolas rurais, algumas professoras acessíveis, entusiastas, compreendendo a significação pratica, o valor profundo dessa actividade, tentaram iniciativas promissoras.

Conseguiram o interesse, a alegria, o entusiasmo das crianças pela organização da horta, além do aproveitamento das inúmeras oportunidades que deram margem a lições de lingua patria, arithmetica, geographia, sciencias, hygiene dentro de uma situação real, despertando grande prazer pelos trabalhos escolares.

Depois de tudo isso, tive a decepção de receber as professoras, tambem decepcionadas, a me affirmarem que conseguiram a horta e ficaram sem os alumnos.

Os paes, tendo conhecimento dessa actividade escolar, n'um protesto, retiraram seus filhos da escola, argumentando a sua inefficiencia, porque não ensinava mais a ler, escrever e contar sómente. . .

Preferiram então aproveitar o trabalho dos pequenos na lavoura, o que lhes daria melhor resultado, pecuniariamente falando.

Poder-se-ia dizer que houve falta de competencia das professoras. . . Brazopolis tem uma Escola Normal Domestica. O seu programma completo, com estudos de apicultura, agricultura, sericultura, horticultura, favorece as suas diplomadas a leccionarem com grande eficiencia. No entanto, essas professoras não conseguiram ainda applicar seus conhecimentos em realizações praticas, nas escolas rurais, pela ferrea resistencia dos paes.

Kant escreveu, não sem algum paradoxo, "que os dois grandes obstaculos do progresso da educação provem dos paes e dos soberanos porque uns e outros preferem fins interesseiros em vez de visar a formação de personalidades humanas. Si o problema rural deperde da solução de muitos outros que nos assoberbam e é necessario que os paes auxiliem as elevadas iniciativas, tão ligada está a sua natureza economica, diante desse impedimento não me pareceu motivo para

deixar-me vencer pelo desanimo. N'uma forte reacção, com o objectivo de auxiliar as professoras, predispondo o espirito dos paes para aceitarem as actividades agricolas, recorri ao cinema documental.

Estou reunindo films de actividades agricolas nos Grupos Escolares da Capital e do interior para exhibil-os nas escolas por onde passar, em visitas de inspecção, mostrando o trabalho que, com muito mais razão, se deve fazer nos meios rurais.

Quando isto não consiga nos "bairros", por falta de luz, com aviso previo, auxiliada pelos Prefeitos dos municipios que sempre se mostram muito sollicitos, reunirei o maior numero possivel de habitantes rurais, nas cidades, para assistirem á exhibição desses films, com explicações intermedias.

Farei assim uma propaganda mais intensiva, mais rapida, pois que até ahi não chego, não disponho de tempo sufficiente para realizar um trabalho mais lento, nesse sentido, por outros meios.

Dessa maneira, conto conseguir (o que aliás já tenho uma experiencia) a organização de hortas escolares, em todas as escolas rurais da minha circumscrição.

Não se póde transformar os individuos e as épocas pela força, pois que até ahi não chega o despotismo de poder algum. Entretanto, diante da importancia do problema rural, creio tambem que não devemos nos collocar ao lado das difficuldades que se nos apresentam, cruzando os braços, á espera de que o destino nos traga surpresas violentas.

O meio de que me servi para transportar essa rochosa camada da ignorancia dos paes roceiros, não resta duvida, parece estar em conflicto com a crise material com a qual nos debatemos.

Muitos o acharão, por isso, mal escolhido (embora seja uma iniciativa particular), quando temos as nossas escolas desguarnecidas até do mobiliario imprescindivel ás salas de aula, tendo como consequencia, alumnos sentados e trabalhando, em carteiras feitas de caixotes de sabão e kerozene.

Não importa! Si procurássemos formar o espirito de que necessitamos para as nossas realizações, tudo iria consequentemente se modificando, para a verdadeira conquista social.

A contribuição do cinema, seja instructivo, educativo, documental ou didactivo, é a mais fecunda possível.

E, nos meios ruraes, embora dentro do espirito limitado a que me proponho, muitissimo apreciado por todos aquelles que, isolados na vida do campo, vivem em completo desconforto, sem nenhum encanto a não ser os pesados trabalhos da roça.

Com a intensificação deste elemento de propaganda, suggestivo, rico de recursos para attrahir, convencer, ensinar, muitos males da deficiente educação do nosso povo poderiam ser minorados.

Existem já, em abundancia, no mercado cinematographico, para não limitar ás fitas documentaes, fitas instructivas sobre agricultura, apicultura, prophylaxia, alimentação, hygiene. A Minas que, n'uma continuidade de esforços por parte de nossos Governos, muito tem realizado para a solução de muitos problemas que envolvem a defesa da raça e a formação de uma mentalidade, dirigindo-a para um estagio de cultura e de criterio pratico, na applicação dos seus methodos e processos de ensino, não lhe escapou a visão dessa maravilhosa prespectiva que nos dá o cinema em nossas escolas.

Em decreto n. 10.414, de 5-7-1932, pelo então Presidente dr. Olegario Maciel e Secretario dr. Noraldino Lima, foi regulamentado esse meio complementar educativo. Ninguém pôde contestar e contrapor o poder diffusivo de attracção exercida pelo cinema sobre as massas populares. E que infelizmente, em nossos dias tem se tornado alva da necessaria vigilancia do mundo catholico e não menos preocupação da parte dos educadores e paes, conscios da sua responsabilidade sobre a educação da infancia e da juventude, pelo lado mau que tem tomado vulto.

No entanto, a propria Igreja, reconhecendo o seu valor altamente instructivo e educativo, adopta-o com enthusiasmo.

Em Paris, já se reuniu, pela segunda vez o Congresso Catholico de Cinematographia.

Em Berlim, fundaram o Cinema Catholico de films educativos.

Oxalá muitos outros se fundassem com esse objectivo, entre nós purificando assim as fitas mercantis de tão nefastas consequencias que, bem merece, já por esse motivo, a campanha do "bom cinema, contra o mau cinema". Os nossos problemas sociaes, em geral, ahi estão reclamando a sua solução no problema educativo. São poucas as esperanças de grandes conquistas, nesse campo, pela crise economica, "insufficiencia dos parcos e, ás vezes, nullos recursos e meios de aperfeiçoamento de que dispõe nosso povo".

No entanto, não resta duvida que precisamos penetrar com o progresso, seja através de pequeninas iniciativas que as nossas forças permitem, "ás regiões pobres, isoladas e pedidas em milhares de nucleos esparsos no extenso territorio do paiz".

Ao lado da imprensa e do radio que muito mais podiam contribuir ainda para levar ás nossas professoras do interior, cheias de boa vontade, entregues ás mil e uma difficuldades, afastadas dos centros de cultura, um pouco de enthusiasmo e alguns conhecimentos através dos innumerados trabalhos realizados na Capital, alliemos o cinema.

"A reunião de Locarno deu azo ao apparecimento da "Association Internationale pour Films d'Education Nouvelle", com a finalidade de fornecer ás universidades, collegios, escolas e outros institutos pedagogicos, assim como aos professores que o pedirem, fitas referentes á actividade das escolas novas nos varios paizes e tambem films relativos á psychologia da criança; informar ao publico por meio de films e photographias que concretizem o ideal e os principios da educação nova; collaborar com os melhores fabricantes de films para custear e editar fitas, de accordo com o fim da associação".

Mussolini, em discurso no Instituto, na Villa Falconeri, salientou a vantagem do cinematographo em face do livro e do jornal por falar aos olhos de maneira accessivel a todo o mundo, favorecendo melhor, intensa collaboração educativa.

Um Irmão de Jesus, Francisco Tavares de Bragança, declara em uma revista do Rio que, em estudos theologicos na Europa, sentiu que o Brasil era, alli, bem desconhecido. Servindo-se então de um apparelho de projecções, através de palestras simples, nas horas vagas, propoz-se a fazer propaganda do Brasil.

A's exclamações de surpresa e de entusiasmo de quantos o assistiam, ia projectando na tela os aspectos encantadores das nossas cidades brasileiras, de nossas praias maravilhosas, de nossos Institutos de sciencias, de nossos portos em movimento, de nossas plantações, do Brasil agricola e industrial". Após o film, discorria sobre o futuro que nos espera e os progressos urbanos do Brasil que não fazem inveja a qualquer paiz da Europa.

A acção patriótica de Irmão Francisco para dar á população européa conhecimento do Brasil tão ignorado, devia ser imitado mesmo entre nós... Em beneficio dos nossos interesses economicos e sociaes.

O cinema, como optimo elemento de propaganda nacionalista das cousas da nossa Patria, concorreria, por certo, para que ella fosse mais amada e respeitada.

Os nossos vizinhos do Uruguay, não dispensam esse instrumento de educação. Todos os "inspectores regionaes" das chamadas "escuelas del interior" possuem apparelhos portateis de projecção fixa e Pathé Balfy para exhibirem films instructivos, educativos e documentaes, nas escolas ruraes, quando as visitam.

Si o cinema, entre nós, dêsse ampla divulgação das boas actividades escolares realizadas, muito mais entusiasmo e rendimento do trabalho poderíamos conseguir.

Como contribuição magnifica e urgente na obra da educação nacional, dentre muitos valores, não resta duvida que poderia dar á nossa população:

- a) melhores conhecimentos agricolas e sanitarios;
- b) noções sobre a alimentação;
- c) idéa geral das riquezas do nosso solo e da sericultura;
- d) noção visual dos males dos grandes centros urbanos;
- e) melhor conhecimento do paiz e, sobretudo, uma consciencia agricola que não existe ainda e para a qual trabalha ardentemente a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres", com os applausos de todo brasileiro que deseje, para a sua Patria, melhores dias de grandeza e prosperidade.

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno 24\$000

Semestre 12\$000

Numero avulso, 2\$000

Collecção de um anno. 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saude Publica, Belo Horizonte.

O problema da lepra nas escolas rurais

Dr. Orestes DINIZ
(Director da Colonia Santa Isabel)

“Minas e o Brasil ainda vivem nesta hora em que a luz da civilização, espancando todas as trevas da ignorancia, descortina novos e promissores horizontes, ao tremendo peso da epidemia leprosa, sem duvida, um dos mais cruéis flagellos que, em todos os tempos, tem assolado a humanidade, maculando e destruindo, gerando tragedias, estancando fontes de energias, desvalorizando a gleba e o homem, caracterizando assim indelevelmente a incipienca de uma civilização desprovida ainda do necessario idealismo de perfeição, desvestida do anseio da hygidez da raça, insciente do grande contingente com que contribue para infelicitar a gente brasileira a entidade nosologica modernamente denominada “doença de Hansen”.

Problema nacional gravissimo que ahi está a clamar por uma solução prompta, preciso é que se congreguem todas as forças vivas da nação, todo o potencial creador de que é capaz a intelligencia humana, alliado ás conquistas scientificas de nossos dias para a luta redemptora contra essa “doença monstruosa que transforma o homem em espectro, mas tambem, e sobretudo, da lepra, doença social — da lepra como factor de despoulação, de invalidez, de prejuizo economico, de descredito do paiz”.

“Somos um paiz sem orientação social e economica”, já affirmava Alberto Torres, “no entretanto, um dos que apresentam mais solidos elementos de prosperidade e mostram condições para um mais nobre e brilhante destino”.

Eu venho neste momento focalizar, embora de voadá, uma das faces do problema medico-social que o da lepra, dos que mais instantemente estão solicitando a atenção de governos e sanitaristas, para que possamos caminhar com passadas mais largas, para os destinos esplendidos que Alberto Torres nos annuncia.

Ha mais de tres seculos a lepra realiza entre nós a sua obra destruidora.

Importada com a colonização portugueza e com a entrada do elemento negro africano, foi Minas Geraes um dos seus primeiros campos de desenvolvimento. Espalhou-se, disseminou-se, aproveitou-se do terreno propicio encontrado, com tal arte, que hoje se acha profundamente radicada, constituindo um martyrio para suas numerosas victimas e um estigma para o povo e a terra que a abriga.

Raul de Almeida Magalhães, em trabalho de 1931, onde podemos criticar o optimismo, declarava, em conclusão, de censo da lepra por elle organizado, que era de tal modo grave a situação em Minas, que o inicio da campanha contra a lepra não admittia mais nem contemporição, nem adiamento. Avaliava então em 8.751 o numero de nossos doentes, distribuidos pelas cinco zonas do Estado, representadas pelos seguintes coefficients: — Zona Oeste, 2,9%; Centro, 1,4%; Triangulo, 1,1%; Sul de Minas, 1,2%; Matta, 0,8%, e Norte, 0,3%.

O professor Antonio Aleixo, em sua conferencia realizada em Varginha, com dados mais reaes sobre a situação, baseado em diversos informes e depoimentos fidedignos, em investigações e relatorios, em indices e dados estatisticos, estima os leprosos de Minas em 9 a 10 mil.

Orsini de Castro, em discurso recente, avalia em 12 mil o numero de nossos patricios portadores do terrivel morbus.

Acceptando qualquer que seja dos dados que venho de citar, ainda mesmo o mais optimista delles, força é concluir que a situação é premente, não bastando para o isolamento dos doentes conhecidos os dois estabelecimentos hospitalares existentes — o Hospital de Lazaros de Sabará, com 60 leitos

e a Colonia "Santa Isabel", com cerca de 1.000, e em augmento para 1.500.

De contornos muito nitidos fica desenhada a situação de gravidade do problema para as nossas populações rurais eu vol-o declarar que mais de 50% dos doentes que buscam tratamento e isolamento provêm dos meios rurais, onde a doença encontra campo fértil para desenvolver-se, graças á situação de lastimavel carencia com que vivem essas populações. Habitações inadequadas, promiscuidades, ausencia de habitos hygienicos, concorrência de outras causas adjuvantes, ou debilitantes, taes como a verminose, o impaludismo, a syphilis, o alcoolismo, a deficiencia alimentar, eis ahí causas predisponentes ao contagio da doença, as quaes, infelizmente, estão presentes frequentemente, ora sós, ora associadas, entre as populações rurais de nossa terra.

"Tenho a impressão, diz SILVA ARAUJO, que a lepra é doença sobretudo rural, só accidentalmente constituindo grandes focos nas zonas urbanas".

No meio rural nenhum campo existe talvez tão interessante para estudo e para investigação de casos novos do que a Escola Rural, ponto de convergencia de creanças providas de lares sadios mas tambem de lares doentes. Sementeira facil para a doença, são as escolas rurais, collectividades que precisam ser bem defendidas, para que se não tornem fontes de disseminação da doença.

Duas ordens de medidas devem ser postas em pratica: — as primeiras, a cargo das autoridades sanitarias, consistindo na realização de exames medicos em escolares suspeitos e, tambem, em escolares cohabitantes com leprosos e, mesmo, em casos especiaes, inspecções medicas geraes; as segundas, de não menos relevancia, desempenhadas em grande parte pelo proprio professorado; a função educacional divulgadora de conhecimentos elementares da doença e de medidas hygienicas, muitas vezes decisivas na prevenção da enfermidade.

A tenacidade, o prestigio, a exemplar dedicação de nossas patricias entregues ao sacerdocio do professorado publico, constitue um dos elementos de mais relevo a ser recrutado

para os serviços educacionaes, justamente num dos campos onde a doença, com a impiedade costumeira, não poucas vezes é encontrada.

Na Conferencia para uniformização da campanha contra a lepra, realizada no Rio de Janeiro, ha dois annos, uma das conclusões que mereceram a approvação daquella douta Assembléa, na qual tinham assento os mais destacados especialistas nacionaes, foi a que recommendava o ensino, em todos os estabelecimentos educacionaes, de noções elementares e essenciaes sobre a contagiosidade da lepra e os meios de evital-as. E proclamava o congresso: — "Nesse trabalho educativo é de grande valia a collaboração do professorado".

Façamos, pois, da escola rural, um dos palcos onde se ensinem preceitos de hygiene especializada para que, na formação mental das creanças, se aperfeicoem, não só habitos de hygiene individual, como uma consciencia sanitaria anti-leprosa, factor de consequencias imprevisiveis a colaborar com a Saude Publica na prevenção da lepra.

Os exames de suspeitos e communicantes, quer sejam alumnos, professores ou serventes, devem ser realizados periodicamente de 4 em 4 mezes, dentro do periodo escolar. SOUZA ARAUJO recommenda o "exame bi-annual das populações escolares com o fim de descobrir leprosos, em collaboração com os medicos da repartição escolar, onde houver".

Encontrado um caso de lepra em uma escola, será o mesmo immediatamente afastado e procedidos exames cuidadosos nas creanças que com elle conviviam mais intimamente.

O Centro de Estudos e Prophylaxia da Lepra, dirigido pelo illustre professor ANTONIO ALEIXO, está em condições de attender a solicitações nesse sentido. Dispõe aquella dependencia da Saude Publica de especialistas competentes, exclusivamente occupados nesse mister de investigação. Deve a professora solicitar a presença do medico do serviço da lepra sempre, e si possível, na propria occasião em que matricular alumnos pertencentes a familias em quaes se conheçam casos de lepra ou quando se evidenciarem signaes que os tor-

nem suspeitos a que adeante me referirei, perfeitamente ao alcance do olhar leigo do observador.

Essas requisições de exames medicos devem se revestir de absoluta discreção para que não tragam constrangimentos e descontentamentos, até certo ponto razoáveis.

A professora submetter-se-á fielmente ás instruções e decisões da autoridade sanitaria que, pela responsabilidade de que se acha investida, pela competencia especializada de que é portadora, pelo arsenal clinico e aparelhamento de laboratorio de que dispõe, está em condições de resolver todos os casos de modo a deixal-os perfeitamente esclarecidos. A palavra do medico visitador que fór chamado a elucidar qualquer caso, deve ser acatada, sem discussões, redundando as vacillações, muitas vezes, em prejuizos moraes inculcaveis. E' necessario precaver-se contra os frequentes exaggeros, as leprophobias, que determinam sempre damnos e, ás vezes, até ridiculo, como este de que nos fala um autor classico: — *Um reu leproso, ao penetrar num tribunal norte-americano, lançou pela sua simples presença, tal alarme, que o publico, jurados e até juiz, fugiram espavoridos.*

A idade mais propicia para o contagio de lepra é exactamente a da infancia, em que as defesas organicas ainda não estão sufficientemente aparelhadas para resistirem ás inoculações do microbio causal da doença. Innumeros são os autores que demonstram, com dados estatisticos, irrefragáveis, essa maior receptividade das creanças. Rogers & Muir, em seu livro classico, citam estatisticas eloquentes, das quaes transcrevo algumas.

A Comissão Indiana de Lepra verificou até aos 15 annos de idade um total de 32,7% de contagios. Munch, para a Russia Meridional; 37,20%; McCoy, para Molokai, 40,70%, e Tonkin, no Sudan, 50,08%. Em Hawaii, os registros do Conselho de Saude mostram a lepra como sendo uma doença da idade escolar, espalhando-se nas proprias escolas. Arning encontrou 8 casos ou 7,27% entre 110 creanças que examinou em duas escolas hawaiianas. Entre filhos de leprosos convivendo com os paes, em Hawaii, de 17 creanças Mouritz viu 9 infectadas de 1 a 14 annos de idade. Denney

encontrou 16,4% de creanças infectadas de 1 a 10 annos e 44% das que tinham vivido com os paes, de 7 a 10 annos.

No Leprosario de Cullion, 33% sobre 308 creanças nascidas e não separadas de seus paes leprosos, se contaminaram.

Sand e Lie, demonstrando a grande susceptibilidade da creança, sobre 2.010, verificaram que 7% dos filhos se tornaram leprosos sómente quando os paes eram leprosos; 14% quando a mãe era a doente, e 26% quando ambos, pae e mãe, eram leprosos, ou sejam um total de 47%. Muitas outras estatisticas estrangeiras eu poderia integrar nesta palestra. Vejamos, porém, o que se passa entre nós: — O dr. Adalberto Sacramento, estudando 2.500 casos de lepra em S. Paulo, encontrou 6% de doentes de 1 a 10 annos e grande numero de casos entre adolescentes, pelo que concluiu esse medico affirmando a preferencia da lepra nos brasileiros, pela infancia e adolescencia. Esse mesmo medico encontrou 93 casos de lepra entre escolares, ou sejam 3,88%.

Aben-Athar, no Pará, estudando a idade da eclosão dos primeiros signaes da lepra entre 882 doentes, verificou que 75 adoeeceram de 1 a 10 annos, ou sejam 8,50%, e que grande parte dos casos surgem entre os 10 e 20 annos, e tambem conclue que a lepra é doença da infancia.

O prof. Aleixo, tambem investigando a idade de apparecimento da lepra em 50 dos 75 primeiros doentes, recensados em Bello Horizonte, verificou a existencia de 16% de doentinhos, contando de 1 a 10 annos de idade, o que não representa, como accentua o illustre mestre, um indice muito elevado, mas, em nossa opinião, já bastante expressivo.

Na Colonia "Santa Isabel", entre os doentes isolados, ha 6% cujas edades se acham abaixo da de 15 annos e muito maior é certamente a porcentagem dos que contraem a doença antes de passarem dessa idade, verificando-se o apparecimento dos primeiros signaes nos annos subsequentes, após os periodos longos de incubação.

Todos esses dados, quer os de paizes estrangeiros, quer os de outros Estados, e quer os do proprio Estado de Minas Geraes, vêm demonstrar, de maneira inequivoca, a eleição

que a doença tem pela infancia, principalmente pelas de segunda infancia. Justificada está, pois, a necessidade de exames medicos escolares communicantes, pela possibilidade de entrarem infectados para as escolas, onde poderão constituir fontes de novos contagios entre os seus condiscipulos. Creio não ser demais relatar aqui algumas observações tomadas ao acaso dentre outras para documentação expressiva de como é frequente o apparecimento de escolares doentes:

FICHA 4 — J. L. S., 10 annos, branco. Alumno durante 3 mezes de escola rural.

FICHA 634 — S. C., 14 annos, branco, doente contagiante, alumno de grupo escolar durante 2 mezes, e de uma escola rural durante 2 annos (Sul de Minas).

FICHA 932 — A. F. S., 13 annos, alumno durante um anno e meio de uma escola rural da cidade do Oeste de Minas.

FICHA 773 — F. B., 14 annos, branco, alumno de escola rural mixta de municipio da Zona da Matta.

FICHA 813 — O. D. S., 14 annos, moreno, ex-alumno de uma escola de cidade do Oeste. Leproso ha 2 annos, portador de lesões graves, ulcerações, etc. Todos os exames de laboratorio, positivos.

FICHA 1.228 — B. B. N., 10 annos, preto. Grande eliminador de bacillos da doença. Lepra mixta. Frequentou escola durante dois annos.

FICHA 212 — J. V. C., 12 annos, preto, alumno seis mezes de uma escola rural, de municipio vizinho da Capital. Caso grave de lepra com ulcerações, tuberculo; muito bacilifero.

FICHA 489 — F. P. S., 13 annos, branco. Doente contagiante, alumno de escola rural durante 3 annos, tambem de outro municipio proximo da Capital.

FICHA 10 — J. M., 13 annos. Talvez o caso mais grave de doentinho, internado na Colonia "Santa Isabel". Alumno durante 6 mezes de escola publica e 5 mezes em escola particular.

Os casos acima relatados bastariam, por si sós, para justificar a necessidade da vigilancia medica nas escolas rurales. Mas, infelizmente, a questão não se detém ahí. Tambem o professorado paga o seu tributo de dôr. Nelle vamos tambem ás vezes encontrar portadores de doença de Hansen, pois, a enfermidade invade e macula todas as classes, não respeitando condição social, profissões, côr ou raça.

São illustrativas as seguintes observações:

FICHA 104 — X., 18 annos, professora afastada quando em pleno exercicio de suas funções. Doente portadora de bacillos, ou seja contagiante.

FICHA 796 — X. X., 23 annos, professora publica, durante quatro annos. Portadora de lesões graves. Contagiante.

Estas observações vêm completar, de modo eloquente, a justificativa que venho fazendo no sentido da realização de um trabalho activo de investigação anti-leprosa e elucidação de diagnostico nas escolas publicas e principalmente na escola rural, trabalho que cabe á Inspectoria Medico-Escolar, magnificamente dirigida pelo dr. J. Castillo Junior, em articulação com o Centro de Estudos e Prophylaxia da Lepra.

Cumpro agora o dever, aproveitando-me da oportunidade que se me offerce, de occupar esta meia hora da Semana Ruralista, para delinear um programma de educação sanitaria a ser desenvolvido pelas proprias professoras rurales, a quem, particularmente, me dirijo neste momento, para repetir alguns factos tornados classicos por demonstrações scientificas cabaes, das quaes podem as nossas dignas patricias tirar material para as suas tarefas de preciosas auxiliares das autoridades sanitarias.

A lepra é uma doença contagiosa causada por um agente microbiano descoberto em 1871 por Armuier Hansen, denominado "Bacillo de Hansen", que, penetrando no organismo humano, prolifera, determinando o apparecimento da doença.

Transmittida de individuo a individuo, quasi sempre no meio domestico e entre "aquelles que moram debaixo do

mesmo lecto, ou em circumstancias que lembram a vida em familia, como nas escolas, fabricas, caserna", são numerosas as provas de contagiosidade da lepra.

Jeanselme cita tres ordens de provas:

1.º) individuos procedentes de paizes onde não existe lepra, contraem a doenca quando passam a residir em paizes infectados. Tal é o caso de italianos que, emigrados de uma patria onde a lepra é rara, contraem essa enfermidade com facilidade, no Brasil, o que se observa particularmente em S. Paulo, onde mais de 50% dos doentes são italianos ou destes descendentes;

2.º) leprosos indo residir em paizes onde a lepra está extincta, contaminam individuos que jamais sahiram de seu paiz de origem;

3.º) verdadeiras epidemias de lepra têm sido registradas em varios pontos do globo, particularmente em ilhas indenes, após a chegada de um leproso apenas.

A theoria de que a lepra é doenca hereditaria e não contagiosa, está hoje completamente afastada. Ella nasceu por deducção, visto se encontrarem frequentemente familias inteiras atacadas pela doenca, verdadeiras epidemias familiares de lepra e tambem devido á inoculabilidade experimental da doenca.

A descoberta do bacillo de Hansen, a egualdade de riscos de contagio, tanto para filhos de leprosos como para outras creanças, em contacto com leprosos, a extensão rapida de endemia leprosa, e, acima de tudo, a ausencia de lepra de modo absoluto em filhos de leprosos contanto que separados immediatamente após o nascimento, são provas que destroçam completamente a theoria da hereditariedade.

A proposito deste ultimo argumento, vale a pena citar estes dados: — De 1910 a 1924, nasceram 219 creanças filhas de paes leprosos em Molokai. Dellas, 30% falleceram de doencas varias; 109 foram subtrahidas ao convivio dos paes, não se apresentando nenhuma destas doente; das que permaneceram juntas com os paes, 56 ficaram leprosas.

Na Colonia "Santa Isabel", em seus tres e meio annos de funcionamento, já tive oportunidade de retirar dos paes, immediatamente ao nascerem, mais de uma dezena de creanças, sem que encontrasse em nenhuma dellas qualquer signal da infecção.

Estabelecida a contagiosidade da lepra, falemos duas palavras sobre o mecanismo da infecção.

Os doentes de lepra, contagiantes, deixam escapar, de suas lesões da pelle ou mucosas, myriades de bacillos que, lançados no meio exterior, podem atingir muitas vezes individuos saos, insinuando-se esses germens nas soluções de continuidade acaso existentes nas superficies cutaneas desses individuos, bem como nas mucosas.

Ao lado desse mecanismo directo, allia-se o indirecto, em que os germens passam do doente ao sadio por intermedio das vestes, roupas de cama, utensilios de mesa e de toilette, livros, restos de alimentos contaminados, etc.

Podem gosar ainda, segundo a opinião de alguns autores, a função de vectores de germens, as moscas, mosquitos, pulgas, percevejos, piolhos, baratas e outros.

A repetição dessas inoculações, para as quaes o meio domestico presta-se optimamente, se traduz em infecções leprosas quando os meios de defesa organica do individuo diminuem, não resistindo ás cargas bacillares recebidas.

Depois de um periodo de incubação, que vai, em media, de tres a cinco annos, surgem os primeiros signaes da doenca. Elles são multiplos. A's vezes, simples manchas, uma ou algumas; ora descoradas, achromicas; ora avermelhadas, situadas no rosto, nos braços, nas pernas, fazendo-se acompanhar communmente de febre, dor de cabeça, sensação de mal estar. São communs as dores articulares reumatóides e as nevrites. Outras vezes perturbações da sensibilidade, como sejam formigamentos, alfinetadas ou o apparecimento de pequena zona da pelle anesthesiada, insensivel ás picadas de um alfinete ou á approximação de um objecto aquecido, havendo mesmo a possibilidade de se produzirem queimaduras sem o doente se aperceber. Outras vezes é a presença de bolhas, de preferencia nas mãos e nos pés, o

entupimento nasal (rinite leprosa) ou a queda de pelos, principalmente os das extremidades das sobrancelhas.

Mais espectacularmente, pôde a doença se apresentar com o apparecimento de tuberculos, um ou diversos. Dando início á scena, surgem, ás vezes, ulcerações na planta dos pés, ou sejam os chamados "males perforantes"; outras, são os dedos das mãos que vão se flectindo lentamente, com as suas articulações se enrijecendo, formando as "mãos em garra"; o rosto torna-se inchado, as orelhas augmentadas de volume.

Deante de um caso que se possa enquadrar dentro de um desses symptomas citados, ao alcance da acuidade observadora de leigos, deve sem demora ser solicitada a presença do medico.

Muitas vezes não é a lepra responsavel por essas manifestações, e sim a syphilis e outras doenças, motivo por que é necessário agir com a maxima discreção, cabendo ao medico esclarecer e elucidar o diagnostico.

Diagnosticado um caso de lepra, determinará o medico o seu afastamento da escola e, si necessario, o seu isolamento em estabelecimento hospitalar adequado. Nesses estabelecimentos, sanatorios ou leprosarios, os doentes são cercados de completa assistencia medica especializada e de conforto moral e material. Dispõem os leprosarios modernos de secções modelares para o tratamento dos doentes internados, existindo installações para todas as categorias sociais, tanto accommodações para o indigente, como para o pensionista, tanto para o humilde como para individuos ricos. Localizados os leprosarios, não em ilhas longinquas ou sitios inhospitos, porém em zonas accessiveis e salubres, os doentes podem receber visitas não só de pessoas das familias, como de amigos.

Existem nos leprosarios secções completas de diversões, taes como: theatro, cinema, jogos, praça de esportes, clubs. Existe organização para trabalhos varios. Para os catholicos, a assistencia religiosa. São, enfim, grandes centros de tratamento dirigidos pelo que ha de mais moderno em orientação therapeutica e installações materiaes para o hem es-

tar dos internados. A Colonia "Santa Isabel", localizada nas proximidades da Capital, é um estabelecimento vasado nestes moldes, onde actualmente vive quasi um milhar de patrios, portadores da doença de Hansen.

Um erro que vem sendo repetido durante muito tempo, e que precisa ser combatido, é o dogma da incurabilidade da lepra, dogma nascido da incuria com que eram assistidos os doentes de Hansen e que hoje está destruido. Muitos casos de lepra são curaveis clinicamente e tanto mais facil a cura quanto mais precoce é feito o diagnostico e instituido o tratamento.

A Comissão de Lepra da Liga das Nações, dentre outras conclusões, já divulgou esta: "Como a tuberculose, a lepra, pelo menos em determinado estagio, é uma doença contagiosa, mas curavel; curavel no sentido que o exame bacteriologico se torna negativo e que os outros signaes de lepra activa desapparecem definitivamente por um prazo indeterminado".

Não poucas vezes, a vida do leproso e a marcha do seu tratamento são perturbados pela intromissão do charlatão, que o explora e agrava-lhe os padecimentos e, outras, por grosseiras abusões populares. Um e outro desses males devem ser combatidos.

A lepra é doença encontrada, de preferencia, entre as classes pobres, onde se verifica mais miseria, e, bastas vezes, ausencia dos mais comeseinhos habitos hygienicos. "E' pelo desassejo que se contráe a doença", já affirmava Hansen.

Casas precarias, nas quaes os seus habitantes vivem em promiscuidade, regimens alimentares deficientes, depauperamento organico, são outras tantas razões que podem facilitar o contagio da lepra.

A idade baixa, comprehendida entre os dois primeiros decennios da vida, eis outra causa ponderavel a facilitar a contaminação. "Bastaria subtrahir os casos infecciosos de lepra das creanças até 10 annos de idade para a doença desapparecer em uma ou, no maximo, em duas gerações", eis o que affirmam autoridades em artigo recentissimo (*Muir e*

Chatterji). Dificulta o contágio da lepra todas as práticas de asseio, de cuidado individual, domiciliar e colectivo.

"Quanto mais se espalha o uso do sabão, menos se realiza o contágio da lepra". Dificulta e mesmo impede a contaminação pela lepra as ausências de contacto com leprosos, de visita a leprosos, de cohabitação com leprosos. "Dos casos de lepra, 80% são adquiridos na residência de leprosos".

O medo da lepra pelo horror que ella inspira e a certeza de que é doença transmissível, eis dois sentimentos que não devem estar ausentes em quem quer que seja, pela sua indiscutível utilidade na prevenção da doença.

Para explicar o declínio da lepra na Europa, na Edade Media, synthetisa o prof. Eduardo Rabello as impressões de varios autores classicos, dizendo que "foi durante muito tempo admittida a acção da segregação, mas, desde annos, vêm as opiniões divergindo no sentido de admittir que, não só o isolamento, mas outras causas tambem actuaram, como sejam os progressos da civilização com a melhoria das condições de vida domestica e melhores habitos hygienicos".

Mas força é concluir com Miguel Couto que "de tudo que venha dizendo, os espiritos argutos terão logo percebido que é a cultura do povo que afinal o preserva", ou com Marchoux, quando affirma "que contra todos os flagellos sociaes não ha senão um methodo efficaz, que é o mesmo por toda a parte e sempre, isto é, aquelle que interditou da Europa o desenvolvimento da lepra: a educação do povo".

Outra não é a observação de Alberto Torres, que culpa a "sciencia humana de não se occupar seriamente do homem, de sua educação physica, moral e social, da sua adaptação ás condições exteriores da terra e da sociedade — não tão sómente como meio preventivo das molestias segundo a prevenção da hygiene, mas como base da saúde e do desenvolvimento pessoal".

O problema da lepra nas escolas rurales de Minas se assenta em grande parte, num problema educacional desenvolvido pela voz autorizada da professora na divulgação dos conhecimentos que exhaustivamente expuz e na obediencia ás normas de acção que esbocei. Desse trabalho meritorio

resultará a preservação de muitos seres das garras aduncas da lepra, "doença cruel que enche de chagas os corpos e dilacera os corações de soffrimento".

E' da educação do povo, de sua cultura, de sua vontade bem dirigida, de seu civismo, que hão de emanar os nobres estimulos para as grandes realizações no terreno da prophylaxia da "Doença de Hansen."

Livraria Francisco Alves

Relação dos livros didacticos adoptados oficialmente nos estabelecimentos de ensino do Estado de Minas durante o anno lectivo de 1936

(PORTARIA PUBLICADA NO "MINAS GERAES" DE 19 - 12 - 1935)

1.º anno	{ Cartilha Analytica, de Arnaldo Barreto.....	3.900
	{ Livro de Zezé, de João Lucio.....	25.000
	{ Lições de Leitura, Anna Cintra.....	153.00
	{ 1.º Livro, de João Kupke (Historias de creanças e de animaes).....	245.00
	{ 2.º Livro, de Thomaz Galhardo.....	130.00
2.º	{ 1.º Livro, de Francisco Vianna.....	25.000
	{ Livro de Violeta, de João Lucio.....	45.00
	{ As Minhas Férias, de João Lucio.....	350.00
	{ Lettura Preparatoria, de Francisco Vianna.....	253.00
	{ 2.º Livro, de João Kupke (Historias de Meninos na Rua e na Escola).....	350.00
	{ Historias da Terra Mineira, de Carlos Gomes.....	355.00
3.º	{ Livro de Elza, de João Lucio.....	350.00
	{ Lettura Manuscripta, de B. P. R.....	28.00
	{ 3.º Livro, de Francisco Vianna.....	380.00
	{ O Bom Semeador, de João Lucio.....	350.00
3.º	{ 1.º Livro, de João Kupke (Historias que a Mamã Contava).....	350.00
	{ Contos Patrios, de Olavo Bilac.....	350.00
4.º	{ Livro de Ideu, de João Lucio.....	450.00
	{ Lettura Complementar, de Bilac e Bomfim.....	55.00
	{ Patria Brasileira, de Olavo Bilac.....	325.00
	{ Através do Brazil, de Olavo Bilac.....	550.00

O livros de João Kupke, 1.º, 2.º e 3.º, foram inteiramente revistos e melhorados, de conformidade com a nova orientação pedagogica do ensino primario no Estado, pela Exma. Sra. D. Lucia Monteiro Cassassa, professora de methodologia na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte.

Editores e unicos depositarios no Estado de Minas
PAULO DE AZEVEDO & CIA.
RUA DA BAHIA, 1652 - BELLO HORIZONTE - ESTADO DE MINAS

O papel do clero na ruralização do ensino

Maria Aracy LESSA.

— A educação dos paes, instrumento para a educação do alumno — Um projecto de escola de aperfeiçoamento para professoras, em "Venda Nova"

Não fosse a insistencia amavel de minha distincta collega Amelia da Matta Machado, certamente, eu não me aventuraria a tomar-lhes a attenção. Si o assumpto que aqui se discute me merece, de longa data, especial carinho, pelo meu trato diario com os problemas do ensino no meio rural, o ambiente culto destas reuniões me obrigava a guardar, medrosamente, as minhas idéas e observações. Amelia da Matta Machado, porém, pyra votiva de enthusiasmo moço, ardendo pela causa do ensino rural, levou-me o seu convite, o seu apello, a sua insistencia . . . e eu aqui estou . . . sem saber mesmo porque . . .

Irei falar-lhes sobre "O papel do Clero no ensino rural". "O ensino do pae através do alumno, e tambem um ensaio de "Escola de Aperfeiçoamento ao Ensino Rural, em Venda Nova", assumpto este que consta de uma longa exposição, que apresentei á Secretaria da Educação.

O ensino pratico rural nas escolas, está, entre nós, como sabemos, em periodo de saudavel e promissora propaganda, com fructos já á vista, sem duvida, mas ainda ha muito a fazer . . . Precisamos de esforços conjugados, de collaboração, de entrelaçamento de vontades. . .

Onde quer que haja uma força, cumpre encaminhal-a para essa nobre causa.

As energias em lactencia têm de ser despertadas para o bom combate, que empreendemos, e do qual é pharoleira a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres".

E que força maior, mais respeitavel, mais autorizada e que maior garantia de exito imprime ás causas a que se entrega, do que a força do clero, aos sacerdotes, cuja palavra tem sello sagrado da religião, para, desde logo, ser recebida como um imperativo pelas consciencias ?

Si nas cidades, nos grandes e modernos nucleos humanos o prestigio do sacerdote é dos mais estimaveis para conduzir á victoria as iniciativas que dependem da boa vontade collectiva, no interior, então, no meio rural especialmente, o papel do sacerdote é o mais alto de todos . . .

Elle é a voz que illumina, que orienta, que conduz.

O seu conselho e a sua opinião, são forças incontrastaveis, com o poder milagroso de ecoar nos espiritos das populações, como sementes germinadoras.

No meio rural, onde o professor quizer exercitar a sua actividade no sentido de dar ao ensino além do programma official das disciplinas, o cunho novo e pratico que as determinantes da idéa ruralizadora exigem, elle, professor, não pôde agir isolado. Tem que se tornar um centro coordenador de vontades, tem muitas vezes de predicar, de ensinar, não ás creanças, mas aos adultos, tem de estimular os já convencidos para tornar-os collaboradores da obra commum, que é tudo num paiz de oceanicas areas incultas de terra, a gritar que a rasguem para as sementeiras, que ella nos recompensaria com messes fartas.

A coadjuvação para o seu trabalho, que tem de envolver paes e alumnos, elle, o professor rural, terá de encontrar-a especialmente, naquelles que, pela sua situação, contam com o prestigio de seus conterraneos.

E no interior do Estado, esses elementos são os representantes da administração, os órgãos da justiça, os ministros da Igreja !

E não podemos negar que em todas as partes da terra de Santa Cruz, sobretudo, nesta Minas Geraes, que teve um

sacerdote, o padre Aspícueta Navarro, o primeiro divulgador da extraordinária fecundidade de seu solo, dentre os poderes, deante dos quaes, em todos os recantos o povo mais reverencia, está o poder da religião, que o sacerdote representa, porque Minas nasceu catholica e viverá catholica através dos tempos. Ora, essa campanha que a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres centraliza, para ser realizada pelo professor, elle terá necessariamente de, no meio em que exercer a sua função, a par dos elementos que chamar em seu auxilio, procurar o auxilio do vigario, do sacerdote, que com a sua palavra na tribuna sagrada, ou fóra della, directamente aos civis, será um decisivo factor de exito para a sua missão. Porque, não terá a efficiencia que delle se espera, nem fructificará em bem collectivo o ensino pratico rural que se confinar apenas dentro do dominio da escola, sem éco, sem resonancia, sem acustica no meio em que a escola se encontra. Porque esse ensino que se ministra ao alumno, não é visando apenas elle, discipulo, elle, collegial, mas o homem no seu sentido totalizador.

O alumno é o instrumento que o professor tem nas mãos, obediente aos seus ensinamentos.

O alumno exerce o papel de vehiculo, porque o que se visa nesse estupendo movimento ruralizador, de feição abrangente, não é só a educação da creança, mas a renovação intelligente de methodos e processos, que a rotina impoz aos meios ruraes e que só a demonstração clara e uma propaganda autorizada e extensa podem substituir, para a felicidade do homem do campo, por methodos e processos que lhe assegurem maior rendimento, ás vezes até com menores sacrificios.

E' essa educação dos paes, através do alumno, que o verdadeiro ensino rural pretende conseguir, e, para isso, o sacerdote catholico é, em todas as regiões, em Minas, no Amazonas ou no Rio Grande do Sul, o elemento poderoso, para o qual teremos de appellar.

Deixo, de proposito, e muito de proposito, de perguntar si poderá contar com esse elemento a seu lado, porque fazer essa pergunta, ensaiar sequer essa interrogação, seria

mostrar desconhecimento grande do papel do clero, da sua actividade civilizadora em nosso paiz e de sua permanente dedicação a tudo o que represente progresso — porque em nossos nucleos ruraes é elle sempre, o sacerdote, além do guia de almas, a luz boa e fecunda que illumina, aquece e dá vida a todos os grandes empreendimentos, que resultem em bem estar das populações.

Particularmente, no tocante ás actividades do ensino pratico rural, vem a proposito relembrar aqui um facto, que diz bem alto do papel que o sacerdote pôde desempenhar como factor do progresso economico.

Catás Altas do Matto Dentro, em 1880, era um lugar sem recursos, absolutamente sem fontes de vida para a população que, pobrememente, arrasta uma existencia de penurias e necessidades afflictivas.

Um dia aporta o logarejo o padre portuguez Manoel Mendes, que, condoído da miseria que assaltava o seu rebanho, e admirado por ver que nenhuma iniciativa acudia á gente do logar, reunia os fieis, e dizia-lhes que não era possível que elles, com capacidades para o trabalho, arrastassem a vida de galés da pobreza, sob o sol bemdicto do Brasil e pisando a terra farta de Minas Geraes.

— Mas fazer o que ? perguntavam-lhe.

Parecia-lhes impossivel que uma fonte de riqueza pudessem surgir de repente, no seio daquella terra pobre. Só um milagre.

— Pois esse milagre, accentuava o bom sacerdote, para os que o ouviam, num mixto de espanto e incredulidade, vocês mesmos é que vão produzir . . .

— Nós ? Mas como ?

— Unicamente pelo trabalho, vão ver, vão ver. Ajudem-me.

E tempos depois, quem passasse pelo logarejo tapéra de outróra, quasi não reconheceria aquelles campos abandonados, porque as vinhas o coloriam extensamente, annunciando ao viajante observador, colheitas abundantes.

A população que antes, amolentada, se angustiava na miséria, havia também desaparecido. Ella se transformára em uma outra, de homens, mulheres e creanças que, felizes, morejavam no cultivo das vinhas, no plantio da mandioca, na criação de carneiros e abelhas, actividades que, associadas, faziam o renascimento do povoado. Toda essa transformação fôra obra do padre Manoel Mendes, que realizára o milagre prometido, com o seu espirito de iniciativa e o seu poder de persuasão sobre o povo do logarejo.

Attesta ainda hoje o milagre que o trabalho, conduzido por um sacerdote, operou naquella região — a famosa fabrica de vinho das irmãs Vieira, consequencia da actuação do ministro da Egreja, compenetrado de que a sua missão era ainda mais extensa porque, além da pureza espiritual — ella deveria incarnar, como incarnou, uma função de assistência social.

De minha parte, posso também testemunhar o valor da collaboração do clero para as nossas actividades, porque em Venda Nova, aqui, junto da Capital, é no vigario, o revdm. padre Pedro Pinto Fernandes, que tenho encontrado o collaborador principal para a minha missão de educadora, e é ainda com elle, sacerdote intelligente, que contamos, eu e as minhas professoras, para a execução do programma de actividades praticas do ensino rural, que iniciamos e queremos levar para deante.

Recentemente, ha menos de um mez, em conversa com o exmo. e revdm. D. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Bello Horizonte, por occasião de sua visita pastoral a Venda Nova, tive a oportunidade de expor a s. excia. o plano do ensino rural no meu grupo e de falar-lhe sobre a collaboração, que considero a mais preciosa, dos sacerdotes, para o exito do programma das actividades praticas que visamos apprehender nos nucleos ruraes.

E qual não foi o meu enthusiasmo ao ouvir do eminente e culto prelado, não apenas palavras de applauso, mas também, ouvir de s. excia. que é seu proposito ministrar também no Seminario de Bello Horizonte ensinamentos rela-

tivos ás actividades agricolas, aos jovens que alli se preparam para o sacerdocio!

— E' que — dizia-me s. excia. — indo, em geral, exercer a sua missão em nucleos ruraes, os sacerdotes, levando do Seminario conhecimentos de lavoura, de agricultura e de actividades correlactas, poderiam exercer, nas suas freguezias, além de sua elevada missão espiritual, um relevante papel, como incentivadores de progresso economico.

Nestas palavras do illustrado Arcebispo de Bello Horizonte está a prova do que affirmei anteriormente: de que não precisamos inquirir si o sacerdote catholico dará acolhida ao nosso movimento. Porque elle terá sempre, onde estiver, uma iniciativa boa e generosa.

Busquemos, portanto, a sua cooperação, que ella não nos faltarã.

Escola de Aperfeiçoamento do Ensino Rural em Venda Nova

Em trabalho que tive a oportunidade de apresentar ao dr. Noraldino Lima, ex-secretario da Educação, trabalho que logrou elogios parecer do professor Oscar Guimarães, suggeri, ha tempos, a instituição, em Venda Nova, no grupo escolar sob a minha direcção, do ensino rural para os alumnos, um ensaio mais amplo do que o que se pratica nos estabelecimentos urbanos. Tive ensejo, no trabalho que apresentei, de abordar o assumpto, em todos os seus aspectos, terminando por mostrar a administração a perfeita viabilidade do plano suggerido.

Até mesmo a parte financeira foi por mim cuidadosamente estudada, tendo apresentado orçamento minucioso, para se realizarem, no meu grupo, as adaptações necessarias.

Este trabalho que apresentei ao ex-Secretario e sobre o qual recentemente falei com o actual auxiliar tecnico do Secretario da Educação, o professor Waldemar Tavares, espero ainda ver executado com exito, porque não descreio do interesse dos poderes publicos em Minas, pelo problema do ensino rural.

A razão pela qual eu suggeria que o ensaio pratico da ruralização do ensino se fizesse em Venda Nova, eu a elucidei claramente.

Não se tratava da vaidade de querer as primicias de tal ensino, no estabelecimento que dirijo.

E' que Venda Nova é o local verdadeiramente apropriado para tal experiencia.

"Venda Nova é zona rural. O facto de se encontrar quasi na Capital não lhe desfigura ainda o aspecto rural. Padece o districto, como tive occasião de accentuar na exposição feita nas reuniões do professorado da 19.ª circumscripção, das mesmas faltas dos outros nucleos ruaes de Minas, apenas com as modificações naturaes, variaveis de zona para zona.

Não ha em Venda Nova industria, e o commercio é escasso.

As actividades são as ruaes. Em geral, o menino de Venda Nova — apesar de filho da Capital, pela razão official administrativa — é bem um menino de zona rural, pelo ambiente, pelos habitos, pela pobreza de perspectivas que se lhe offerecem.

Ademais, o ensaio desse problema deve ser feito sob as vistas da administração, e nenhum local offerece, sob esse aspecto, maior vantagem do que o grupo de Venda Nova, que está, pela sua situação, sob o controle immediato da Secretaria — abaixo dos proprios olhos dos responsaveis pela alta administração do ensino, podendo ser visitado e observado a qualquer momento.

Não ha para o controle dos serviços, nem mesmo a necessidade de relatorios ou informações, porque, em vinte minutos, a autoridade do ensino poderá, em pessoa, apreciar, em Venda Nova, a marcha de qualquer trabalho escolar".

E alli, no grupo de Venda Nova, tão perto da Capital, lembrei ainda ao sr. Secretario da Educação, poderia ser o local para a formação do professorado rural, com capacidade de orientar o trabalho pratico, das actividades regionaes. Lembrei ao sr. Secretario que alli, melhor do que em qual-

quer outro logar, poderia, sem pesados encargos, ser dada a solução a essa face do problema, por meio de um curso especial de dois ou tres mezes, conforme se faz para a educação physica e o canto.

As professoras ruaes, teriam um curso especial do modo de orientar as suas actividades naquelle sentido. E esse curso, uma vez completa a instalação proposta para o grupo "Santos Dumont", e já iniciados os trabalhos, poderia ser realizado alli, de accordo com um programma especial de observações praticas e conferencias por especialistas.

Offerecendo a essa illustrada assistencia, sem pretensão de uma palestra ou de uma conferencia, algumas idéas, que, pela minha pratica do ensino no meio rural, se apresentam ao meu espirito como uteis e viaveis e submettendo-as á apreciação dos illustres pioneiros da ruralização do ensino, eu não quero encerrar a minha exposição, sem dizer da fé que me desperta esse grande movimento, de que toma iniciativa a nobre Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, banhando-o de entusiasmo que, sempre vivo e palpitante, ella põe em todas as iniciativas de caracter patriótico.

E nenhuma de mais relevo do que esta, do ensino rural, cujo interesse é tão manifesto para a collectividade humana que, sem esperar pelas medidas governamentaes indicadoras de rumos, os colaboradores espontaneamente abraçam a causa, fazem sua propaganda, dão-lhe estímulo e calor, offerecendo aos poderes publicos os trabalhos já em franca actividade e nada mais lhes pedindo sinão apoio pratico para esse ideal patriótico.

Pedimos permuta a todas as publicações
congeneres dos Estados e do estrangeiro

Protecção á Natureza

Carmen de MELLO

(Professora da Escola Normal Modelar,
Caxias do Sul, Rio Grande do Sul)

A palavra *proteger*, de tão ampla e minuciosa significação, é o mais perfeito synonymo da palavra *educar*. *Proteger* e *assistir*, como educar, é obra que só termina com os dias do educando; proteger é a consagração de uma vida, que, ao menos, na sua projecção ideal, acompanhará o homem até á morte. Proteger é consagrar-se ao ideal da assistência — conseguir, pela vigília sobre as horas diurnas, a historia evolutiva do ser protegido. Como educar, proteger é *instruir*, garantindo o protegido pelo conhecimento de seus meios de defesa, que são as melhores dádivas do educador.

A vida não tem um cyclo somente humano. Nesse, a protecção tem a sua historia, ou historia da educação. Por isso mesmo que, nos outros cyclos, a protecção se deriva de um ensinamento, de uma emoção vivida, qual a de ter sido protegido. O mundo sensível que a nós nos cerca, das plantas e dos animaes, é tambem um mundo a que se protege, ou se educa. Porque, como nós humanos, tambem os animaes e as plantas têm uma finalidade que elles percebem, pela sua organização, dentro da natureza. Si transcende a questão da intelligencia das plantas e dos animaes, não transcende a sua necessidade instinctiva de aclimação e "habitat". Assim, fica explicada a vida das florestas, das saavanas, das caatingas, das stepes, dos prados, dos campos de agricultura, da horta e do jardim. A floresta equatorial é a fecundação do sólo vegetal ao clima quente e humido. Della, possuímos expressivo trecho na Amazonia. A sua vida é a voz da sua finalidade: destina-se ao esconderijo de uma fauna temível, ás

destruidas, e o homem, protegendo-a, conserva-a em seu beneficio, devendo reflorestá-la, quando a desfalca por qualquer necessidade economica. Esse typo floresteiro sente tudo isso. Tanto assim que elle investiga o seu "habitat", fugindo ás zonas temperadas, onde os animaes, amigos do homem, sossegam nos campos abertos: A fauna, por sua vez, reflete as necessidades da floresta: é bravia, selvagem, indomada, habituada a trahir á sombra e confusão de approximados estipes. Alberto Rangel nos mostra, no seu magnifico "Inferno Verde", o mimetismo reciproco das cobras e troncos, á tona do impressionante Amazonas. Ha, pois, uma fatalização instinctiva, animal e vegetal, que o homem deve comprehender, para educar, no sentido de, como ser superior, lhe auferir resultado vantajoso. Não é nenhuma nova asserção a palavra de que, onde começa a civilização, acaba a floresta, porque o homem selvagem, si ali vive ainda, representa uma especie a ser exterminada pelos seus naturaes inimigos, ou a ser conduzida ao caminho dos climas de civilização.

Portanto, reflorestar é educar a floresta, para que ella sinta a sua finalidade de servir ao homem, defendendo-o contra os animaes ferozes, dando-lhe a lenha, as resinas, etc.

Interessante é que o movimento e protecção se projecta num circulo vicioso, entre o homem e a planta, o que nos yem provar a reciprocidade de assistencia do homem á natureza e da natureza ao homem. E' a eterna luta pela vida, em que os homens, as plantas e os animaes perecem, e em que as leis naturaes pairam, á espera de outras existencias.

E' o objecto dessa these ensinar a proteger á Natureza. Fazemol-o, com a despretenção do amor. Amor, sim, a essa Natureza de Minas, tão bella, tão rica, quanto desprestigiada no seu valor vegetal. Nós, os que á amamos devéras, vamos devassar-lhe a opulencia da flora, com a singeleza dos sentimentos sinceros — inflamados de innocentes e insopitaveis emoções, por isso mesmo que nobres e expontaneas. Emoção

sem "tests" psychologicos, que, ao envez de chegar á sua finalidade educacional, têm, meus senhores, desapontado o nosso coração montanhez, pretendendo ensinar-lhe, como ridiculo, aquillo em que elle sente a planitude da vida, por isso, a da belleza. Teimamos em fazel-o com linguagem poetica, que melhor se ajusta á belleza desta terra de Minas. Por vasta que ficaria, si explanasse toda a natureza mineira, a nossa thesa não pode, no limite de tempo de que dispõe, na zona das Driades, a conselho geographico e poetico, porque e a zona mais expressiva na qualidade e na belleza. Alvaro da Silveira, na sua expressiva Geographia de Minas, accordanos, de subito, a imaginação — ao seu estudo, a palavra se transforma, e o racciocinio, que dita a nossa linguagem, se veste com as galas do maravilhoso. Na zona é o solo *gneissico*, cavado em valles sinuosos de velhos rios, como o Jequitinhonha, o Doce, o Mucury. Lá em baixo, perto de Caldas, a rocha se mescla com o *syenito* rosado, o foyaito e, na Mantiqueira, com o fonolito e *pegmatito* (Agulhas Negras), chegando, na mesma, composição, até Bom Soccego. Ahi ha bonitas esmeraldas, e os Fernão Dias desistem de sonhar com a verdadeira esperanza, porque estas minas não foram feitas para serem sonhadas, mas, compradas. O Brasil atravessa, agora, o seculo experiente, das valorizações. Em todo o caso, pela vizinhança, ha muito engabelo: mica, agua-marinha, berylo... A rocha predominante é eruptiva. Junto de Livramento, a garnierita abre um thesouro, com o minerio do nickel. As fontes, ahi, avultam, e não são Castalias de inspiração poetica! Que pena para nós, os apaixonados da poesia! Mas são fontes milagrosas, na potabilidade saudabilissima, merecendo, por isto, o nome de santas! O clima tem dois aspectos: quente e humido, de léste para sueste, e tendo, nas alturas, a massa colosso de evaporação atlantica, e, de léste para nordeste, onde a montanha sucumbe, quente e secco. A matta, opulenta, segue o valle dos rios. Ahi, como na faixa sueste-nordeste, vestigia uma floresta primitiva, já derrubada. Começa a procissão verde, sob o ceu azul, onde o sol esplende, maravilhoso. Abre a frente, ridente, a Leguminosa; o

jacarandá violeta é uma taça que transborda de luz nas noites prateadas... O triumpho da floresta: a amplidão de uma concha destinada á dadiva do ceu... O luar, as estrellas, o ocaso, o levante, o zenith, as tempestades, tudo vem á comma aberta, na expressão de um beijo infinito a um supremo anseio da terra. Depois, é a brauna, bella expressão de força verde. E, depois, a Meliacea, como o cedro, o cedro rosa; a Apocinacea, como a peroba e a aroeira, a Teribentacea... como si todas as especies genealogicas, se disputassem a propriedade do solo e do clima. Isso é o grandioso, o salão nobre e hypostilico da floresta... Agora, é o pomar: a jaboticabeira, em outubro, é uma fructeira abotoada e negra. O fructo é doce, fresco como a amabilidade mineira... Bôa Mirtacea, como a pitangueira, mais bella, porém, menos sympathica no seu azedume, nada montanhez. O genipapeiro é o vinho da floresta — uma rubiacea. Tambem o mamão é, no solo, expontaneo. Brota, sempre, depois da derrubada traduzindo o poder germinativo da semente, de grande duração. Maduros os fructos, tem o mamoeiro a feição de um cartucho de ouro voltado para o ceu... Vestigia uma floresta antiga, de quando em vez, revivida pelo milagre da semente quasi eternamente nova, que ficou guardada no solo. Isto é o vale do Rio Doce.

O pinheiro dá na vertente interior da Mantiqueira. No alto, viça o pinheiro bravo. Representam, ambos, a fidalguia Conifera, que, a candeia, traduzindo a terra esteril e o clima de nordeste.

Não nos detivemos, porém, ainda, no mimoso painel da matta. Onde o ar é humido, a alma da flora se desaltera. Referimo-nos ás Bromeliaceas, Licopodiaceas e ás bellissimas Orchídeas. Dir-se-ia um poema elegiaco com Laelias de maravilhosa e terna belleza...

Ao lado desta sensibilidade extranha, a natureza é rustica, no taquaral ferino. Em alguns logares, as palmaceas abrem bonitos leques á viração dos ares azues. O palmito é o fructo de uma dellas, com alguns côcos oleaginosos, de outras. A nordeste, é o caeté, o luzeiro verde dos vagalumes

nas noites sem lua... A Fragaria Vesca (morango) pode ser cultivada na Mantiqueira. A poaia, a barba de velho, a paina, etc.

Mas, não queremos omitir a chalmugra, arvore benemerita, cujas sementes dão o oleo empregado na cura da lepra.

Para o homem, apresenta agora boa caça; de carne louvada, como a queixada e o caitetu'. Os veados galheiro, mateiro, catingueiro, com o crifre dos quaes se prepara a *pedra de cobra*, applicada á cura da mordedura das cobras. Ainda offercem carne apreciada a cutia, a capivara e a paca, sendo o oleo da capivara o que se lhe aproveita, antes da carne. Os simios, como o guariba, tem, ahi, o seu "habitat".

Dos volateis, a poesia consagra, nessa região silenciosa, o sabiá da matta, de canto apaixonado e doce, ao lado do sacy ou peixe-frito, cujo canto é curto e triste como ahi. Outras muitas ahi vivem: as pombas, o macaco...

Como proteger essa natureza? Pondo-a a serviço do homem. Mas o homem não a conhece, e, quando se dá o contrario, não está educado, protegido, para aproveitá-la. Falta-lhe a escola. A escola rural, senhores, que se deve chamar, antes, a escola profissional. O reflorestador é um profissional, porém, o que temos visto na matta, como em todo o Brasil; é a escola nefasta da derrubada: Oh! Si o homem tivesse aulas de reflorestamento! Com que contentamento sentiria a sua profissão, ao replantar a braúna, o cedro, o jacarandá, esse vario madeirame constructor, que lhe assegura uma fonte de inextinguível recurso, além de conserval-o no "habitat", a que elle, humanamente, está preso por uma lei natural! Um pomicultor é feito pela escola, que lhe ensina a proteger o fructo em pomares, donde se derivam as fabricas de conservas, e licores preciosos. O matense, de zona rural, poderia, pela escola, ao lado de combater a selvageria da flora, educar-lhe o fructo nativo. E as chacaras de genipapeiros, jaboticabeiras, morangueiros, mamoceros, pitangueiras se succederiam, interminas e coloridas, ligando-se immediatamente á industria nacional da fabricação de doces,

balas e bedidas. E, quando o occaso doirasse a matta, transformada em fructaes immensos, vergados ao peso de fructos jocundos, o pomicultor abençoaria a escola, que lhe ensinou o segredo da terra. Que diriamos de uma fabricação, de palitos e paus de phosphoros, ligada á cultura do pinheiro bravo, lá das alturas da Mantiqueira? E da industria do gaz candeia, a serviço dos laboratorios brasileiros, que a peso, de ouro, importam a ulha do extrangeiro?

Mas não é só: a fabricação de balaioes, esteiras, jacás, merece uma escola rural na matta, onde o taquarassú e a taboça vivem desaproveitados.

As industrias oleaginosas, com fabricação de oleos, sabões, lubrificantes, protegeriam o côco babassu', ensinando a sua proveitosa cultura.

Tambem a medicina exploraria, ahi, a poaia e a sapucainha, esta ultima, a abençoada curandeira da lepra. Mas as especies se perdem, com o analfabetismo profissional dos homens. A escola não se extenderia, tambem, á industria encantadora dos orquidarios? Industria feminina, de escola feminina. E seria de ver a formação das floristas, nesta cultura systematizada, em suas toucas e aventaes alvicaireiros, annunciando a cultura da poesia e da belleza.

Como vêm, senhores, a natureza da matta é obra prima que só a escola poderá transformar em materia utilizavel. A Escola Normal Rural é a reclamação mais urgente, feita pela economia brasileira. Em nosso conceito, fica consignada, nessa these, a necessidade da Escola Normal Rural Regional.

A Escola que prepare a professora typica, cujo trabalho seja de amor para o meio — ambiente. E esse amor, senhores, é o amor ao torrão natal, ao "pequeno berço". A Escola, que sempre foi activa, no pensamento do professor activo, ao contrario do que ensina o moderno pedagogismo americano, pretendendo formal-a agora, põe, em experiên-

cia — o principio da reacção. Tem-no feito, porém, somente na escola. Por que não o faz na vida? No campo, por exemplo, não deve a escola aproveitar-se do ambiente, para a pratica da vida? Ha, entre nós, senhores, um lapso que analfabetiza o entendimento, ao lado da cultura. Certa vez, a passeio em companhia de um illustre botânico, ouvimos-o dizer, depois de conversar com o matuto, que lhe mostrou todas as especies vegetaes: "Joaquim é sabido". Concluimos em pensamento: o Joaquim é botânico pratico. Imagine uma escola rural que alfabetizasse o Joaquim! No minimo, o botânico seria classificado como visionario... Por que negamos cultura a quem a possui, pela vida? Si é a mais real de todas as culturas? A geographia humana precisa ser escripta aqui na terra de Minas. Não agora, na sua parte biogeographica. — Mas, depois de alguns annos de experiencia escolar, traduzindo a escola typicamente profissional, para o meio ambiente.

Escripta pela mão capaz, isto é, a mão que pegou do arado, revolveu a terra, plantou, colheu, systematizou a cultura, conheceu, porque amou a Terra, conquistou-lhe a possibilidade, exaurida da formação do solo e determinada pelos climas. Este amor á terra é civismo. Civismo que, dentro da ambiencia geographica, escreve e determina as civilizações. Não seria um aspecto novo da civilização mineira, dentro de uma possibilidade geologica, que a geographia revela, quando descreve a formação do solo mineiro, a actividade rural dos districtos de Caldas, decorrente do aproveitamento das pedras de construção e meio-fio, exploradas com o soyaíto? E' uma industria a ser explorada. Marcará uma reacção futura? Não o sabemos. Entretanto, ouvimos aqui falar, livrescamente, affirmamolo, da geographia humana. Mas inapplicavel, senhores, porque destas terras de Minas Geraes, quer-se conhecer, até hoje, a historia do mal assombrado de um sub-solo exaurido. Para esse movimento de regeneração economica urge formar, porém, a personalidade psychologica do regenerador. Só se regenera, quando se ama, só se ama quando se pertenc-

ce ao objecto amado. Persistimos, então, em que a professora seja do meio rural preparando-se nelle e para elle — Preparada uma escola normal rural completa, isto é, com um curso de applicação, onde ella procure, nos ensinamentos de psychologia, conhecer o psychico processo experimental para a educação de seu povo. Ella tem o direito de experimental-o — é delle, ama-o. Só poderá educal-o nesta experimentação, onde se lhe derivarão a vontade verdadeiramente forte, a intelligencia emergente, para aproveitar; e emoção cívica, para convencer. Só se faz o bem, só se aproveita o bom, só se convence o puro. Estas faculdades, assim formadas, terão que sommar a consciencia da educadora rural.

Pensamos na belleza de uma industria orchidaria, que accentuasse a systematização da cultura; uma industria, cujas officinas fossem ao ar humido da matta, cuja produção marcasse o mercado das encantadas princezas das selvas, reclamadas ao luxo das cidades... Ahí, as canções saudosas, inspiradas ao lilá ternissimo e ao perfume remi-niscente. O vae-vem dos uniformes bucolicos, nos aventaes e trunfas alvadias, dentro dos quaes, outras tantas orchideas humanas se afastassem das civilizações citadinas. Tudo isso dentro de uma escola rural, cujo salão é a natureza, as alumnas, a povoação feminina, os meios, a botânica, sob acção geologica, physica e chimica, fitogeographando a planta, agora transformada em cultura e em industria immediata, para finalidade economica que garante a vida. Cultura, isto é, protecção, educação, vida. Notae, senhores, que a nossa these não discute a classica agricultura alimenticia e industrial. Mas vem dos de sua alçada, para formar a personalidade vegetal de outras especies na historia da nossa economia. A matta é uma immensa fazenda cafeeira. Produz, como Minas inteira, arroz, feijão, canna... Isto é, a agricultura educada. A nossa these é protecção. Esta cerca os humildes, os ignorados, os incomprehendidos, como essas valiosas especies botanicas de quem não nos lembramos na historia da economia mineira.

Acabamos de dar o que nos pedem. O que poderiam pedir ao profissional da geographia humana, cuja methodologia, tão apregoada e tão desconhecida, nos exemplos, terá que constituir o melhor conhecimento da professora rural em Minas, norteando a finalidade da Escola Normal Rural, como materia de relevo, na formação cultural da mestra futura, dirigindo-lhe a pesquisa psychologica das tendencias, filhas do "meio-geographico", factor determinante de todas as realizações humanas e collaborador da nossa civilização que se equilibra, sempre pelo determinismo da nossa economia.

Proteger é crear, e crear para Patria é garantir a propria vida.

AVISO AOS PROFESSORES E ASSIGNANTES

Prevenimos aos srs. professores e assignantes que a "Revista do Ensino" não é distribuida pela Imprensa Official, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondencia deve ser dirigida.

A Bibliotheca e a Imprensa na escola rural

Abel FAGUNDES

(Assistente tecnico do Ensino)

- 1 — ESCOLA RURAL — Edificio — Mobiliario e material — Docente — Alunos.
- 2 — IMPRENSA — Necessidade e vantagens do jornal — Organização do trabalho — Impressão.
- 3 — BIBLIOTHECA — Sua necessidade — Como constitua-la — Como organizar-a — Como installa-la.

Antes de entrar francamente no assumpto que a S. A. A. T. nos distribuiu, é necessario considerarmos a escola rural, em cujo seio devem nascer e viver a bibliotheca e o jornal escolares.

Desde logo convém assignalar que escola rural é simples luxo de expressão com que, entre nós, se baptisou a escola isolada, que funciona nas fazendas.

Ella só é rural porque funciona no campo, e defronta a miseria do campo. Mas é urbana, marcadamente urbana, pela mentalidade de seu titular, pelo seu horario, pelo seu programma, pelas suas finalidades.

Ella não percebeu que cada escola é um organismo typico, que deve actuar em funcção das necessidades mesologicas.

Ella é algo de crystallizado, de immovel, de fixo. É a rotina mais rançosa que lhe preside a todas as manifestações de actividade.

Suas necessidades, — segundo o criterio de suas mestras — limitam-se aos bancos dos alumnos, ao quadro negro, á bandeira nacional, aos livros.

Desanalfabetiza mal. Não tem consciência de que precisa educar, e de que as preocupações meramente instructivas já pertencem ao passado.

O primeiro elemento negativo da escola rural é o edificio em que se installa.

Ora é o rancho de capim, abrigo precario para as épocas de estiagem, desabrigo absoluto na estação chuvosa; ora a cabana de pau a pique, ensombrada, estreita, com uma porta e uma janella, interior onde é prohibida a entrada do sol e onde o ar penetra por excesso de boa vontade; ora o antigo paiol ou deposito da fazenda, refugio de parasitas, caldo de cultura dos transmissores de varias molestias.

Paredes sujas, raramente pintadas a tabatinga; chão duro, de terra semi-solta, humido de chuva.

E, muitas vezes, circumdada pelas esturqueiras, onde as moscas, aos milhares, zumbem as suas azas diaphanas á luz meridiana, festejando o permanente e sempre renovado banquete.

Dentro, bancos rusticos ou carteiras desconjuntadas, rangendo, jogando peças ao chão ao menor movimento.

O quadro negro evoluiu. De raça inferior, que ao principio era, promoveu-se a cafuno e mais tarde a branco, equiparando-se ao giz, o qual, em signal de protesto, resolveu desaparecer da escola.

Livros de escripturação, raramente os ha. E si existem, são sujos, rasgados, porque a escola não tem um movel onde elles se alberguem fugindo ao pó e á voracidade dos ratos e das baratas.

Relógio, não ha. Bandeira Nacional, idem. E fique-mos por aqui. A lista dos "idem" é muito grande.

A's vezes ha mobiliario e material didactico. Mas é raro. E quasi sempre imprestaveis.

Os livros que as creanças usam são um modelo de sujeira. Mas não ha outros. E a professora tem de vencer a sua repugnancia e manusear-os assim mesmo.

O elemento docente de escolas taes deveria ser o mago, capaz de transformar, com a varinha de condão de sua iniciativa e devotamento, estas necessidades e miserias todas em outros tantos motivos de agir, creando, reformando, supprindo, melhorando.

Mas não é assim. A regra é prover-se a escola com a moçoila semi-analfabeta da propria localidade, unica capaz de tolerar tal situação sem reclamações e de aceitar os miserimos vencimentos do cargo. Inculca, bisonha, sem saber ao que vem e quaes seriam os objectivos reaes norteadores de seu trabalho, ella succumbe deante das difficuldades. Seu trabalho tem o mesmo rythmo, o mesmo colorido, o mesmo desinteresse, no principio e no último dia lectivos. Seu unico consolo é o minuto em que sae da escola.

Uma ou outra vez, vamos encontrar na escola da roça a normalista da cidade. Não se pense que, então, a situação melhora.

A normalista aceita a escola rural como passagem para a escola da cidade. Naturalmente. Humanamente. Ella estudou na cidade o programma da cidade. Fez sua pratica profissional com creanças da cidade, agrupadas em classes moldadas pelas classes do grupo urbano. O meio rural é para ella o desconhecido, e um importuno desconhecido, que não lhe dá o conforto da cidade, onde ella não encontra a mentalidade cidadina, onde ella será uma desambientada, hostil e hostilizada, fugindo para o seu lar urbano aos sabbados e nos feriados, licenciando-se com frequencia, esforçando-se desde o inicio para se remover para a cidade.

E' a grande tragedia da professora. E é a tragedia maior desses pequeninos brasileiros.

Botos, descalços, famintos, doentios, cansados, ao sol e á chuva vencem distancias enormes para attingirem a escola. Sacrificam os orçamentos liliputianos da familia para a aquisição de um lapis, um caderno e uma cartilha. Sacrificam as mães, que madrugam para lavar-lhes a roupinha de panno grosseiro e dar-lhes o tira-jejum para mandal-os á escola.

E a escola, sem material de trabalho e sem o professor que lhe convém, rouba aos paes, annos seguidos, o auxilio das mãos infantis, para devolver os pequenos, tempos depois, quasi os mesmos, quasi analphabetos . . .

Isto, senhores, é a escola rural.

Sem litteratura, sem pessimismo.

Tal como numa photographia. Sem retoques. Fiel. Impressionante.

Vejamos agora si e como é possível pedir a este organismo anemico e agonico novas energias para creação e manutenção da bibliotheca e do jornal escolares.

E' ocioso considerar a necessidade e as vantagens do jornal escolar.

Outros educadores, mais prestigiosos pela intelligencia, pela cultura e pela especialização feita sobre a materia, têm encarecido a importancia do jornal. Importancia como instrumento de ensino, facultando ás creanças motivos e situações para o uso correcto da linguagem. Importancia educativa, como promotor de constante collaboração entre os educandos.

Compondo-se a escola rural de tres classes que funcionam parallelamente, deve o jornal ser da escola toda, recebendo a collaboração de todas as classes.

A redacção e direcção devem ficar sob a responsabilidade da classe mais adeantada, havendo, entretanto, auxiliares de redacção do 2.º anno para que, quando se despeçam da escola os terceirannistas, fiquem nella herdeiros de suas experiencias, para continuarem no anno seguinte o trabalho.

Sendo escassissimo o tempo na escola unitaria, o jornal deve ser mensal, ou quinzenal, quando muito. Uma semana ou mais antes da publicação, o redactor principal recolherá os originaes de todas as classes, entregando-os á professora para a correccção, que se fará nas aulas de lingua patria e escripta, classe por classe, com a maior collaboração possível dos alumnos.

Isto feito, a redacção, com a assistencia da professora, — dentro do horario escolar, si fôr possível, fóra d'elle, si necessario — escolherá a materia merecedora de publicidade. A mestra cuidará de evitar o desanimo dos que offereceram contribuição não acceita, empenhando-se por que escolham assumptos mais proprios ou melhore a linguagem.

Sabe-se que a difficuldade maior que os jornaes escolares têm encontrado é a difficuldade de impressão ou de copia.

A impressão typographica é cara. Além de cara, é difficilima para a escola rural, que luta contra invenciveis difficuldades de transporte.

O mimeographo, difficilmente accessivel aos grupos, não entrará, tão cedo, na escola da roça.

E a copia manuscripta é morosa, desanimadora, trabalhosa. E o peor é que desnatura o jornal, porque, reduzindo a 2 ou 3 exemplares a sua tiragem, impossibilita sua circulação, impede que o trabalho seja divulgado e conhecido, o que acaba por desanimar a creançada.

Por gentileza do presado collega prof. Manoel Casasanta, vamos offerecer agora ao professor mineiro um meio de resolver o problema.

Grande numero de copias póde ser obtido com um aparelho simples, que as creanças mesmas podem fabricar. Trata-se do hectographo.

Toma-se uma taboa lisa, pouco maior que uma folha de papel almasso, dobrada. Sobre esta base, outra taboa identica, com dispositivo para firmar o papel.

Na 1.ª taboa, dispõe-se a massa, que se faz com o seguinte:

Glycerina	400	grs.
Gelatina	150	"
Assucar	30	"
Vinagre	10	"

Põe-se a gelatina em immersão num pouco d'agua durante 10 ou 12 horas.

A' gelatina junta-se, depois desta immersão, a glicerina, depois os demais ingredientes, até formar a pasta.

Disposta esta sobre a base do hectographo, bem lisa a respectiva superficie, applica-se contra ella o original a ser copiado, e que pôde ser preparado com a tinta commum. Na pasta se imprime o original, passando a constituir a chapa ou negativo, que se reproduzirá dahi por deante, mediante simples pressão uniforme sobre o papel que recebe a impressão.

Obtidos 50, 80 ou 100 exemplares, pôde o jornalzinho circular na localidade e fóra della, para gaudio dos pequenos jornalistas e seus paes.

Como a impressão custa uma insignificancia, o jornal, vendido a tostão, pôde ainda produzir um lucro, que beneficiará a Caixa Escolar ou a Bibliotheca.

Si, por qualquer razão, não se puder adoptar o hectographo, o recurso é o jornal-cartaz, do qual se tirarão poucos exemplares: um para o archivo da escola, outro para se enviar ao Corpo Technico de Assistencia ao Ensino, dois ou tres para as creanças levarem aos paes.

A escolha de materia se fará da mesma fórmula que para os outros jornaes, com o mesmo processo de correccção dos originaes.

A copia ficará a cargo da classe mais adeantada, que pôde fazel-a na hora de lingua patria, escripta e trabalhos, ou fóra das horas de aula, si houver necessidade, desde que com a presença da docente.

O jornal será pregado em cartão, com duas paginas apenas, frente e verso, com 0,m25 de largura e 0,m35 de comprimento, approximadamente, disposta a materia em duas columnas.

Todos os exemplares, ou, pelo menos, os que os alumnos devem levar ás familias, serão recobertos, de ambos os lados, por uma cortina de papel, para evitar que se sujeem ou damnifiquem.

Mais pratico ainda, para divulgar o jornal, seria affixal-o numa taboleta, na porta da escola. Claro que, neste

caso, ambas as paginas se pregariam do mesmo lado do cartão, para facilitar a leitura.

As creanças teriam, então, a incumbencia de apenas transmittir á população a noticia de que o jornal ficou prompto.

Diga-se, de passagem, que mesmo o hectographo ou qualquer outro processo ou instrumento que facilite a impressão não resolvem, infelizmente, todos os problemas do jornal escolar. Porque o mais difficil é a preparação da materia a publicar.

Preparação que, sendo difficil nas classes communs, é penosissima nas classes conjuntas.

Não assumimos, por isto mesmo, a responsabilidade de aconselhar a introduccção do jornal em todas as escolas isoladas. Nesta, mais que em qualquer outra, o factor essencial ao exito de qualquer tentame é a mestra. Dahi, só aconselhamos naquellas escolas cujas mestras, fiadas no valor do trabalho e esperanças nos milagres da vontade, desejarem pôr ao serviço da lingua patria e da formação moral dos educandos o util instrumento que é o jornal escolar.

A BIBLIOTHECA

Tem sido dito que a escola teria realizado sufficiente obra educativa si habituasse os discentes ao uso intelligente do livro.

Estamos em plena época do radio.

Mas talvez não saibamos, nunca mais, da época do papel, que, constituindo o livro ou o jornal, as agencias postaes levam a todos os quadrantes da terra. Nem poderá nunca ser substituido o livro. O radio fornece a noticia ligeira, a informação de interesse actual, as harmonias musicaes, o discurso do politico, a conferencia do professor.

Mas não fornece a materia que faz pensar; a materia que, lida, relida, comparada, se integra no patrimonio mental do leitor.

Sem contar que, por razões biologicas, o ouvido é menos resistente que a vista. O rumor continuo nos carrega os

nervos. A vista se delicia, horas a fio, na leitura. Acresce que, entre os varios typos mentaes, o visual é o mais encontrado. Assim, razões de ordem theorica, como motivos de ordem pratica, impõem á escola o dever de habilitar as creanças a continuarem sua formação post-escolar por meio do livro.

E si nos grandes centros o livro é um dos principaes elementos culturais, no campo é o unico. Só elle pôde e deve realizar o milagre de syntonizar a *urbs* e a campanha, divulgando nesta o que surge naquella.

Mas ha obices extraordinarios á constituição da bibliotheca. Sem falar na roça, consideremos apenas a porcentagem, em Minas, das sédes municipaes, que possuem bibliothecas publicas.

Na fazenda, ou no districto, ha a ignorancia, a falta de espirito associativo, a pobreza. Contar com o auxilio da população é utopia. Appellar para as Prefeituras, que ainda não abriram bibliothecas nas proprias sédes, será perder o tempo.

A professora ha de, então, desdobrar-se em actividade para obter algo. Promover festivas infantis, literarios ou desportivos, cobrando modica taxa de ingresso; fazer as creanças pedirem auxilio, pessoalmente ou por escripto, ás pessoas importantes e cultas da localidade ou do municipio, ás casas editoras, ás repartições publicas, ás redacções dos jornaes e revistas. Organizar, com os alumnos, servindo-se de recortes do "Minas Geraes" e outras publicações, albums de hygiene, de geographia, de historia, de agricultura, de contos, poesias, etc.

Os fabricantes de remedios fornecem muitas vezes material de consumo, folhetos instructivos, almanacks recheados de informações uteis, historias, charadas, etc. E' pedil-os. E' visitar, de quando em quando, a agencia postal, onde centenas de almanacks ficam como indesejaveis, e sollicital-os aos agentes, ou pedil-os aos caixeiros viajantes.

Obtidos os primeiros livros, trate a professora de organizar-os com simplicidade. Sendo poucos, não precisam

ser classificados. Basta numeral-os, apenas. Tomar de um caderno e registal-os pelos nomes das obras e dos autores.

Um outro caderno se destinará a controlar o serviço de emprestimos.

Basta dividir a pagina em quatro columnas: na 1.ª, o nome do tomador; na 2.ª, o nome do livro; na 3.ª, a data da retirada; na 4.ª, a data da entrega.

Aliás, este caderno pôde ser substituido por uma ficha de papelão, cartolina ou papel resistente, com as mesmas indicações. A ficha fica dentro do livro. Quando elle é retirado, ella fica na bibliotheca, substituindo-o.

Deve-se sempre procurar um meio de permittir que as creanças levem o livro para casa. Além de ser um meio de occupar-lhes utilmente as horas vagas, consegue-se muitas vezes, melhorar, por meio dos filhos, a situação mental dos paes.

Si o edificio escolar não dispuzer de uma sala, pequena que seja, para ahi se installar a bibliotheca, reserve-se-lhe ao menos um canto da sala de aula, onde os leitores possam mais á vontade servir-se dos livros.

Este recanto deve ser, por seu só aspecto, um chamado, um attractivo para o leitor. A pequena estante terá sido feita com um caixão lixado, envernizado ou esmaltado. Hoje, é grande moda, e realmente elegante na sua singleza, a estante em fórma de prateleira, seja de um, dois ou tres supportes, no mesmo plano, seja com varios supportes, em planos differentes, á maneira de escada.

A professora reservará, no seu horario, tempo especial para que os alumnos usem os livros, para o que pôde destinar, por exemplo, os horarios de leitura de dois ou tres dias, parcelladamente ou conjuntamente.

Desejavel seria que, fóra do horario escolar, se permitisse a frequencia á bibliotheca.

Dariamos á creança occupação para as horas vagas, e lhe facultariamos um ambiente propicio, hygienico, alegre, socegado, onde a leitura se faria com mais prazer e seria mais lucrativa.

Não nos esqueçamos, porém, de que dada a situação especialíssima de sua escola, a mestra rural não pôde estar acompanhando a par e passo as actividades dos alumnos no campo da leitura.

E, entretanto, precisa controlar esse trabalho. Não se pretende fazer dos alumnos devoradores de livros. O que se quer é que elles apprehendam o valor instrumental do livro, e delle retirem material de satisfação emocional, material para pensar e para agir, material para enriquecimento de conhecimentos.

Para este controle o meio mais recommendavel é a ficha. Cada alumno terá o seu caderninho para fichas.

Em cada uma dellas responderá ás seguintes perguntas:

- 1 — Nome do livro ?
- 2 — Quem o escreveu ?
- 3 — Quantas historias ou capitulos tem ?
- 4 — De qual gostou mais ?
- 5 — Por que ?
- 6 — Quantas pessoas apparecem no livro ?
- 7 — De qual dellas gostou mais ?
- 8 — Por que ?
- 9 — De qual não gostou ?
- 10 — Por que ?

Claro que esta ficha é mera suggestão. As perguntas podem ser modificadas, reduzidas ou accrescidas.

Ella só deve ser exigida, ou melhor, pedida, aos segundannistas do 2.º semestre e aos terceiroannistas.

Os outros teriam enorme difficuldade em responder por escripto. Podem, todavia, fazel-o oralmente.

E' preciso evitar que a ficha se torne pura exigencia da professora. Logo que isto se dê, sua redacção terá o inglorio destino de todas as cousas feitas á força: será descuidada, escripta sem interesse, não conterà impressões reaes, será monosyllabica e inexpressiva.

Para que tal não aconteça, é mister que a mestra conença a creança de que ella está fazendo, com as fichas, um

trabalho economico. Quando quizer se lembrar de cousas que apprendeu, de poesias que decorou, de historias que leu, a ficha lhe dirá onde encontrar isto e talvez lhe recordará tudo quanto desejava.

São estas as suggestões que, tanto quanto o permittiriam a escassez de tempo e a paciencia do auditorio, nos era possivel ofertar á professora rural sobre o jornal e a bibliotheca escolares.

Oxalá, pondo-as por obra, possam as nossas collegas do campo fazer efficientes, dentro de suas miserias possibilidades, estas importantissimas instituições da escola nova. Isto até o dia em que o Governo possa e queira encarar de frente o problema cultural de nosso interior, ou até que surja o Carnegie brasileiro que inverta os sobejos de sua fortuna na obra bibliothecaria, augmentando as possibilidades educativas das escolas. Não sómente. Mas tambem dando aos que saem da escola meios de conservar e accrescer a rudimentar cultura primaria.

Porque, como magistralmente accitouu Marcellino Domingo, primeiro ministro da instrucção da Republica Espanhola, ha uma tragedia maior do que a daquelle que não apprendeu a ler: é a tragedia daquelle que, havendo apprendido, sente a necessidade de alimento espirital, e soffre dia a dia a perda do pequeno patrimonio cultural tão difficilmente adquirido.

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Boa escolha

As albuminas do figado e do rim comparam-se ás do leite e são superiores ás da carne. O figado provoca a formação do sangue novo, e, por isso, é indicado, com proveito, nos casos de anemia.

A organização dos Clubs Agrícolas

Guilomar Maria de MEDEIROS.

O Club Agrícola e seus problemas: a) o terreno; b) as culturas; c) as criações; d) a orientação pedagógica. — O Club Agrícola como cooperador das materias do programma. — O Club Agrícola como factor de socialização da escola.

Quasi todos os grupos de Bello Horizonte têm colhido resultados pedagogicos e materias da pequena agricultura que vêm desenvolvendo e, cada anno, ampliam mais o campo de seus trabalhos, convencidos de que devem aproveitar o gosto das creanças pelas plantações e criações.

Não é, portanto, uma novidade o que vou dizer.

Todavia, é mister que façamos uma agricultura moderna, pois o que nos importa é a qualidade do producto, e não a quantidade.

A concorrência de outros paizes, a desvalorização de nossos productos nos vieram lembrar que precisamos aprender methodos racionais de agricultura, si não quizermos assistir ao refugio de nossa produção em todos os mercados do mundo.

O Brasil não pôde ficar de braços cruzados, deixando que processos rotineiros passem de geração em geração, até suas terras não mais produzirem, até se tornar um immenso deserto, pela destruição criminosa de nossas mattas.

Assim, a idéa de protecção á nossa terra, lançada pela S. A. A. T., foi recebida com applausos.

E nós, professoras mineiras, convocadas a collaborar nesse trabalho grandioso, devemos dedicar-lhe o melhor de nossos esforços, na certeza de que estamos concorrendo para a formação de uma nova mentalidade, que irá enriquecer o Brasil.

O Club Agrícola e seus problemas

- a) sua organização pedagógica;
- b) o terreno;
- c) as culturas;
- d) as criações.

— O Club Agrícola, como cooperador das materias do programma.

— O Club Agrícola, como factor de socialização da escola.

Desde o começo do seculo, os clubs agricolas vêm sendo organizados nos Estados Unidos — paiz vanguardeiro nos modernos processos de agricultura.

Elles surgiram de modo interessante.

Em 1903, uma praga destruiu os algodões do sul do paiz. Para solucionar o problema, adoptaram a rotação de culturas, sendo o milho escolhido como planta consociante.

Surgiu logo o receio de que o terreno não fosse proprio ao desenvolvimento do cereal. Então, resolveram ceder pequenos lotes de terreno ás creanças, para demonstrações agricolas.

Assim, os primeiros clubs agricolas foram organizados no Estado de Missouri. Os resultados magnificos fomentaram a criação de clubs identicos em todos os Estados do sul da America do Norte. Hoje, elles estão espalhados por todo o paiz, recebendo auxilios dos governos, de bancos, sociedades, organizações de agricultores, de paes dos socios dos clubs, etc.

No Mexico, tambem, ha um movimento intenso, em torno dos clubs agricolas.

No Brasil, elles florescem de norte a sul, sob o controle da S. A. A. T. Em Minas, os melhores clubs estão no sul e no municipio de Ponte Nova.

Como representante dos clubs agricolas de Bello Horizonte, tenho a dizer-vos que o nosso trabalho tambem é animador. Já temos oito clubs em organização nos seguintes grupos escolares: Alexandre Drummond, Olegario Ma-

ciel, Cesario Alvim, Mello Vianna, Silviano Brandão, José Bonifacio, Marianno de Abreu e Santos Dumont.

Organização pedagógica

Antes de introduzirmos um club em nossas escolas, cumpre-nos estabelecer as seguintes normas:

a) Este club estará dentro do interesse dos alumnos ?

Todos nós sabemos quanto as creanças gostam de plantações e criações. Logo, a idéa do club agrícola será recebida com alegria.

Quando organizámos o Club Agrícola "Pedro II", eu consultei os interesses das creanças a respeito do assumpto, ficando sabedora de que grande numero dellas se dedicavam, nas horas vagas, ás culturas dos seus quintaes.

b) Suas finalidades são elevadas ?

Aquelles que lerem o Regimento Interno dos Clubs Agrícolas Escolares, da S. A. A. T., me responderão affirmativamente.

c) Essas finalidades poderão ser alcançadas ?

A satisfação com que as creanças se dedicam aos trabalhos do campo e os resultados praticos dos ensaios feitos aqui — nos attestam a possibilidade de alcançar os objectivos dos Clubs Agrícolas.

Em tão pouco tempo de trabalho, meninos se mostram desejosos de estudar agronomia, quando terminarem o curso primário. Isto se deu no grupo "Pedro II" e no grupo "Olegario Maciel", sendo testemunhas a professora Maria Taranto e o dr. Ovidio Alvim.

Não é, pois, difficil "despertar, na consciencia dos socios, o amor á terra". E' sentimento commum a quasi todas as creanças.

No grupo "José Bonifacio", as creanças voltam á tarde, espontaneamente, para tratar de suas plantas, e as do grupo "Olegario Maciel" chegam mais cedo.

A collaboração valiosa dos agronomos da Inspectoria Federal Agricola e da Estação Experimental do Estado nos auxiliam na "apprendizagem de methodos agricolas racionais".

d) Ha um lugar para elle na escola ?

Um club só é fundado numa escola, para collaborar no estudo desta ou daquella materia. Ora, o club agrícola bem orientado poderá motivar o estudo de muitos pontos do programma e solucionar varios problemas.

No grupo "José Bonifacio", o club agrícola tornou-se uma fonte proveitosa de informações. E' nelle que todas as classes, no desenvolvimento de planos de lições, nos quaes entrem problemas agricolas — vão buscar conhecimentos. E as creanças, com a maior solicitude, attendem, procurando resolver, immediatamente, as questões.

Um dia, é uma commissão de alumnos do 2.º anno que vem pedir providencias, pois que as saúvas estão cortando as flores de sua sala. Os garotos do club, compenetrados da responsabilidade que lhes cabe, põem-se em campo e descobrem o formigueiro, no porão do grupo, ameaçando a destruição do predio escolar. Não se satisfazem com a descoberta, nem com a collecta das formigas, pondo vidros na bocca do formigueiro — elles me telephonam e eu me recorro á Inspectoria Agricola Federal e ao Horto Florestal.

Conclusão — Um tecnico irá com o extintor, o formigueiro será morto e as creanças receberão uma incomparavel lição viva, em torno da qual serão associadas todas as materias do programma.

Outro dia, se dirigem á Prefeitura por meio de officio e pessoalmente, solicitando localização de torneiras para a irrigação de suas culturas. E o Prefeito as attende, manda um engenheiro ao grupo e a agua será canalizada.

Surge um grave problema — difficuldade financeira para resolver certas actividades. Elles não se sentem desanimados: fundam um banco, vendem accções e fazem, através dessa realização, o estudo activo da Arithmetica.

Candições para o exito do Club

Para o exito do Club, são necessarias as seguintes condições: orientadora do Club entusiasta, collaboração da directora do grupo escolar, da technica, das professoras de classe e demais funcionarios do estabelecimento.

Motivação

Tem sido natural em todos os grupos daqui. Da organização das cantinas escolares, veiu a necessidade de se obterem legumes para a sôpa. Dahi, surgiram projectos sobre hortas, fazendo-se excursões ao Instituto "João Pinheiro".

A situação vem sendo preparada, de tal fôrma interessante, que as creanças desejam cultivar o terreno do grupo, surgindo, mais tarde, a idéa de um club, para estudo dos problemas da horta e ampliação das culturas.

Noutros grupos, os meninos desejam um club agricola por imitação aos outros: tiveram noticias das realizações de outros, ou receberam visitas dos membros da S. A. A. T.

Fôra da Capital, pela leitura de relatorios infantis, conclui que a motivação vem sendo provocada, isto é, em palestra, a professora consulta á classe si deseja mais um club para a pratica da Agricultura. A idéa é recebida com entusiasmo, e o club é fundado.

Quer desta ou daquella maneira, os clubs vêm desenvolvendo admiravel actividade, porquanto se encontram creanças bem dispostas, orientadoras entusiastas e um perfeito entendimento entre a directora do grupo e demais funcionarios ligados ao club.

Organização propriamente dita

Uma vez motivado o club, cuida-se da organização propriamente dita, a qual deve restringir-se, a principio, dentro da classe que organizou o projecto inicial. Depois, serão convidadas outras classes a participar do club.

Escolha do nome

As creanças pedem suggestões ás professoras, á directora e aos paes. Organizam-se listas de nomes de homens ligados á agricultura brasileira ou benemeritos da patria. Depois de estudados, são submettidos á votação.

Assim foi feito no club agricola "João Pinheiro", do grupo "Alexandre Drummond".

Estatutos

Foram adoptados, pelas creanças, o da S. A. A. T.

Directoria

Tem sido escolhida por votação e com criterio elevado.

No desenvolvimento do projecto, são notados os alumnos mais trabalhadores e que têm qualidades para dirigir.

As proprias creanças fazem a distincção e preferem os mais cumpridores dos deveres.

No grupo "Alexandre Drummond", foi escolhido, para presidente, um dos meninos mais humildes, porque se mostrou digno do cargo, pelo seu amor ao trabalho.

Reuniões

Para a bôa orientação, acho indispensaveis reuniões semanaes, afim de serem estudados os problemas do club, as circulares enviadas pelo Nucleo de Minas, redacção de actas, correspondencia, etc.

Uma hora que se dedicasse a esse trabalho seria de grande proveito para o club. A directora do grupo poderia dispensar da leitura ás quintas-feiras, a professora encarregada de orientar o club, para fazer, com as creanças, as reuniões.

Programma de trabalho

Nosso programma de trabalho para 1935 foi traçado pela S. A. A. T.

Eu vou apenas falar sobre os pontos tratados.

1.º) *Formação da horta* — Está sendo estudado cuidadosamente em todos os clubs. Por enquanto, nos foi possível o estudo (em alguns) do terreno, adubação, desinfecção de sementes, sementeira, germinação e combate aos insectos nocivos.

2.º) *Preparo do pomar* — A exiguidade de terreno priva muitos clubs de um pomar. Todavia, os socios devem fazer a sementeira de arvores fructíferas, afim de obterem mudas para os seus pomares em casa e pratica de enxertia.

No grupo "José Bonifacio", estamos organizando um, pequeno. Já temos oito laranjeiras plantadas, e vamos começar o estudo dos fungos que as perseguem e o meio de extingui-las.

3.º) *Organização do Serviço de Reflorestamento, com viveiros* — Ao lado da sementeira de plantas hortícolas, de arvores fructíferas, deve-se fazer uma sementeira de arvores de lei e ornamentaes.

As mudas, mais tarde, deverão ser distribuidas aos socios.

Que prazer experimentarão as pessoas ao observarem o soberbo jequitibá, o symbolico pau brasil, cujas sementes plantaram, quando creanças!

4.º) *Fazer a cerca viva do terreno, com a plantação de amoreiras* — Em tres clubs estão sendo planejadas, de accordo com as instrucções dos drs. Ovidio Alvim e Lauro Cardoso.

5.º) *Criação do bicho da sêda* — Têm havido ensaios em alguns grupos.

A formação da cerca viva de amoreiras motivará pequenas criações para estudos.

Já combinei com o dr. Lauro Cardoso para enviarme, em agosto, ovos de bicho da sêda, os quaes distribuirei aos grupos.

Futuramente, Bello Horizonte será um centro de criação de bicho da sêda, motivada pelos clubs agricolas.

6.º) *Organizar a semana contra os insectos nocivos* — Está bastante recente a campanha aos insectos nocivos promovida pelo Nucleo de Minas.

O noticiario dos jornaes, os graphics e as realizações aqui presentes falam mais alto que as minhas palavras.

Ella foi além de nossa expectativa, tal o entusiasmo que despertou nos grupos escolares.

Assumiu quatro aspectos educativos: entomologico, economico, pedagogico e artistico.

A parte scientifica foi dirigida pelo entomologista dr. Oscar Monte que, brilhantemente, fez diversas conferencias sobre o assumpto, para professoras e para alumnos.

Ficando conhecedoras das especies nocivas e do meio de combatel-as, as creanças iniciaram o combate.

Diariamente, eram trazidos aos grupos escolares, para a contagem, milhares de insectos, destruindo folhas, troncos e fructos. Assim, as creanças observavam as pragas de cada planta e suas metamorphoses.

Adquirindo conhecimentos entomologicos, livraram as plantas de milhares de inimigos.

O padre Pinto, de Venda Nova, franqueou o seu pomar aos alumnos do grupo, e elles fizeram-lhe uma limpeza "de insectos nocivos".

Em alguns estabelecimentos a campanha ficou restricta do club agricola. Noutros, porém, ella se estendeu a todas as classes, trabalhando em torno da mesma causa, alumnos, professores, serventes, paes e vizinhos.

As materias do programma, especialmente a Lingua Patria, encontraram assumptos para muitas aulas.

Jogos educativos associados á Geographia, Sciencias Naturaes e Arithmetica foram motivados.

Os grupos escolares "Santos Dumont" e "Mariano de Abreu" fizeram excursões fóra do horario escolar, afim de colher as mais bellas borboletas.

Dentre os albums collectivos destacam-se, pelo estudo associado, uns do grupo escolar "Cesario Alvim".

A riquissima exposição de desenhos, modelagem e trabalhos manuaes nos mostra o aspecto artistico da campanha.

Tomaram parte os seguintes grupos escolares:

Santos Dumont, colhendo . . .	83.048	insectos
Silviano Brandão, colhendo . . .	53.856	"
Cesario Alvim, colhendo	17.816	"
Alexandre Drummond, colhendo	10.061	"
Olegario Maciel, colhendo . . .	6.444	"
Mariano de Abreu, colhendo . .	3.099	"
José Bonifacio, colhendo	1.085	"
Mello Vianna, colhendo	541	"
Total	175.950	"

Foi premiado, em qualidade, isto é, colheu as especies mais nocivas á Agricultura, o club do grupo escolar "Silviano Brandão"; em quantidade, o club do grupo "Santos Dumont", e o premio da mais bella collecção de borboletas foi conferido ao club do grupo "Mariano de Abreu".

7.º) *Fazer propaganda no municipio pelo reflorestamento* — Em Venda Nova, grande parte da população se dedica ao córte de arvores para lenha, ficando o local das capoeiras completamente devastado, durante 10 annos — época necessaria para a natureza, por si, formar outra. Não haveria um meio de evitar essa destruição, educando o povo a aproveitar intelligentemente a lenha, sem destruir, por completo, a matta, reflorestando-a todos os annos?

Ainda temos outros pontos a estudar este anno e as professoras poderão accrescentar muitos.

CIRCULARES

Com o concurso dos agronomos, estão sendo organizadas circulares que trarão assumptos agricolas, pensamen-

tos de Alberto Torres e João Pinheiro, noticias dos trabalhos dos clubs e composições de creanças. Essas circulares serão espalhadas por todos os clubs do Brasil. Assim, de norte a sul, ficarão sabendo o que fazemos aqui, e nos mandarão tambem suas noticias.

Ellas serão redigidas em linguagem ao alcance da comprehensão infantil.

Peço ás professoras que as commentem, enviando-nos suggestões e composições de alumnos.

FEIRAS

Muito interessante é a organização de feiras, para a venda dos productos dos clubs agricolas.

Seria inedito se fizessemos uma, pequena, no centro da cidade, dirigida por creanças, ou uma em cada grupo.

EXPOSIÇÕES

Já fizemos esta do insecto nocivo.

E' meu desejo organizar a exposição do milho plantado pelas creanças, distribuindo premios áquellas que apresentarem espigas mais bem constituídas.

Desta maneira, os socios observarão como a terra, bem cuidada, produz melhor.

DISTINCTIVOS

Os nossos clubs ainda não têm distinctivo.

Eu proporia um pequeno arado, que é o symbolo da agricultura moderna.

DIVISA

A nossa divisa deve ser a mesma dos outros paizes: "Melhorar o que já fôr o melhor".

EMBLEMAS

Não cogitamos ainda do emblema. agricolas denominado Clubs 4 HS, cujo emblema é um tre-Nos Estados Unidos, ha uma organização de clubs vo de quatro folhas, com um H em cada folha. E' muito interessante a historia desse emblema.

“Os quatro H representam preparos eguaes da cabeça — parte intellectual; das mãos — parte serviço; da saúde — parte physica, e do coração — parte religiosa”.

1.º H — Educar a cabeça: pensar, planejar e raciocinar.

Como fazel-o — frequentando a escola, fazendo-se socios de um club, lendo revistas, jornaes e livros.

2.º H — Educar as mãos para: serem uteis, serviços e habeis.

Como fazel-o: ajudando em casa, ajudando no club, prestando um serviço útil todos os dias.

3.º H — Educar a saúde para: resistir ás molestias, dar encanto á vida e visar a eficiencia.

Como fazel-o: praticar a respiração profunda, comer alimentos sãos e moderadamente, ter os dentes e o corpo limpos, deitar-se cedo e levantar-se cedo, dormir com as janelas abertas.

4.º H — Educar o coração para ser bondoso, leal e agradável.

Como fazel-o: pela abnegação e serviço para outros, frequentando a igreja.

Trevo de 4 folhas: o trevo de 4 folhas representa os principios da lavoura scientifica, rotação de culturas, formação de sólos e maiores lucros com menor área!

O TERRENO

O problema mais importante do club agricola é, sem duvida, o terreno.

Si no grupo não existe terreno para es experiencias, torna-se difficil a orientação agricola.

O terreno deve ser examinado por um agronomo que lhe aconselhará a especie de adubação, afim de corrigir-lhe as faltas.

AS CULTURAS

No principio de meu trabalho, eu disse que não interessa a quantidade do producto e sim a qualidade. De que nos vale uma produção consideravel, mas inferior?

Não encontraremos mercado para collocal-a, pois que outros paizes têm o mesmo producto em qualidade superior.

Assim, acostumemos as nossas creanças a plantar intelligentemente, apprendendo a agricultura scientifica, por precisarem della e não por ser scientifica.

Para orientar as culturas dos clubs, vejo a necessidade da presença de um agronomo ou estudante de agronomia acompanhando os trabalhos.

O professor primario, sobrecarregado de um programma vastissimo para executar em poucos mezes — não poderá dedicar longo tempo nos estudos agricolas que o club requerer.

O agronomo precisa ser professor.

Os estudantes de agronomia, prestando-nos sua valiosa collaboração apprendem a difficil arte de ser professor primario. E esta arte não se aprende em livros e sim em contacto com as creanças.

AS CRIAÇÕES

As criações deverão ser feitas tambem, debaixo de orientação technica competente.

O unico club que se dedica á criação de coelhos é o de Venda Nova.

Outros têm feito ensaios de sericicultura.

O CLUB AGRICOLA COMO COOPERADOR DAS MATERIAS DO PROGRAMMA

O club agricola leva o menino á leitura de livros e circulares para melhorar suas culturas.

No grupo Mello Vianna, tem sido intensa a leitura de publicações agricolas.

Na aula de Língua Patria, motiva a redacção de cartas, composições para o jornalzinho e para o “Diario do Club”.

No grupo Cesario Alvim, encontrei os meninos formulando problemas de Arithmetica á vista de innumerous insectos colhidos na recente campanha.

Quando venderem os productos da horta, as oppor-
tunidades serão maiores, como aconteceu no grupo Olegario
Maciel e outros.

O estudo do terreno, a adubação, as sementes, a ger-
minação, os insectos nocivos, as doenças das plantas, quan-
tas sugestões offercem para o estudo das sciencias na-
turaes !

O grupo Silviano Brandão fez, até, criação de lagar-
tas, afim de ficar conhecendo as chrysalidas e borboletas de
mesma especie.

O grupo Alexandre Drummond despertou a attenção
do professor Cathoud — organizador do museu da Escola
Normal.

O estudo da alimentação pôde vir do club agricola,
interessando a Hygiene.

Que bellos modelos para Desenho, Modelagem e Tra-
balhos Manuaes nos offercem os legumes, flores e insectos!

O CLUB AGRICOLA COMO FACTOR DE SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA

Excursões — O club do grupo "Pedro II" teve neces-
sidade de uma excursão ao Instituto João Pinheiro, afim de
resolver alguns problemas de horticultura. O grupo "Ce-
sario Alvim" fez uma á fazenda da Gamelleira. O grupo
"Mello Vianna" fará uma para estudos sobre a laranjeira.
O grupo "Alexandre Drummond" virá á Escola de Agrono-
mia para conhecer doenças de plantas.

Dramatização — Os alumnos do grupo "Pedro II" or-
ganizaram uma para o dia da arvore. Inventaram uma his-
toria de tres meninos vadios, cuja conducta foi modificada,
em virtude dos conselhos de um zelador de Club Agricola,
disfarçado em anãozinho, que os levou para os trabalhos do
campo.

Fizeram a parada das vitaminas, deante de sua ma-
gestade a Natureza.

Adaptaram a historia de um pé de espinafre que de-
sejou fortalecer duas creanças debeis. Para isso, pedia á

terra lhe desse todo o ferro necessario e, ao sol, bastante
chlorophylla.

Jornal — As paginas dos jornaezinhos escolares vêm
cheias de commentarios sobre os clubs agricolas.

Seria interessante um de assumpto exclusivamente
agricola para todos os clubs.

Bibliotheca — Foi organizada uma, agricola, no club
"Pedro II", com vinte e tantos volumes. O socio Mario
Clark concorreu expontaneamente com 10 publicações. Essa
bibliotheca motivou a construção de uma estante no valor
de 30\$000, sendo as despezas feitas pelos socios.

Caixa Escolar — E' dos estatutos dar-se uma parte da
renda dos clubs agricolas á Caixa.

Mesmo que só concorra com os legumes para a sopa
escolar, já presta um grande beneficio.

Outros clubs — O club agricola pôde collaborar no es-
tudo dos problemas dos clubs de Sciencias, Leitura, Pelotão
de Saude e Centros Artísticos.

Audictorios — Os clubs agricolas vêm fornecendo
assumptos para audictorios. Vamos assistir a um no gru-
po "Silviano Brandão" e no "Santos Dumont" os quaes farão
um resumo dos estudos que fizeram em torno do insecto
nocivo.

Museus — A collecta dos insectos enriqueceu os mu-
seus dos grupos escolares e, na Escola Normal Modelo, o dr.
Leopoldo Cathoud está aproveitando as collecções feitas pe-
las creanças do grupo escolar "Alexandre Drummond".

Para finalizar as minhas considerações, eu repetirei
que o club agricola torna-se um centro de ensinamnetos pro-
veitosos dentro do grupo escolar.

Foram nelle encontrados os motivos para as maravi-
lhas de arte da exposição aqui presente, é nelle que a Lingua
Patria encontra assumptos para interessantes composições
insertas nos albums, finalmente, é nelle que a Caixa Escolar
encontra alimento gratis e vitaminado com que soccorre a

centenas de creanças debeis, que, não obstante a dedicação dos medicos e enfermeiras escolares — ahi estão cahindo de fraqueza.

Para fazerdes um juizo seguro do que se vem passando em torno dos clubs agricolas, sem perturbar o rythmo dos trabalhos escolares, ide aos grupos e pedi noticias delles, lêde o memorial que cada um está escrevendo, o resumo das aulas praticas dos agronomos e podereis me responder si ha vantagem na criação dos clubs agricolas em Bello Horizonte.

TABELLA DE ANNUNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 pagina	100\$000
» » »	1/2 »	60\$000
» » »	1/4 »	35\$000
» » (lado interno),	1 »	80\$000
» » »	1/2 »	50\$000
» » »	1/4 »	30\$000
Em paginas-supplemento,	1 »	60\$000
» » »	1/2 »	40\$000
» » »	1/4 »	25\$000

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os annuncios no corpo da Revista, em fôrma de artigos, e os annuncios a côres pagarão preços especiaes previamente combinados.

Todo pagamento será feito adeantadamente

A Escola de Aperfeiçoamento e a Educação Rural

Amelia de Castra MONTEIRO

(Directora da Escola de Aperfeiçoamento)

O convite que me foi feito para falar nesta reunião, veiu acompanhado da garantia de que se tratava de palestra simples, de caracter pratico, sobre assumpto real. Venceu-me, então, o prazer de trazer minha contribuição despretençiosa aos trabalhos de propositos tão bellos quão uteis e patrioticos da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Com esse espirito, pois, proponho focalizar aqui situações e problemas revelados na experiencia e na observação e que, possivelmente, interessarão aos que se acercam do movimento actual.

Existe, de facto, uma relação inevitavel entre a Escola de Aperfeiçoamento e a educação rural, porque a maioria de suas alumnas veem de zonas ruraes ou urbanas-equivalentes, que são as pequenas cidades do interior.

Nas aulas, nos trabalhos escriptos, em conversa e nos interrogatorios, ficam patenteadas certas difficuldades que põem embargo ao trabalho da professora, mórmente á funcção de renovar a escola, que é o da orientadora.

Assim temos constatado que as professoras commumente desconhecem a vida rural, não se interessam por ella ou não sabem resolver seus problemas. Razões provaveis encontramos na falta de preparo para esse meio; levam as professoras, das escolas normaes, um cabedal cultural, theorico e de costumes sociaes aparentemente sem transferencia na situação nova ou tornada diferente para ellas, e que tentam

transplantar sem consideração das formas consuetudinárias e dos factores que fazem a vida da sociedade rural tal como é. A respeito, conta uma professora que numa escola de arraial começou logo a ensinar canções, bailados e poesias só compreensíveis na cidade, mas reconheceu o erro e supprimiu-o.

Obstáculos de outra ordem são defrontados nas zonas rurais. Em primeiro lugar, a saúde precária do povo — verminose, impalludismo, defeitos de nutrição provenientes de má alimentação; depois a ignorância dos paes que não comprehendem a escola; as superstições e preconceitos de toda ordem, que difficultam o trabalho das professoras; suas condições economicas; mal remuneradas, são muitas vezes obrigadas a fornecer material escolar, alimento e até remedio aos alumnos, sujeitas ao desconforto das habitações, sem apoio moral; programmas e regulamentos feitos para todos, sem consideração dos problemas rurais como seja o de não coincidirem as ferias com as colheitas, e o consequente abandono das escolas nessa época, ficando os meninos com o anno lectivo muito desfalcado, o que sempre acontece nas zonas cafeieiras; a politica local, talvez o mais grave impedimento, interfere para dominar, desprezando valores, e é perturbadora; predios escolares que são verdadeiros attentados á vida e á tarefa educacional. Resultado: a professora desambientada isola-se no meio hostil, e limita sua missão a ensinar apenas as materias do programma. Esta é mais ou menos a situação commum que nos tem sido apresentada como embaraço á missão de educar o povo, mórmente a de levar a renovação da escola a todos os recantos de Minas.

Por outro lado, chegamos a pensar que a Escola de Aperfeiçoamento estivesse creando o problema do urbanismo, pois as suas diplomadas, em regra geral, não querem voltar para o interior. Verificamos depois que muitas já veem com o intuito de ficar na Capital ou nas melhores cidades. Ora, se ellas veem fugindo do campo, a causa não está só na nossa Escola; essa preocupação desvaneceu-se quando consideramos que outras causas maiores como o militarismo e o indus-

trialismo, provocam o exodo do campo, e o sonho da cidade antes provem do desconforto do campo. Mas o que faz alli a vida desagradavel é evidentemente, a falta de educação do povo. Então, urge educar essa gente e para isso precisamos preparar convenientemente o professor. A escola primaria aparelhada como está, não pode fazer tudo, mas façamos alguma cousa, até que os governos executem a sua parte.

Foi assim que pensamos na necessidade de incluir no nosso programma a cadeira de educação rural. Uma consideração mais ponderada, porém, mostrou-nos ser isto impossivel porque o nosso programma é extenso demais para o curto espaço de dois annos; além disso, nossas diplomadas são em numero relativamente pequeno e sua influencia seria improficua sem o preparo conveniente das professoras por ellas orientadas; estas sim, tem mais acção directa sobre os alumnos e sobre o meio. Isto faz-nos voltar as vistas para as escolas normaes. Ahi deve haver, emquanto não as possuirmos typicamente rurais, o que será ideal, a par da cultura necessaria a todo educador, a cadeira de educação rural que dê, pelo menos uma orientação e conhecimentos que habilitem a professora a educar o homem do campo para viver melhor, creando-lhe, ao mesmo tempo essa consciencia agricola de que nos fala Sud Menucci. "Não é obra que se improvisa, diz este nosso patricio, deve surgir serena e maduramente, primeiro como uma simples conjugação de vontades, equilibradas e atiladas. Depois como uma politica decorrente desse conluio de vontades, segura, sabiamente dirigida, de quem sabe o que quer e onde pretende chegar".

Realizemos então, o que está ao nosso alcance no momento! A Escola de Aperfeiçoamento não tem perdido de vista a questão rural. Vejamos agora o que ella tem feito no sentido de resolver o conflicto das situações oppostas.

O principio de adaptação estabelecida na methodologia geral é sempre lembrado, tanto pelo ponto de vista de adaptar os principios geraes da educação ás condições do meio, como tambem quando procuramos mostrar que, sendo

adaptação para o homem civilizado não somente uma acomodação ao meio mas o domínio do meio para sua própria satisfação, não deve o professor deixar-se abafar pelo ambiente inculto e cair na rotina e no desanimo, mas, como mais educado, habilmente conquistar o meio e modificá-lo inteligentemente para melhor. Verdade é que algumas de boa vontade e bom senso muito tem feito; procurando primeiro conquistar a confiança dos roceiros, tratam-lhes a saúde, tornam-se semi-deusas, delles muito conseguindo. E aqui focalizamos o nosso problema: ensinar o povo a viver, elevar-lhes o standard de vida. Na opinião do professor Kendall, de Nova York, o nosso principal problema educacional é ensinar o povo "como alimentar-se, como vestir-se, como morar". Pela psychologia a professora aprende a necessidade de conhecer a creança, de attender ás influencias que agem sobre ella.

Mostramos como, pelo ensino da Geographia, estabelecendo a relação entre o homem e a terra, deve-se dar ao alumno o conhecimento e a apreciação de sua localidade, melhor aproveitamento de suas possibilidades e gradualmente, em circulos concentricos, chegar a revelar-lhe a existencia de outros povos vivendo de maneira diferente, dest'arte enriquecendo-lhe a intelligencia e alargando-lhe a visão equilibrada pelo amor de sua terra, advindo do entendimento da mesma.

Mas, é sobretudo por meio das Sciencias Naturaes que a professora pode influir grandemente na educação da população rural.

Queremos reviver e renovar o ensino desta materia cujos inestimaveis valores educativos são reconhecidos pelos leades da educação, mas ainda ignorados nas escolas.

A sciencia natural é considerada hoje, não só como materia mas como methodo. Ella dá ao homem uma nova apreciação do ambiente physico que o rodeia, tem accumulando um grande cabedal de conhecimentos que applicados tornam mais productivos e efficientes os varios empreendimentos humanos; haja em vista sua applicação na agricul文化, na hygiene, no lar, e a sciencia nos mostra, sobretudo, o valor do

pensamento scientifico, isto é, que os problemas da vida se resolvem pela observação dos factos para chegar a conclusões exactas, e é tambem, em opposição ao empirismo, uma attitude de inquirir que conduz ao progresso. Assim, o conhecimento das leis da natureza, das concepções scientificas e a interpretação dos phenomenos naturais libertam o homem de terrores infundados, estabelecem sua saúde, economia, bem-estar e mais garantia de vida. Não queremos com isto fazer dos alumnos pequenos scientistas, mas abrir-lhes os olhos para as maravilhas que os cercam, revelar-lhes a significação das cousas communs na vida dos insectos, na planta que cresce, na agua corrente... O menino da roça, destinado a uma vida monotona, num ambiente confinado, sem o estimulo de outros aspectos, é levado á contemplação superficial das cousas ou ao sentimento irreflexivo de bem-estar causado pelo mundo exterior, quando, os effectos da natureza sobre a emoção tem significação mais profunda. Ella é um constante desafio á intelligencia e á curiosidade infantis, um poderoso estimulo intellectual.

A escassez de tempo impede-me de continuar a enumerar valores educativos das sciencias naturaes, classificados em larga escala, desde os utilitarios até os de ordem ethica, esthetica e intellectual. A creança da zona rural mais em contacto com a natureza pode usufruir melhor a sua influencia e as vantagens de seu estudo, mas é preciso que a professora saiba orientar e illuminar-lhe a intelligencia, para que não se materialize, mas aprenda a ler nessa natureza, as boas lições da vida, a amar o bello, a sublimar-se emfim.

E' tambem por meio das instituições escolares que nossas professoras diplomadas poderão influir effizicamente na educação rural. Temos o club de sciencias, destinado a augmentar a cultura scientifica das professores e principalmente a dar-lhes a pratica da organização e do funcionamento dos clubs, de modo que ellas possam depois organizá-los nas suas escolas, de typos variadissimos — aves, plantas silvestres, arvores, flores, animaes domesticos, insectos,

etc. todos ricos em ensinamentos uteis á formação individual e social do educando.

A jardinagem (que póde tomar a fórma de club) incluindo a horta, tanto para a roça como para a cidade, offerece excellente meio de ensinar a materia, pela observação directa das plantas e outras fórmas de vida qua alli apparecem : passaros, insectos, vermes, etc. Além das noções scientificas inherentes á cultura e ao preparo da terra, encerra outros valores : desenvolve a responsabilidade e o habito de trabalho; a creança aprende a conhecer a força productiva da terra e a aproveitá-la mais tarde na vida adulta — é uma semente de operosidade e recurso de subsistencia que ficará guardada na alma do individuo; ensina a economia, pois os meninos poderão vender os productos e iniciar um peculio; contribue para a hygiene, pois aprendem a alimentar-se de vegetaes, usando-os na escola ou levando-os para casa; desenvolve cooperação e generosidade quando dão os vegetaes de seu canteiro para a merenda de todos na escola; favorece o desenvolvimento physico pelo movimento ao ar livre; satisfaz e canaliza tendencias naturaes, espirito de grupo, novidade, etc. A respeito, diz Francisco Parker: "o menino é um trabalhador innato. A actividade é a lei de sua natureza. A impotencia é a consequencia do excessivo auxilio".

Do mesmo modo, encerra valiosas oportunidades educativas — a criação de animaes domesticos, de abelhas, do bicho da seda, etc., quer como actividade pratica do estudo das sciencias, quer organizada em fórma de clubs.

A caixa escolar bem administrada concorre enormemente para melhorar as condições de vida dos alumnos, quanto a saude, vestuario, etc.

A associação de paes e professores, aproximando as familias da escola, torna-a melhor comprehendida, conquistando assim o apoio das mesmas e a continuação de sua obra educativa, ao mesmo tempo que estende sua influencia educadora até a sociedade. Esta associação póde auxiliar a caixa escolar no preparo da merenda e nos meios economi-

cos de adquiril-a, na confecção de vestuario, e ainda concorrer para melhorar as condições sanitarias locais, elevar o nivel moral do meio, etc.

Ha ainda o auditorium e as festas escolares que, trazendo os paes para a escola, educam-nos e patenteiam o resultado de seus trabalhos e a efficacia de seus methodos.

E' isto, approximadamente, e em resumo, o que vamos fazendo em prol da nossa boa gente do interior em quem reconhecemos valores apreciaveis.

E' talvez pouco, mas fazemol-o sem desanimo, na esperança de um futuro promissor.

Sociedade Pestalozzi

Consultorio Médico-Pedagógico

*Para creanças retardadas, nervosas,
com perturbações da linguagem,
surdas-mudas, com defeitos de caracter,
anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 ás 11 horas

Rua Ouro Preto, 629

Bello Horizonte

Gratuito para creanças pobres

Democracia e ruralismo

Dr. Saboia Lima

Contemplando o resultado das semanas ruralistas realizadas em Ponte Nova, Itanhandu' e agora em Bello Horizonte, sentimos que entre a associação que tem por patrocínio o nome do grande sociólogo fluminense e o povo mineiro circula uma intensa corrente de solidariedade moral e verificamos que o nosso espírito não é acolhido como forasteiro pela alma deste grande povo.

A solidariedade que recebemos e sentimos ser repassada de independência e sinceridade — apanágio de Minas Geraes — conforta-nos, realmente, o coração, pois vem reforçar o testemunho de nossa consciência sobre a constância, a lealdade e o zelo com que temos procurado servir aos interesses nacionaes. Em Minas inicieei a minha carreira de magistrado e procuero, com estimulo, ser digno das tradições de integridade de sua magistratura, com o exemplo de altivez, de independência e de inquebrantabilidade da gente mineira.

Minas faz honra em manter vivo através dos tempos o espirito democratico que é o sangue, a alma e o verbo de sua historia. Ainda não teve a sua fé esmorecida na democracia. Está na moda maldizer da democracia e pregar a dictadura como remedio supremo e infalivel para os males de que padece a Republica brasileira. A verdade historica, porém, é que o Brasil não supporta dictadura e nem admite a supressão das liberdades individuaes, que caracterizam os regimens totalitarios, quer seja o communismo, o fascismo e o nazismo.

Não desconhecemos que o capitalismo deve ser, e va ser, totalmente reorganizado, pois que o mundo procura

adaptar-se a novas fórmias sociaes, mas não se póde admitir que a democracia esteja condemnada. Nem fascismo, nem communismo: democracia social. Para que ella se cure dos graves males de que padece basta que se ensine o povo a comprehendel-a e a amar a liberdade. Dizem que ella falliu. Não é exacto. Encontra-se, apenas, num estado de crise temporaria de adaptação ás novas circumstancias espirituaes e economicas que se criaram, mas continua e continuará a ser um ideal magnifico.

Em vez de a combatermos, combatamos, antes, os regimens autocraticos, de qualquer côr, que entre nós pretendem trahil-a ou derrubal-a. E' exacto que as fórmias classicas de governo perdem actualmente os aspectos característicos para se apresentarem sob aspectos novos. Razão tem Guilherme Ferreira quando adverte que a guerra, precipitando e impondo a consideração immediata de varios problemas, que normalmente deveriam ter solução em seculos, sobrearregou o mundo. Dahi a proveniencia das crises, o convulsionamento de todas as idéas, a falta de fórmulas geraes, porque os factores de logar passam a ter accentuada predominancia.

Nota que ferido o equilibrio do mundo pela guerra, conturbou-se tambem o equilibrio das forças sociaes, economicas e politicas. Nós vivemos em lucta entre o idealismo libertario e a efficiencia (autoridade). E a grande difficuldade é conciliar harmoniosamente a liberdade com a efficiencia de governo.

Inutil é dissimular os males da democracia, attingida pela crise de confiança. Para efficiencia das instituições e honra dos que a defendem, o essencial é retemperal-a, adaptando-a ás condições do momento historico e do meio social. Nunca o problema da conciliação entre a autoridade e a liberdade foi posto em termos tão nitidos e severos como na actualidade. O mundo juridico atravessa igualmente uma phase em que as antigas bases do direito soffrem os assaltos da transformação. As theorias juridicas caracterizam-se cada vez mais das regras sociologicas. Ha mais de 20 annos Alberto Torres advertia que a acção governamental

não oscilla mais, nas sociedades contemporaneas, entre os termos oppostos do individualismo e do socialismo, um e outro são falsos, perante os nossos deveres dos dirigentes para com os destinos dos povos, condemnados á anarchia, á revolução, ao despotismo, a um quasi certo retrocesso, si os governos não assumissem a direcção de todos os movimentos da sociedade.

Si tal organização se está impondo aos outros paizes, ella apresenta-se para o Brasil, como questão de vida e morte, no interesse da terra e no interesse da nação. Alberto Torres resumiu todas as crises do Brasil em duas: *Crise da natureza devastada e mal explorada. Crise do trabalho desorganizado*. E assim como a maxima de Juan Baptista Alberdi foi, na Republica Argentina, de 1852, *governar é pouar*, a de Alberto Torres foi no Brasil desorganizado de 1914 e ainda será mais verdadeiro no Brasil desorganizado e tumultuario de 1935:— *governar é coordenar. Coordenar*, affirmava, por acção consciente, os movimentos da sociedade, é o grande encargo da politica; eis porque não será jamais ocioso repetir: um paiz não é realmente uma nação si não tem uma politica, a sua politica; a politica de sua terra, de sua raça ou de suas raças, de sua indole, de seus destinos; esta politica, superior ás politicas doutrinarias e sempre fallases dos partidos, é instinctiva, tradicional, nos velhos paizes.

Por isto formar o *homem nacional* é o primeiro dever do Estado Moderno, dizia Alberto Torres. Si as condições vigentes — condições administrativas, economicas, intellectuaes, — são desfavoraveis ao advento do homem nacional, cumpre á arte politica modificá-os, porque as nações modernas, feitas sobre terrenos heterogeneos, com raças distinctas, são obras de arte politica". Não temos senão motivos para confiar na energia e na capacidade das nossas raças. "Ao factor moral da confiança, advertia o mestre, cumpre juntar, comtudo outros, mais importante, que devem visar a solução dos nossas mais serios problemas: a consolidação do caracter do povo pela educação; a defesa de sua

economia physica pela alimentação e pela hygiene pessoal, domestica e publica; a defesa da economia social pela politica economica". O erro secular da politica brasileira é ter attendido a alguns dos factores da produção, menos o principal que é o homem. Para fazermos a prosperidade do paiz precisamos cogitar desse factor, do qual fundamentalmente depende o progresso nacional. O homem é que cria a riqueza.

A politica nacional tem procurado dotar o paiz de melhoramentos materiaes, mas não em formar e instruir o homem brasileiro. Gastam-se milhares de contos em obras sumptuarias nas capitae e deixa-se abandonado no interior o paiz e no sertão brasileiro, sem instrução, sem amparo, uma raça que é a nossa raça, que é a nossa carne e o nosso sangue, e que, assim, por culpa nossa condemnamos ao aniquillamento.

Levantemos o programma de educação traçado por Alberto Torres. Demos terra a todos os homens validos; instrução primaria a todos que podem ver e ouvir; instrução secundaria e superior a todos os que são capazes, não a dando a nenhum que não o seja; educação social e profissional tambem a todos; e não temamos o futuro. E' em defeza do homem brasileiro e em defeza dos interesses nacionaes que a S. A. A. T. orienta a sua campanha referente á questão immigratoria.

Sobre a immigração japoneza, quero transcrever o que disse em discurso pronunciado em 29-3-934, na Escola de Bellas Artes, do Rio de Janeiro, na qualidade de presidente da S. A. A. T.: "Com Roquette Pinto, reconhecemos em que razões eugenicis e antropologicas não existem que desaconselhem a livre recepção dos japonezes sadios e educados (Ensaio de Antropologia Brasileira, pg. 180).

Com Alberto Torres reconhecemos que o colono da raça amarella é laborioso, sobrio e docil, mas que tambem elimina os concurrentes dos logares onde se estabelece (Vers la Paix, pg. 111, 2.ª edição). Todos argumentos contra os asiaticos nos Estados Unidos é baseado na dessemelhança de civi-

lização e na opposição ao amalgame da parte desses povos (O Problema de Imigração nos Estados por Gabriel de Andrade). Opinamos pela restricção de imigração japoneza como elemento inassimilavel. A sua utilidade para a nossa economia, como optimos agricultores, todos a reconhecem. Objectamos o lado moral: raça de tradições feitas e cimentadas pelos seculos, religião, lingua differente da nossa, costumes diversos, inassimilação absoluta".

Eis ahí o que declarei ha mais de um anno como presidente da S. A. A. T.

Demonstrei a razão porque eramos infensos á imigração japoneza, fazendo porém o maior elogio aos japonezes e sem nenhuma aggressão ao grande paiz do Oriente.

Seria sufficiente para certeza que trabalhamos em pró dos interesses presentes e futuros de nacionalidade e apoio que recebemos do grande brasileiro Sr. Felix Pacheco que é hoje o jornalista que com mais galhardia, nobreza e coragem tem sabido defender os interesses nacionaes através das columnas austeras do Jornal do Commercio, este grande orgão que ha seculo vem sendo um padrão de gloria de nossa cultura, contribuindo para a fundação da nossa cultura, contribuindo para a fundação da nossa nacionalidade pela formação de uma consciencia de intelligencia dirigente.

Para exaltação da S. A. A. T. ouçamos o que declarou o Jornal do Commercio de 4 do corrente, sob a orientação do grande jornalista, o grande patriota que é Felix Pacheco:

"O Brasil não é ainda um paiz totalmente despolicia-do da opinião e onde as intrigas anti-nacionaes possam medrar com essa facilidade em beneficio de alienigenas ouzados. Por mais fortes que estes sejam e por mais recursos de que disponham para querer mandar na casa dos outros como na sua propria, a empreitada em que se metteram não lhes ha de correr propricia como supõem. Somos um povo de braços abertos para todos que desejam cooperar sinceramete com-nosso para o nosso progresso. Mas não perdemos nunca o sentido nacional do nosso destino, a idéa firme do decoro da nossa autonomia como força reguladora soberana das conve-

nencias internas do paiz e da raça. Só nas casas abandonadas pelos donos é que os hospedes se permittem liberdades de arrumação e governo. O Brasil ainda não chegou felizmente a esse triste estado de abdicção, e é o unico juiz do que lhe convem ou do que não convem em materia de imigração. Não ha de ser com a phantasmagoria de missões commerciaes apparatusas de paizes que nos vendem cincoenta mil contos e nos compram apenas doze mil que se hão de alterar os termos do problema. Antes de tudo e acima de tudo, precisamos cuidar da nossa propria organização, adaptando-a ás nossas necessidades immediatas e não relegando de modo nenhum para um segundo plano, como temos feito, o trabalhador nacional, que é o elemento principal com que devemos contar, e por ahí anda largado da sorte nesses sertões, sem assistencia e sem protecção.

São deveres elementares nossos que não implicam em hostilidade systematica a nenhuma corrente e a nenhum outro povo, menos ainda ao grande povo japonez que tem muito onde se espriair no seu Pacifico, e, si quizer vir para estas bandas do Atlantico, venha, mas como immigrants e não como contingentes officiaes do Imperio, despachados para uma obra de penetração calculada cujos objectivos não podem escapar á percepção de nenhum brasileiro digno deste nome.

Nós só entendemos o nacionalismo como seu significado organico constructor, como o genio de Alberto Torres concebeu. Temos por isso mesmo dado todo apoio á Sociedade que os amigos do grande pensador organizaram para difundir as idéas do seu nobre e levantado programma de acção.

Até a essa Sociedade, cujos trabalhos já desabrocham em excellentes fructos em todos os Estados, quiz chegar o espirito da intriga. Mas não colherá o manejo subterraneo dos que se estão tornando cada vez mais indesejaveis pela sua sorridente petulancia".

Não nos afastaremos dos postulados civicos de Alberto Torres. Um dos mais brilhantes criticos da actualidade, o sr.

Augusto Frederico Schmidt, notava recentemente que Alberto Torres não falou para o seu tempo, mas que é hoje actualissimo. O seu discurso principiou a ser ouvido apenas quando se iniciou um movimento nos homens intelligentes de reacção contra o simplismo dos homens politicos. Soube ver o problema brasileiro. Os nossos males organicos encontraram nelle um critico seguro, ponderado e justo. Via bem o Brasil e é impossivel negar as qualidades abundantes que o fazem o mais alto, o mais sincero e o mais agudo de todos os homens que pensaram no Brasil sobre o Brasil.

Preparemos uma nova geração que tenha amor á terra e ao homem. Minas Geraes colhe ainda hoje os fructos da sadia orientação ruralista de João Pinheiro, o mais notavel dos seus homens publicos na Republica.

Aquí deixamos a boa semente que ha de fructificar para a grandeza do Brasil.

Minas Geraes, com a altivez do seu povo, e com o tacto, o acerto, a clarividencia e a rectidão dos seus homens publicos, ha de seguir uma politica larga e firme, incrementando a sua expansão economica, ampliando os raios do seu progresso social, elevando dia a dia o seu nivel de cultural e politica, dando ao Brasil o exemplo de uma admiravel disciplina, em que se manifesta o agudo instincto de ordem de que falava João Pinheiro, e por esse modo coordena, accentua, valoriza os esforços do seu trabalho, os fructos da sua intelligencia, as energias da sua capacidade em acção, contribuindo para a formação do homem nacional e de uma politica verdadeiramente brasileira.

*Saudação ao dr. Saboia Lima, pronunciada pelo torreano
Hamilton de Moraes Barros, no auditorio da Escola
Normal.*

Exmo. Sr. Dr. Saboia Lima.

A Directoria do Nucleo Mineiro da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres quiz que eu traduzisse na linguagem

da palavra falada a satisfação que experimentamos com a vossa visita a esta Provincia.

Para nós, discipulos de Torres, é grande necessidade e maior prazer retemperar a fé, ouvindo os primeiros apostolos, os mais fieis representantes de sua ortodoxia.

Oliveira Vianna, prefaciando o livro de Alcides Gentil, escreveu que os seguidores de Torres eram menos que a metade dos de Christo. E ereis um delles.

Emquanto Ruy viveu com a propria juventude a mocidade de seus themes, a ideia de Torres iria viver na dedicação dos continuadores.

E os discipulos de Torres, multiplicando-se pelo milagre da idéa, já realizam no Brasil a pressão de sua cultura. Torres era, por excellencia, um escriptor para poucos. Exigia meditação e que seus hermeneutas o divulgassem.

E aquelle homem que tanto pensou no Brasil, que soffreu a angustia de todas as incompreensões, começa a ser entendido.

Seu pensamento conquista os amigos da Patria que elle tanto amou. E Minas Geraes, que nunca faltou nas horas graves de nossa Historia, que tem estado em dia com as idéas do seculo, Minas tambem, ouvindo-o, responderá presente.

Dr. Sabio Lima. Minha missão é apresentar ao sociologo e ao jurista as boas vindas de Minas Geraes.

Deveis sentil-as na inquietação deste auditorio ancioso pelas vossas palavras.

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Puro engano

Bebidas realmente hygienicas só a agua, o leite e os succos de fructas. As que a industria nos offerece como taes ou são nocivas ou na realidade nada valem e, por isso, devem ser evitadas.

A obra realizada pela S. A. A. T.

(Conferencia realizada para as forças armadas do Brasil)

Dr. Raphael XAVIER

"Foi em Novembro de 1932, ainda vivas as bruscas transformações politicas consequentes da revolução de 1930 e mal ensurdecidos os rumores da luta fratricida que empolgara, durante mezes, o paiz, com o movimento constitucionalista de S. Paulo, que meia duzia de homens de espirito, resolveu criar a S. A. A. T., vivamente impressionados com a chaotica situação social, politica e economica do Brasil.

O programma ligeiramente traçado nas palestras iniciadas daquelles poucos que leram e entenderam o grande pensador nacional, se corporificava, dentro em breve, nas linhas geraes dos nossos estatutos.

Porque constituir a obra de Torres, tão geralmente desconhecida do paiz, as bases fundamentais de uma campanha de reeducação politica intensiva do Brasil?

Alberto Torres e as suas idéas viveram para um cyclo limitado de intellectuaes que formavam uma pequena elite de pensadores estudiosos dos problemas brasileiros.

Pouca repercussão encontravam os ecos das apostrophes do doutrinador, contra os erros de direcção da politica nacional, porque o paiz envolvido nas promessas dos seus dirigentes ou nas tricas do partidarismo exarcebado, não attentava para a realidade dos factos.

Não existiam, para os homens da Republica como não existiram para os homens do Imperio, os problemas brasileiros. Havia, sim, os problemas economicos e financeiros da Europa, as rapidas transformações por que passaram os Estados Unidos, a literatura, a sciencia, as vagas discussões em torno das escolas literarias ou pequenas discussões entre o modo de empregar o infinito impessoal de qualquer verbo, com interminaveis citações em linguas mortas e vivas, dominavam mais vivamente os homens do Brasil do que as soluções de sua politica e de sua administração.

E a escola politica dos estadistas brasileiros moldada na escola literaria do ultimo modelo europeu, cheia de eruditismo barato, se perdia na esterilidade demagogica de uma sonoridade oratoria, óca e sem ambiente nacional.

Sempre o effeito dos grandes discursos de phrases contorcidas e pueris. Tudo que fugisse do exhibicionismo das phrases e não traduzisse os vagos conhecimentos historicos ou linguisticos dos homens brasileiros do imperio e dos trinta primeiros annos da republica, não encontraria eco na receptividade da classe dos semi letrados que governavam o Brasil.

Ruy foi o ultimo grande symbolo dessa Republica de decalques, e, seus discipulos, ainda hoje, infelizmente, resistem, victoriosamente, ás reacções do espirito nacional que se liberta lentamente do jugo da cultura e da educação que se lhes quiz impôr.

Num ambiente assim, Torres era um grande incompreendido. Possuia idéas proprias, filhas de sua observação directa das coisas brasileiras e do sentido innato que lhe ficara da experiencia e da meditação dos nossos problemas. O elevado civismo que o guiava sempre na analyse, muita vez, tendente dos nossos erros, não soffria daquelle deliquido vezanico dos patriotas de gestos e de palavras que faziam as delicias das tribunas parlamentares nos grandes dias de festa nacional. Era antes o senso medido das coisas, vistas e ponderadas através a historia da formação brasileira, com as suas grandezas e com as suas miserias, e nesse ajustar os phenomenos sociaes ás condições ambientes e nesse lento perquirir de coisas se formou a contectura de sua obra, destoando, em todos os sentidos, das ficções predominantes na construção movедida da nacionalidade.

A grande tortura que, em sua vida afanosa o affligia, segundo o testemunho de Carlos Pontes, o commentador elegante da obra de Saboia Lima sobre Torres — era "duvida de ser mal comprehendido. Elle que possuia a dignidade das idéas, atormentava-se em suppor que ellas pudessem um dia ser aproveitadas viciedamente, em parte, desarticulada do seu todo, deformada na chunhagem de idéas mediocres, de facil commercio, lançadas em curso forçado para uso das pequenas intelligencias — essas pequenas intelligencias que têm sido sempre um activo factor de desorientação".

Não se enganavam os discipulos do grande sociologo brasileiro. Defendida a ideologia torresana e praticados os seus ensinamentos elles repercutim no concenso da nacionalidade porque della provinham.

Era uma obra de sadio nacionalismo que urgia fosse praticada, mesmo lutando contra a maré tumultuaria do momento e com sacrificios de interesses pessoases.

Outras ideologias em voga, dominavam os espiritos. As brilhantes promessas revolucionarias ainda se não esmaeceram na imaginação dos seus precusores e a grande massa popular exigia formulas vagas e gestos de intensa dramaticidade que as empolgasse, no enrodlhamento filiaucioso de dadivas impossiveis.

Era, por certo, um monumento oportuno para vibrações em grande estylo, no mesmo formato e modelo das que tem carregado as multidões em todas as épocas historicas da humanidade.

Mas os idealistas da primeira phalange de torreanos não pensava nos effeitos scenicos, nem na formação de ajuntamentos politicos com fios de conquistas de poder ou posição. A meditada leitura de Torres, o patriotismo e o conhecimento exacto das condições geraes do paiz, lhes indicava a immediata necessidade de uma acção moral e material capaz de agir como força de ponderação nas elites de pensamento e acção segura em que se crystallizassem os objectivos da Politica de Organização Nacional Brasileira.

E no genio politico de Torres, na sua supervisão dos nossos problemas, na objectividade dos seus ensinamentos se firmavam os grandes preceitos directivos de uma acção puramente nacional, sem theoretismos ou demagogias, capazes de assegurar uma obra dura-douira, de realização inconfesavel no meio nacional.

Não se illudiam os torreanos, quanto á gravidade das crises politico-economicas que envolviam todos os sectores da sociedade. Viam claro na confusão e sentiam os efeitos dos erros commetidos e, mais ainda, tinham a previsão, para o proximo futuro, das angustias por que ainda passaria o paiz, sem o norte de uma certa orientação politica, dentro das proprias condicionantes de suas tradições, esquecidas ou desvirtuadas nas pressas de transplantação inadequadas.

E a carencia de organização em todos os sentidos — organização capitulada por Torres como o problema fundamental de nossa existencia de nacionalidade, pedia de homens novos, equidistantes das contendas do momento, uma vigorosa reacção, de forma a estabelecer os pontos essenciaes em que se deveria firmar o programma traçado. Foi ainda no grande acervo mental do mestre que se encontrou a base para os traçados vigorosos da pregação ideologica e para a consecução pratica de suas theorias. O formidavel filão de ouro do seu pensamento é inexgotavel, não deixando um só problema sem ser devidamente estudado e resolvido. As suas formulas politicas, obedecendo á mesma precisão das formulas mathematicas, equacionaes e resolve-os, sem se afastar dos termos organicos e dos principios logicos que, historicamente, firmaram a sociedade politica brasileira.

Era dentro dos nossos quadros, nas virtudes e nos defeitos da raça, nas imposições do meio e na moral brasileira que elle encontrava as soluções seguras para a verdadeira formação da nacionalidade.

E, porque não fugia á realidade, nunca perdera o seu sentido; enquanto os nossos dirigentes, se afastando das meditações dos nossos problemas ou querendo resolvê-los por meio de formulas exoticas, criava essa aberrante caricatura de acção politica, monstruosamente anti-nacionalista e lamentavelmente descaracterizada, tal a variedade de influencia que a mutilaram e desvirtuaram, Torres permaneceu o analysta severo dos nossos proprios motivos, situando as suas causas naturaes nas nossas virtudes, nos nossos defeitos, e no nosso ambiente.

O movimento de 1930 foi a explosão dos sentimentos nacionaes, contidos durante annos pela força impositiva de uma politica de artificialismo, politica que já vinha do imperio e que nunca se adaptara no paiz, 1930 não foi, entretanto, um movimento consciente nacionalista. Não se prepara uma elite directiva, com unidade de acção capaz de guiar os destinos da patria para os seus verdadeiros desígnios. As formulas vagas e imprecisas do verbalismo democratico, doutrinaris e imponderaveis, sem assento no feitto, na educação, na consciencia, na moral, nas variadas condições economicas e sociais do Brasil, continuaram a amenisar o espirito popular e envenenar as chamadas elites dirigentes.

Simplees formulas, porque na pratica o velho espirito reacionario de clan ainda hoje é, apesar das leis e dos puritanos do regime, o meio de governo do Brasil.

E porque fugimos aos ditames de nossa formação historica e aos imperativos do meio e da raça, permanecemos, politicamente, distanciados da nação que mantem potenciados aquellos principios que deveriam ser consubstanciados nos nossos codigos legais.

Obra de ficção, numa vã tentativa de adaptação, são as nossas leis e mais, ainda, a lei basica, que em lugar de uma acção objectiva

deixando transparecer nos seus textos os costumes e as directivas de acção social do paiz, procura noutros moldes, discordantes ou antagonicos, as normas fundamentaes de direcção politica, como se houvesse sociedade humana capaz de viver fora das suas condições proprias.

A prova do erro, gravissimo, ahi está, na exigencia immediata de se mutilar a constituição de 1934, já comprovadamente inadequada á realidade dos factos.

E é Torres quem definindo a politica como "a arte de fazer o accordo das leis com a vida social" — a arte que significa, segundo, as suas proprias expressões "conciliar a realidade com a abstracção, ou aproximar, pelo menos, a verdade das coisas do nivel ideal da lei". O contrario desse sadio ensinamento de arte politica e do bom senso directivo tem sido a acção dos nossos estadistas.

Embevecidos pelos doutrinamentos de emprestimo, sem o mais superficial exame, nos aventuremos em experimentações inconstantes, e perigosas, sem a coragem de manter integras as tradições puramente nacionaes, para o resguardo da propria existencia politica da nação.

Com as expressões que idos ouvir o pensador fluminense assim encerra o magnifico prefacio do "O Problema Nacional Brasileiro": — "O nosso problema vital é o problema da nossa organização; e a primeira coragem de que nos cumpre dar prova, é a da longa mascula e paciente tenacidade, necessaria para emprender e sustentar com vigor e intelligencia, o esforço multiplo e vigoroso da construcção de nossa sociedade. É uma obra de architectura politica, mas de uma architectura destinada a edificar um colossal e singular edificio, que deve viver; mover-se, crescer e progredir — a que incumbe á nossa geração".

"O Estado é, no Brasil, um factor de dissolução. A influencia deleteria dos interesses anti-sociaes, criados e alimentados em torno do poder publico, desde os municipios até a União, sobre a vida brasileira, é um facto cujo alcance não foi ainda atingido pelos observadores de nossas coisas publicas. Este regime deve ser substituido por outro capaz de levar a termo o encargo da geração, presente para com o futuro do Brasil.

E o povo brasileiro — é a minha inteira e viva convicção — é capaz deste esforço".

Assim, convictos, tambem, Helio Gomes, Alcides Gentil, Saoboa Lima, Oliveira Vianna, Alberto Sampaio Teixeira Leite, José Mendonça Pinto, Belisario Pena, Edgard e Mauro Riquette Pinto, Fernandes Tavora, Raul de Farias de Azevedo, e José Bernardino Paranhos da Silva, figuras de primeiro plano no pensamento da actual geração brasileira, homens daquellas envergadura e estirpe, que fizeram a tradição mais brilhante da cultura e do civismo brasileiros, numa visão de illuminados, deram vida ás idéas que, no espirito de cada um, se crystalizara na meditação dos principios objectivos do pensador fluminense.

Criou-se a S. A. A. T. A' apathia apparente do meio; a ignorancia ou hostilidade do ambiente; ao desinteresse; á critica mordaz e destruidora do snobismo mental que se infiltrara no paiz, sobrepoz-se o idealismo dos que tinham fé na resistencia moral da raça.

O momento, contudo, exigia um esforço mais objectivo, uma acção mais dinamica e vigorosa que se espraiasse em todos os sectores da actividade nacional, levando a todos a palavra de fé e a pra-

tica do pensamento central que norteava os precursores do credo nacionalista.

E viveu a S. A. A. T. as horas mais vibrantes de sua existência. Tracaram-se campanhas, movimentaram-se os espíritos de maior cultura e pensamento brasileiros. A's conferencias doutrinarias aliam-se as coordenações objectivas no sentido da reeducação do paiz. Mostramos os erros e praticamos os acertos. Fomos impiedosos continuaremos a ser na critica aos desacertos conscientes ou inconscientes contra a nacionalidade. Destruímos tabu's, porém, dos seus escombros, fizemos emergir, pelo milagre da convicção do sentimento, profundamente nacional, uma obra intangível pela sua immensa repercussão no seio da patria.

Nomes de todos os matizes, politicos, sociólogos, pensadores, accorrem então ao chamamento inicial — Ildefonso Simões Lopes, Teixeira de Freitas, Alcides Bezerra, Juarez Távora, Lauro Borba, Fernandes Távora, Heloisa A. Torres, Vieira de Mello, José Vidal, Humberto de Almeida, Humberto Bruno Belo Lisboa, Alvaro Castilho, José Savaressi, Arsene Puteman, Itagiba Barçante, Saturnino de Brito Filho, Benedicto Silva e quantos outros vieram dar o contingente do seu patritismo e das suas convicções á obra que se iniciava, entusiasmaticamente, em prol de um Brasil maior.

Trêse nomes de intensa projecção nacional que se inscrevem na immensa saudade dos torraenos eu quero lembrar, com emotivo carinho — Miguel Couto, Humberto de Campos e Felix Pacheco — grandes e heroicos companheiros de idealismo que souberam compreender e souberam querer a grande causa da restauração da patria.

Miguel Couto foi o bravo lidador da cruzada nacionalista contra a infiltração nipponica e o propugnador tenacissimos pela educação brasileira. Humberto de Campos, traçou com a maestria do seu talento as oito paginas de crystal que sonorizam a ideologia torreana e de Felix Pacheco já vos falou a mais autorizada voz desta casa. Tudo que se juntasse as expressões de Sabola Lima, se offuscaria ante a formosura e o seu dizer e feriria a vossa sensibilidade, ainda encantada com a elegancia e a justeza dos seus conceitos, em torno do grande morto.

Relatar-vos, meus senhores, o que se fez nesses tres annos de actividade em prol dos problemas brasileiros, seria tarefa ingente e estafante.

A nacionalização dos serviços contra as secas que alcides Bezerra lançou e que a S. A. A. T. fez victoriosa na consciencia nacional, através a carta constitucional vigente.

Os problemas do nordeste estudados e focalizados em dezenas de palestras e centenas de artigos em todos os jornaes brasileiros, dando logar ao congresso realizado em 1933, no Rio.

A Campanha pelo reflorestamento, que teve em Humberto de Almeida, o centralizador de sua orientação sabia e segura, dando cursos magistraes a dezenas de professores de todo o Brasil.

Os cursos de desenhos e ceramica de Magalhães Corrêa, verdadeiras aulas de arte nacional e regional, onde o espirito do grande artista dava aos seus discipulos o sentido de elevada brasilidade, que é todo o motivo de sua nobre arte.

O curso de Ensino Regional para 60 professores dos Estados, que aqui vieram aprender e sentir, para depois diffundir e propagar, como se deve ensinar ás creanças do Brasil as coisas do Brasil.

Os seus resultados praticos se apresentam hoje, pelo ambiente magnifico que formou, favorecendo á criação de 800 Clubs Agricolas, em pleno trabalho no interior do paiz, onde uma nova pedagogia se impõe victoriosamente, porque ella exprime o verdadeiro sentido da educação das populações ruraes.

Muito mais estamos fazendo pela fixação das futuras gerações nos campos, do que toda a acção theorica, até hoje propagada: Fixa-se o homem ao campo ensinando-lhe como aproveitar a terra, como melhorar as suas condições de vida, como aproveitar os recursos ambientes, como se defender das pragas, e como se curar ou preservar das endemias.

Fixa-se o homem ao campo elevando a sua moral, estimulando-se as suas justas pretenções de independencia economica, ensinando e demonstrando o valor do seu esforço e os resultados do seu trabalho. Nada de ensino de empréstimo das zonas urbanas, mas, ensino local, com elementos proprios, desenvolvendo no homem as suas qualidades naturaes entorpecidas pela pedagogia urbanistica.

Completo e amplia o plano dos Clubs agricolas as semanas ruralistas. O que se fez nesse sector nos dá noticias os resultados conquistados nos ambientes julgados mais infensos ao trabalho de propagação no Brasil, onde o officialismo fracassou dadas as condições nullador de suas funções um trabalho de construções que elles se sua sombra as cavações indecorosas e immorales dos que se beneficiam com os cargos publicos.

A S. A. A. T. realizou com o concurso efficiente dos proprios funcionarios do Ministerio da Agricultura, com os seus recursos e com o entusiasmo e valia dos seus technicos, integrados na elevada finalidade de sua funções um trabalho de construções que elles se viam incapazes de realizar por essa coisa abominavel que se chama "processo burocratico".

Nos trabalhos da S. A. A. T. encontram os que desejam ser uteis á sua patria e honrar o seu ganho, o melhor emprego de suas actividades.

Através os clubs e as semanas, distribuimos milhares de kilos de sementes aos agricultores, ensinamos a cultivar a terra, a colher os seus fructos, a melhorar os seus rebanhos, a cria a sua economia em bases mais proveitosas e intelligentes. Plantamos bosques e florimos janellas; melhoramos as habitações rurales, ensinamos os preceitos de hygiene; lições praticas de agricultura, apicultura, sericicultura, foram dadas por entendidos e especialistas, nos proprios campos, de forma e em linguagem accessivel e, hoje, podemos verificar as transformações quasi milagrosas de muitas regiões brasileiras.

Logares onde se não conheciam os legumes, hortalias, hoje se produz com abundancia; regiões paludosas, transformadas em celeiros, pragas agricolas, soffrendo o combate pertinaz dos proprios agricultores, conscientes do seu perigo.

Do norte ao sul do paiz se amplia e se destende a acção pertinaz e fecunda dos nucleos torraenos.

Durante o anno corrente, temos a assignalar maiores conquistas em Pernambuco, no Piauhy, no Ceará, na Bahia, em Alagoas, São Paulo, Minas, Rio Grande, Paraná, Rio de Janeiro e Goyaz, em todos se travando, no momento, uma acção directa de reerguimento do labor

ruralista brasileiro, acompanhando e estimulando os que fazem a grandeza da patria, nas lides ignoradas mas generosas dos campos.

Procurando dar ao nosso esforço sempre um sentido de realidade, não nos deixamos dominar pelos dythirambos dos visionarios que cantam, em dulçorosas elegias, a fartura, a grandeza e a facilidade dos recursos naturaes do Brasil. Também não descemos aos exaggeros contrarios.

No Brasil o trabalho é difficil e a natureza hostil e o homem vigoroso que ahi se fez, na luta infernal contra todos os elementos é um centaurio de resistencia pasmosa que é preciso, entretanto, guiar e dirigir.

No Congresso dos Problemas do Nordeste que realizamos no Rio, em 1933, foram debatidos e estudados os assumptos mais palpitanes e concretos que dizem respeito á extensa zona do territorio nacional flagellado pelas secças.

Os estudiosos e conhecedores dos referidos problemas, coordenaram, nessa notavel reunião de tecnico, os seus esforços no sentido de se estabelecer planos de unidade e linhas objectivas de acção, para as soluções juzgadas convenientes. A acudagem, o reforestamento, a irrigação, os transportes, a defesa do homem e a fixação dos trabalhadores, as forragens, a aproveitamento do immenso e fecundo valle do São Francisco e tantos outros problemas, abordados e discutidos com o senso pratico necessario, foram os themes desse certame, de intelligencia e patriotismo, reflectindo-se largamente na opinião publica de todo o paiz, interessada pela sua solução.

A campanha pelo aproveitamento do trigo goyano mostrou ao Brasil uma outra face desconhecida de suas riquezas inexploradas.

O Rio São Francisco e as possibilidades do seu aproveitamento rural tem constituído uma das preocupações dominantes do nosso trabalho e Agenor de Miranda, o conhecedor mais proficiente e o estudioso cheio de entusiasmo, guia os nossos trabalhos, de forma intelligente e completa. Realizaremos em breve, sob sua orientação, o Congresso Interante dos problemas do grande rio, tão caracteristicamente brasileiro.

O Congresso de Ensino Regional da Bahia, realizado o anno passado, foi uma demonstração pratica de como encaramos as soluções dos problemas brasileiros, postos em equação e carentes de seguras regras objectivas, asseguratorias de sua consecução.

Não discutimos themes theoreticos de evidente inutilidade; fomos directamente aos factos. O Congresso discutiu e resolveu todos os problemas ligados ao ensino regional, applicaveis do Acre ao Rio Grande, firmando as linhas directoras do ensino regional do Brasil e, dos seus resultados materiaes e moraes, surgem, em todos os Estados, as escolas typicas ruraes alli preconizadas.

A Escola Normal Rural de Feira de Santa Anna, pelo esforço dedicado de Agripino Barbosa, tornou-se o padrao para os estabelecimentos desse genero, em breve uma realidade em cada Estado brasileiro, onde dia a dia cresce e se avoluma a phalange de torreeanos, supondo o estudo e as soluções dos nossos problemas, dentro do quadro de nossas realidades.

A Escola Normal Rural de Joazeiro, no Ceará, irradia, no centro mais arido do nordeste, a força creadora e fecunda de um trabalho notavel pelo entusiasmo dos seus dirigentes, á frente vultos do valor moral de Plácido de Castello.

Pernambuco traça e realiza um programma de larga visão ruralista na sua escola modelo de Tigipió, onde a capacidade pedagogica de Annibal Bruno, entre a Maria do Carmo, a realizadora admiravel e entusiasta do ruralismo brasileiro, a diffusão dos ensinamentos promanados do obra de Torres.

Em S. Paulo, onde a voz autorizada desse magnifico pregador que é Sud Meneuci, renovador audacioso de mentalidades, plantou a arvore que, rapida, se espalhou pelo Brasil, o ensino ruralista já é do dominio absoluto de suas elites e os trabalhos praticos indicam, para dentro em pouco, um completo exito.

A S. A. A. T., no grande Estado brasileiro, possui um acervo notavel de realizações e nucleos de actividade fecunda e constante, dominados por um alto sentido de brasilidade.

Em Minas Geraes, alcançam quasi todo o seu vasto territorio, as idéas e as praticas levadas pelas cruzadas torreeanas, que no grande Estado central, encontram uma receptividade emocionante para sua fecunda propagação.

E semeneira se destende, irradiando-se de centro a centro. No Paraná, com a visão clara de Manoel Ribas, a S. Catharina, indo ao extremo Rio Grande do Sul, onde a acção de Othello Rosa, cercado pelos elementos torreeanos gauchos, inicia um trabalho de largas proporções e ganha o sertão de Matto Grosso e vae a Goyaz, que já realiza um dos trabalhos mais interessantes do paiz.

E se alguns centros ainda faltam sentir a força coecivida do nosso entusiasmo, de nossa acção, é que a tarefa é immensa e absorbente e os nossos tramalhos obedecem a um plano rigorosamente traçado, de maneira a evitar fracassos.

Não nos limitamos, exclusivamente, á propagação do ensino e das applicações ruralistas no Brasil. Nenhum dos grandes problemas centrais foi descuidado no visionamento conjunto dos nossos assumptos.

As semanas de educação geral, realizadas em varias cidades; a semana de estatística de São Salvador; os problemas dos municipios; os lactarios; a hygiene social; as questões de trabalho — as finanças publicas; o ensino technico-profissional; as colonias agricolas; os transportes; o cooperativismo, em summa todos os demais aspectos envolvendo o estudo das questões nacionaes, têm sido debatidos e estudados pelos nucleos torreeanos.

Ha, entretanto, outros que exigem referencias especiaes.

O PROBLEMA IMMIGRATORIO

A questão immigratoria, desde o inicio de nossa formação social vem sendo debatida amplamente.

A sua importancia representa, para a nossa vida de nação, quer sob o aspecto politico, quer sob o social ou economico, factor de incontestavel valia, que não podemos relegar a segundo plano, no estudo da organização brasileira.

O descuido ou a falta de uma orientação certa na politica immigratoria brasileira, feita ao sabor de interesses inconcessaveis, criou para o paiz um dos seus mais graves problemas ameaçador de sua inidade politica e de profundo desequilibrio economico.

A preocupação exclusiva da massa, natural dos primeiros momentos de acção immigratoria, constituiu o ponto central da ori-

entação dos governos. Colonizar rapidamente o paiz, era o motivo unico que os orientava.

Contra semelhante absurdo levantaram-se vozes que não foram ouvidas. Vozes de bom senso que previam os perigos de uma formação de nacionalidades dentro da nação. E durante muitos annos, inconscientemente, teimamos em não ver o perigo que representava, para o paiz, a formação dos kistos raciaes.

Longo e fastidioso seria o relato das actividades da S. A. A. T. no discutir e estudar o problema immigratorio. Bastará citar-vos a sua acção na Constituinte, propugnando a limitação das entradas de correntes immigratorias contrarias aos nossos interesses ethnicos e economicos; a victoriosa campanha contra a entrada em massa dos assyrios; que se nos queria impor em nome de uma solidariedade universal de fancia, mas, de verdade, em nome de interesses inglezes beneficiados pela organização internacional de exploradores dos paizes como o nosso, onde ainda não existe uma consciencia formada capaz de se sobrepor ás machinações imperialistas das grandes potencias.

Conhecemos perfeitamente todas as minucias desse grande movimento nacionalista prescindindo, por isso mesmo, de maiores divagações.

Ainda, ligado ao problema immigratorio, foi a lucta contra a invasão nipponica tão crua e imprudentemente permitida no paiz. A longa e pertinaz acção da S. A. A. T., acção que foi desenvolvida no mais alto sentido de patriotismo, de defesa vigilante da raça e da integridade brasileira, campanha que movimentou de forma tão viva a opinião publica, entorpecida pelo veneno destilado, cruelmente, pelos que venderam a sua consciencia e não se pejam de vender a patria, já produziu resultados concretos, muito embora a cruzada da lucta.

Fomos coherentes e firmes e mais coherentes e firmes seremos na defesa do patrimonio moral e economico do Brasil, negociado, as escancarar, pelos grupos de disporados, nacionaes e estrangeiros, que nos exploram, lamentavelmente.

A virulencia, muitas vezes incriminada da linguagem desse indomavel Raul de Paula, era a consubstanciação do nosso desepero contra as blandicias dos advogados de má causa. Era o clamor dos que viam claro as ciladas e que adivinhavam, nos escondidos da diplomacia secreta, o jogo perigoso do predomínio que ameaçando a nacionalidade, punha em cheque a estabilidade economica e politica do paiz, pela intromissão indifereçavel de um governo estrangeiro na sua vida.

E, ainda agora, torna-se mais necessaria a campanha porque continuam as actividades contrarias aos nossos interesses, por parte das correntes nipponicas de immigração, dominando a vasta zona territorial do paiz que se desnacionaliza rapidamente, sendo substituida pelos elementos da raça amarella — lingua, costumes, religião, ensino, educação, emfim a vida oral, economica e social, absolutamente identica a do seu paiz de origem.

E não se quiz e não se quer vêr claro nesse agudo momento de inquietação interna e externa e não se quer sentir para prevenir os calamitosos effeitos dessa torturosa politica de suicidio.

Não nos faltam exemplos internacionaes, em tempo e evitar os males que já se approximam.

No mesmo sentido fizemos e continuamos a fazer a lucta contra todos os kistos raciaes, sejam elles nipponicos, germanicos, polacos ou judeus. Desejamos o braço e a intelligencia do estrangeiro para trabalhar, produzir e prosperar no Brasil, mas, não permitiremos, sem o nosso vivo protesto, que se explore o nacional, em beneficios dos alienigenas ou que haja predomínio de raças, na exploração de nossas riquezas.

A campanha contra os assyrios, contra a infiltração nipponica, contra os judeus, entrando em massa no territorio nacional, invadindo todas as actividades liberaes, agindo perigosamente através sua formidavel organização secreta, no sentido de criar as agitações sociais, propicias ao seu predomínio, contra os kistos raciaes ou contra a entrada dos indesejaveis agitadores das colonias britannicas é seguida da campanha em prol do trabalhador nacional pária dentro de sua patria, indesejovel nomade, verminado e dolorosamente esperado no seio abundante de sua terra, vilipendiado, torturado na triste escravidão economica a que o sujeita a incuria, a ignorancia, a perversidade feroz dos governos brasileiros.

O grito de revolta que agitamos nesta casa ha de reboar como um clamor immenso em todas as consciencias e ha de tornar o Brasil brasileiro, ou, então, confessaremos ao mundo a nossa pusillimidade e incapacidade para se governar e se dirigir.

Nessa obra totalitaria de reconstrução moral e material do Brasil, obra desse pugilo luctador de homens, muito ha de que falar e ainda mais o que fazer. Não nos deixamos dominar pelas conquistas alcançadas, porque ellas não nos pertencem. Pertencem ao Brasil.

Dia a dia, vêm as idéas, surgem os problemas sahidos da propria realidade nacional, consequentes das nossas observações.

Helio Gomes, sentiu o problema de educação rural numa supervisão de conjunto e com José Vidal coordena as grandes linhas do plano da Universidade Nacional do Ensino Technico Profissional Rural, que será coroação do plano educacional que projectamos no sentido de renovar os processos de ensino, no sector rural do paiz.

Dois outros grandes problemas se projectam, no momento, com corollarios naturaes dos nossos trabalhos — os nucleos municipais — ideados por José Vidal, numa inspiração magnifica do seu brilhante espirito de observador, que serão as cellulas iniciadoras de uma rigorosa acção social que se distenderá por todo o paiz num vasto programma de renovação mental, educativa e economica do Brasil, pelo estudo, em cada unidade politica, dos seus problemas e das suas necessidades, afastando os homens de maior projecção das luctas locais, em torno da esterilidade dos dissidios partidarios.

As bibliothecas, tambem municipais, devidas a cultura de Alcides Bezerra, completarão a nossa actividade no interior do Brasil, dando forma as mais generosas iniciativas de um evidente objectivismo nacionalista.

Terminamos as actividades do corrente anno, promovendo a acção intensa em prol do problema da defesa nacional, no seu aspecto mais directo de estudo e coordenação dos elementos mais preciosos para a sua consecução.

Aqui estamos em plena phase activa da campanha que vos disse, ao inaugurar a série de conferencias sobre o assumpto, obedeceria aos dictames de elevado patriotismo sem outras preoccupações além das de prestar a collaboração do nosso civismo e do nosso enthusiasmo á grande causa da integração dos problemas da defesa nacional no consenso publico.

E, para tanto, já muito fez a S. A. A. T. exclusivamente com a força moral do seu idealismo civico, sem interesses de ordem material, pela elevação dos principios que defende em prol da unidade brasileira, e da execução de um plano organico que abraça todas as actividades nacionaes. Defesa nacional em todo os sentidos; no campo economico, no campo social, na moralização dos processos administrativos; na propugnação de medidas de amparo ao homem; na preservação de nossas riquezas; no culto ás tradições da patria, no estudo e vulgarização da sua historia social, das suas artes, das suas letras; infundindo, nos seus centros de actividade, o respeito e o amor ás classes armadas do Brasil, que resumem a a patria, no sacrificio e na bravura dos seus filhos.

Comprehendida, no seu verdadeiro sentido, toda a obra de estruturação que temos realizado no Brasil, chega-se, meus senhores, a conclusão de que temos feito, com objectividade indiscutivel, um largo programma de defesa nacional, quer se a generalize aos problemas fundamentaes do Brasil, que ainda, no sentido estritamente militar.

Porque seria absurdo pensar-se no fortalecimento moral e material de nossas forças armadas, sem firmar as bases estruturares da organização economica, moral e material do paiz.

Todo esse bulicio que por ahi anda, desagregando, desordenando e agitando a nação, é o reflexo dos erros praticados. coragem, de desprendimento e sacrificio, de desambição e renuncia, a nossa gente, a nossa terra, as nossas leis, a nossa economia, a nossa educação e o nosso exercito, no sentido imposto pelas nossas proprias condicionantes sociaes.

Ao contrario fomos, infantilmente copiar extravagantes modelos repellidos pelo consenso da nação, que se formava em antagonismo com a orientação das chamadas elites dirigentes.

Ahi está a obra realizada, ameaçando de diluir ao contacto com os phenomenos politicos-sociaes do momento.

Sejamos, pois, mais reflectidos e conscientes. Detenhamos mais um pouco ante a enormidade dos problemas brasileiros, estudando-os, resolvendo-os, agrupando-os, nos quadros indicados pelas nossas determinantes sociaes, adaptando só o adaptavel, aquillo que não colida com a nossa educação, com os nossos principios sociaes e com os interesses primordiales de nossa economia.

Tenhamos a coragem de repellar as imposições extranhas, que nos escravizando economica e intellectualmente, eliminam as caracteristicas mais profundas da raça e fomentam a desagregação fão almejada pela ronda do imperialismo internacional que vê, nas grandes possibilidades do Brasil, o recurso para as perdas de suas colonias e protectorados do oriente.

Não nos enganemos com a realidade. Já é tempo de deixarmos á margem o sentimentalismo lyrico dos nossos primeiros poli-

ticos-poetas, para encararmos com bravura e coragem a situação de facto que se nos apresenta, cruamente, inludivelmente grave.

Assim comprehendendo, assim agimos. Nesta casa ha um só sentido, uma só directiva, um só anseio, uma só vontade.

— Servir e engrandecer o Brasil. Tel-o sempre na mente e no coração.

Unamo-nos, civis e militares, brasileiros de todos os credos, homens de todas as côres, cidadãos de todas as posições, num amplo esforço de coordenação vigorosa, para a formação de uma patria que seja nosso orgulho e faça os nossos filhos se orgulharem da geração dos seus paes!

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Pequena advertencia

A alimentação do brasileiro é deficiente em calcio: a ingestão diaria de grande quantidade de leite é a melhor fórmula de satisfazer a essa necessidade.

Noção excellente

O uso do succo de laranja, limão ou tangerina corrige a deficiencia em vitamina C de certos regimens alimentares, premunindo o organismo contra doenças dos dentes e das gengivas.

Encerramento da Semana de Educação Rural

No dia 9 de maio encerraram-se os trabalhos da Semana, no Theatro Municipal, com a presença do dr. Aurino de Moraes, representante do dr. Odilon Braga, ministro da Agricultura; do dr. Waldemar Tavares Paes, representante do Secretario da Educação; professor Juscelino Dermeval da Fonseca, representante do Secretario da Agricultura; prof. Oscar Arthur Guimarães, sub-chefe do Corpo Technico; dr. Antonio Silva, representante do dr. Mario Mattos, director da Imprensa Official; sr. Raul de Paula, secretario geral da S. A. A. T.; dr. Renato de Almeida Xavier, presidente em exercicio do Nucleo de Minas; grande numero de professoras, e professores que participaram do Curso, representantes da imprensa e numerosa assistencia.

A Sociedade de Concertos Symphonicos executou o excellente programma abaixo:

- 1 — Boieldieu — O Califa de Bagdad (ouverture, pela orchestra).
- 2 — Canto, pela senhorinha Carmen Rabello: "Addio de Mimi", de Puccini, e "Il Barbiere de Seviglia", de Rossini, sendo este numero extra, a pedido.
- 3 — Canto, pela senhorinha Carmen Rabello: "Bon jour Suzon", acompanhada ao piano pela senhorinha Judith Rabello.
- 4 — A. Ponchielli — Dansa das Horas, ballado da "Gioconda".
- 5 — F. Suppé — Poeta e camponez (ouverture).
- Dirigiu a orchestra o maestro Hostilio Soares.

Nessa sessão foram pronunciados os seguintes discursos:

Discurso do dr. Renato de Almeida Xavier, presidente em exercicio do Nucleo de Minas da S. A. A. T.

"A Semana de Educação Ruralista, recém-finda, promovida pelo Nucleo de Minas, da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, veiu focalizar, na Capital do Estado, um assumpto de interesse actual maximo.

Paiz eminentemente agricola, como o nosso, tem necessidade inadiavel de cuidar da educação agricola dos seus filhos, afim de crescer, forte e poderoso.

Ha poucos dias, falando pelo radio, tivemos occasião de dizer, referindo á agricultura actual, que ella não exige mais do homem a força e sim a intelligencia.

Urge a educação do nosso futuro homem do campo para que elle saiba tambem trabalhar com o cerebro, porque o rendimento do serviço depende da intelligencia e não da força.

A agricultura mineira atravessa uma phase de estagnação. O momento actual não comporta dubiedade. Estamos numa época de realizações, e a nossa agricultura tem que se integrar nesse movimento.

O nosso dignissimo director geral, dr. Raul de Paula, esse pioneiro das realizações, que em cada ponto da sua estadia deixa um marco de ouro assignalando uma victoria, teve occasião de dizer, no dia da inauguração dos nossos trabalhos, que com a geração que ora se educa é que podemos contar.

De facto. A educação da actual geração se reveste de grande responsabilidade.

O nosso atrazo rural é consequencia do rendimento baixo do trabalho, causa esta directamente ligada á ignorancia.

A modificação, para melhor, da mentalidade dos habitantes do nosso meio rural, se impõe como uma condição precipua do nosso progresso.

Reputamos a educação rural o ponto basico, o ponto de partida para a nossa transformação.

A vida no campo não offerece ainda o conforto necessario para attrahir trabalhadores.

Ha queixas de que o salario agricola é baixo, obrigando o operario a uma vida quasi miseravel, de verdadeiro paria, sem conforto, mal alimentado e dizimado pelas molestias.

Não ha, entretanto, razão nisto. Esse salario, infelizmente, está, em verdade, de accordo com o trabalho prestado. E' uma retribuição justa, porque o rendimento manual do serviço é sempre diminuto.

A ignorancia torna o nosso trabalhador um ente sem aspiração, paralyndo o progresso.

A instrução tornal-o-ia sociavel, apto a comprehender as vantagens da cooeração, surgindo dahi a noção dos beneficios resultantes da união.

A hygiene e o combate ás molestias seriam medidas comprehendidas e executadas.

O credito agricola, as cooperativas de compra e venda, as associações de classe, seriam vantagens perfeitamente comprehensíveis e postas em pratica.

Não podemos, entretanto, só nos preocupar com a nova geração.

Somos obrigados a procurar, embora de uma maneira imperfeita, porque a boa educação começa da infancia, a melhorar a mentalidade de nosso actual homem do campo, porque, apesar dos trabalhos rotineiros, da ignorancia e das molestias, é elle quem mantém a nação. E' elle quem, mal aponta o sol, empunha a ferramenta e vae para o campo: é elle quem permanece nessa labuta diaria, sob o sol tropical, causticante, trabalhando, trabalhando sempre.

Custa a crer, como póde o brasileiro, mal retribuido, mal alimentado, corroido pelas molestias, sem assistencia de especie alguma, resistir ao trabalho constante, diario, de 10 horas ou mais.

E resiste, e trabalha, e produz, e sustenta o Brasil. E nos tornará a nação mais rica do mundo si lhe dermos a instrução.

Precisamos entregar ao campo o homem instruido, consciente do seu valor e do seu papel no progresso do paiz.

A nossa situação de inquietude constante reside na falta de organização, e os povos organizados são os instruidos.

A semana ruralista aqui realizada veiu mostrar tambem como é necessario os mais variados conhecimentos para a obtenção racional de productos agricolas.

Plantar e colher, simplesmente, é fazer roça, como bem disse na sua recente palestra pelo radio o dr. Ildefonso Correia.

Necessitamos saber o que vamos plantar para termos certeza do que vamos colher e saber quanto vamos ganhar.

Não formamos especialistas em seis dias de aulas intensissimas, mas fornecemos noções geraes sobre todos os assumptos agro-pecuarios de interesse economico para o Estado.

O successo da semana foi além de qualquer expectativa.

O apoio do governo estadual por intermedio de suas Secretarias de Educação e Agricultura (pelas suas repartições), Departamento de Agricultura e Pecuaria, Escola Normal, Escola de Aperfeiçoamento, Conservatorio de Musica, Instituto S. Raphael, Instituto João Pinheiro; do Ministerio da Agricultura (pela Inspectoria Agricola Federal, Inspectoria de Plantas Texteis, Inspectoria de Sericicultura, Inspectoria de Industria Animal, e de instituições particulares como o Collegio Isabella Hendrix e Escola de Agronomia.

Sendo impossivel, pelo vulto que tomaria, citar nominalmente, todos os que cooperaram conosco nesta obra de patriotismo, a todos elles, indistinctamente, levamos os nossos agradecimentos.

Aos senhores Secretarios da Agricultura e Educação e ao sr. Ministro da Agricultura, os nossos agradecimentos pelo valiosissimo apoio prestado".

Discurso do dr. Waldemar Tavares Paes

"Meus senhores,

Ao encerrar-se hoje este bellissimo movimento pedagogico realizado pela Sociedade dos Amigos de Alberto Tor-

res, queremos nos congratular com os grandes pioneiros da campanha ruralista pelos magníficos resultados colhidos e pelos fructos promissores que dentro em breve veremos sazonados e perfeitos, na realização de um grande idealismo — fazer do Brasil um paiz rico e prospero pela integração real do povo na vida dos campos.

Si essa actividade febril e patriótica que moveu o nosso professorado, sempre tão solícito e dedicado, que fez vibrar o coração das nossas creanças na caça aos insectos nocivos, si essa campanha não tivesse nenhuma consequencia vantajosa, bastava apenas, esta grande diffusão de idéas torreanas e a disseminação das actividades realizadas no Brasil pelos socios e a divulgação intensa feita através das palestras de notáveis oradores, das nossas realidades e dos nossos magnos problemas.

Chegamos ao fim da semana ruralista cheios de confiança e perfeitamente orientados para os grandes trabalhos que em Minas havemos de realizar.

Cabe a Minas e ao seu digno e patriótico professorado, resolver o problema maximo do Brasil, cuja unica solução está na política do campo. Nesta hora historica de reconstrução nacional, Minas saberá, como sempre, honrar as suas tradições gloriosas, realizando um plano de acção ruralista capaz de salvar a situação economica do Brasil.

A' testa da direcção governamental do Estado, encontra-se um homem de alta capacidade administrativa, que sahio da administração do municipio para as altas culminancias do poder, trazendo comsigo as experiencias colhidas através da vida das populações agricolas de sua terra natal.

Na pasta da Agricultura encontra-se um filho do grande João Pinheiro, que por certo saberá realizar aqui aquella politica agricola que constituiu a maior preocupação do grande estadista.

E como o problema rural brasileiro está intimamente preso ao problema pedagogico, encontramos dirigindo a pasta da Educação a figura de um moço que fez dos estudos de economia a sua especialização, o que certamente concorrerá

para que o dr. Olinda de Andrada realize muitas das idéas que foram preconizadas durante a semana ruralista que ora se finda tão solennemente com a presença de altas autoridades, entre as quaes destacamos a do dr. Odilon Braga, ora representado pelo seu illustre auxiliar dr. Aurino de Moraes.

O interesse que os illustres politicos de Minas Geraes demonstram pela realização dos postulados de Alberto Torres, é o indice seguro e certo de que o governo mineiro quer e deseja fazer uma politica que tenha como base firme e segura a cultura da terra, fonte da riqueza e prosperidade das nações e dos povos.

E para a realização desse ideal o unico meio pratico é a diffusão de escolas primarias nas varias regiões de Minas. Tomando-se em consideração as condições geographicas de Minas, veremos que essas escolas ruraes devem obedecer, em regra, a um plano geral, mas com as variantes proprias de cada região.

Assim, teremos escolas ruraes dos seguintes tipos:

Para zonas agricolas, 1.

Para zona pastoril, 2.

Para zona do S. Francisco, 3.

Para zona do Sertão, 4.

Todos esses estabelecimentos nessas quatro zonas deverão ter por finalidade exclusiva preparar homens e elementos que sirvam para o progresso destas zonas. Si a meta do ensino é preparar a creança para a vida, claro está que as actividades escolares nesses meios e nessas zonas, além de obedecer a uma norma geral, devem traçar e delinear planos de ensino tirados do próprio ambiente natural onde está implantada a escola.

Assim, nas zonas agricolas do Estado, ao lado das culturas proprias, que naturalmente constituem as actividades do municipio, e que constituem ás vezes patrimonios tradicionais das familias, os alumnos devem ter suas actividades adextradas nos varios ramos da agricultura geral, taes como avicultura, apicultura, jardinagem, etc.

Em summa, as escolas ruraes deverão preparar bons agricultores. Assim, a escola rural poderá integrar na vida agricola do paiz elementos efficientes que irão actuar decisivamente na vida economica do paiz.

Mas, sobretudo, o que é preciso é realizar um trabalho pratico isento dessa rhetorica tão bem consubstanciada na phrase proverbial: "O Brasil é um paiz essencialmente agricola", quando, na realidade, produzimos mais bachareis do que agricultores.

O dia que realizarmos a escola rural propria e conveniente para cada zona, teremos solucionado o grande problema vital para a nacionalidade. Mas isto só se dará quando a escola rural fôr considerada como deve ser, factor de actividade pratica.

Dentro das proprias zonas do Estado, quer na agricola, como na pastoril, como na do S. Francisco, como na do sertão, as actividades podem variar como de facto variam, dados os multiplos factores que entram na formação do proprio ambiente escolar, não se falando nos factores de ordem geographica: clima e salubridade. Na zona do Sul de Minas, por exemplo, a zona agricola, por excellencia, onde em virtude dos factores da immigração estrangeira e as proximidades de S. Paulo, a agricultura se desenvolve em todos os seus ramos e encontraremos nesses meios ruraes culturas as mais variadas, desde o café até o fumo e o algodão.

Assim, a Escola Agricola de Passa Quatro, o Instituto "D. Bosco", de Itajubá, o Apprendizado Agricola "José Gonçalves", de Ouro Fino, a Escola Domestica de Brazopolis, constituem magnificos elementos para a orientação do ensino agricola naquella vasta e rica zona do Estado, em grande parte cortada por vias ferreas e estradas de automoveis.

Entretanto, na zona do Sul de Minas, ha uma facha de terrenos proprios para a viticultura, comprehendida pelos municipios de Caldas e Andradas, onde a vinicultura constitue uma fonte de riquezas extraordinarias. Claro está que a escola rural alli localizada devia se preocupar mais

com os problemas da viticultura e da vinicultura, não desprezando, todavia, as outras questões ruraes.

A escassez de tempo, e o receio de entrar em assumpto do qual somos neophyts, nos impedem de explanar melhor o assumpto, aliás, tão bem focalizado durante a Semana Ruralista.

Entretanto, já outras zonas vivem abandonadas, entregues á rotina.

Na região maravilhosa do S. Francisco, mixto de riqueza e penuria, valle das maravilhas e valle de lagrimas, uma escola rural se impõe para integrar aquella vasta região na economia mineira.

Uma escola pratica, sem os torneios da rhetorica e da pedagogia livresca, mas um centro de orientação para o plantio e exploração das culturas proprias da zona, onde, ao lado das licções de pecuaria, se mostre como se deve fazer da pesca a fonte principal de sua grande riqueza, ao par do cultivo do ouro branco que surge da terra generosa e fecunda, onde o sol cresta os corpos robustos e ageis do nosso caboclo, que alli vive entregue á inepecia dos conhecimentos rudimentares da vida, na doce illusão de que aquelle valle ha de ser eternamente o scenario estupendo do dominio da natureza contra o homem.

Localizadas as escolas e norteadas pelos principios de uma pratica racional, surgem os problemas taes como o ambiente escolar e seu aparelhamento.

Esses devem ser os mais simples. Nada de predios caros. No Mexico, por exemplo, as escolas foram construidas pelos proprios alumnos, orientados pelos professores.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres já tem planos elaborados para estas escolas.

O problema mais sério é o professor. Este "deve educar a creança pelo trabalho e para o trabalho. Dar-lhe o espirito de iniciativa, plasmar a sua personalidade, e, sobretudo, incutir na alma infantil um grande amor pela vida do campo, tirando-lhe o preconceito fallaz, de que a agricultura é uma profissão vil e baixa.

Ao professor cabe formar a mentalidade da creança dando-lhe a noção exacta de que a grandeza do Brasil está sómente na agricultura.

Quando ás vezes fracassa a obra sagrada da escola rural, a causa está no professor. Sud Menucci bem o define nestas palavras: Invariavelmente, o mestre de escola rural, neophyto, bisonho, inexperiente, eivado do preconceito urbanista, commette quasi sempre inconscientemente o seu maior crime, empurrando o agricultor para fóra do campo . . .

Falta ao mestre primario, como de ordinario a todo o paiz, a consciencia agricola, o senso superior da necessidade vital que ha em manter, por longos annos ainda, o brasileiro dentro das fainas ruraes como o seu unico e verdadeiro meio em que deve trabalhar e produzir.

O nosso professor rural sente-se mal no campo — onde vae, quer que todos saibam. E enquanto espera que o retirem do degredo e do supplicio, promove campanha negativa e pernicioso, que combate o amor pela vida campo-neza.

Dahi, a falta de frequencia, melhorada ainda pelos sportes difficeis e em pouco o desanimo e a inercia. E' o proprio brasileiro ferindo o coração da nacionalidade na sua fonte principal de vida e de riqueza.

Finalmente, surgem os dois grandes problemas: o da saude e o da familia. Sim, meus senhores, o grande problema nacional do Brasil, na phrase de Miguel Couto, é o da educação nacional.

Educar o brasileiro dando-lhe normas de hygiene rural e material.

Educar o caboclo perdido nos desvãos das nossas matas, incentivando-lhe habitos bons e sadios e dando-lhe o conforto material, ensinando-lhe a tirar da terra o alimento sadio e forte que o faz capaz dos grandes trabalhos.

E' esta a grande missão da escola, quando bem comprehendida e orientada.

Sanear e instruir para educar. Longe de nós o orgulho vão e futil que nos faz repetir numa doce illusão os tro-

pos literarios dessa decantada riqueza que chega até a se pavonear de que o Eden Terreal foi no valle verde do Amazonas, que somos o povo mais rico do mundo.

Temos, é verdade, uma riqueza potencial, mas é preciso que ella se concretize pelo nosso trabalho. A nossa grandeza está no campo, mas no campo fertilizado pelo suor do brasileiro, que precisa ser forte e instruido para nos colligar com os povos que para aqui vêm e sabem tirar da terra fertil a sua prosperidade e a sua independencia.

Longe de nós esse optimismo criminoso que nos faz sonhar em doce enlevo e em illusões doiradas, enquanto a sombra da nossa hospitalidade tão decantada outras raças aqui chegam fortes e instruidas, quebrando os vinculos da nossa nacionalidade.

Para isso, senhores, eduquemos o nosso homem do campo, fonte da sua felicidade e bem estar.

Senhores. "Nas vastas solidões do Brasil, nas baixadas dos campos ressecados, occulta entre o verde prateado das laranjeiras, á beira do pequeno cannavial, ha a casa isolada do caboclo, margeada pelo regato d'agua, no silencio dormente e abrazado do sol, que quebram a espaços a pancada surda e o gemido lento do monjolo. Alli vive elle na pobreza tirando o alimento de uma terra que nem sempre é fertil, como os nossos poetas, oradores e economistas apregõam.

Vive alli simples, rude e energico, na sua calma o descendente do mameluco que hoje tem tecto, tem familia e tem Deus, porque o Jesuita civilizou seus avós".

"E' elle o verdadeiro brasileiro, que não se queixa, ignora e não incommoda tanto os bons como os maus governos, mas que quando o levaram ao Paraguay soube alli morrer pela liberdade do povo que seus maiores quizeram outrora escravizar".

E' elle o homem que precisa ser instruido e educado para ser o grande cooperador da grandeza da terra.

Educadores de Minas Geraes, tenhamos sempre ante nossos olhos a imagem do Brasil, mas desse Brasil real que não é esse Brasil de vida ephemera e leviana.

Superficial, anemico, franzino, mas o Brasil intrepido na pelle reteza e bronzeada

*Do caboclo feliz como um pello da serra
O caboclo que com o dealbar da madrugada
.. Faz o signal da cruz e vae cavar a terra",*

na phrase de Olegario Marianno.

Sim, educadores mineiros, como apóstolos da grande cruzada da escola rural rumo aos campos para gloria do Brasil e para glorificação de Minas Geraes, em cujas montanhas repercute nesta hora o brado decisivo da salvação nacional.

"Deus o quer e a Patria ordena".

Discurso da professora d. Rita G. de Luca

Fez-se ouvir, a seguir, a professora d. Rita G. de Luca, do grupo escolar "Castello Branco", de Além Parahyba. Foi este o seu bello discurso:

"Tenho ouvido, com o maior interesse, e profundo respeito, todas as palavras proferidas nesta semana, da qual, saudosamente, hoje nos despedimos.

Foram palavras repassadas de sinceridade, de fé e patriotismo.

E essa trilogia sagrada, esse triangulo miraculoso em que se assentam os desejos e os fins da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, me anima, e não sómente me anima, como, tambem, me impõe o dever de tomar a vossa attenção por alguns momentos, roubados á ventura que vós tendes de ouvir oradores de facto, oradores de vigor intellectual, de palavra facil, emfim, de cabedades de que me resinto, para poder vasar este agradecimento.

Mas si ao agradecimento que ora faço á Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, na pessoa de seu dd. secretario, faltam essas qualidades, communs, ás minhas collegas de

curso, a mim não me faltam, bem como a ellas, ás minhas collegas, a fé no trabalho, e o patriotismo de que o Brasil tanto carece, para o seu reerguimento.

A' conta da sinceridade, portanto, correm estas palavras incolores e frias.

O dr. Raul de Paula é o combatente ardoroso, de palavra fluente e entusiasta.

Mas o dr. Raul de Paula, e, consequentemente, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, não são, apenas palavras bombasticas, tonitroantes, e sim acções, e acções das mais destacadas, das mais relevantes, porque na sua maioria, visam a creança, homem de amanhã, Brasil de amanhã.

O dr. Raul de Paula, nas suas frequentes e agradaveis orações, collocava na plana mais elevada, a educação do povo rural, a melhoria do homem rural — como medida salvadora do Brasil.

Aqui já foi dito, que por força das chamadas convenções sociaes, a mocinha futil da cidade, o rapazinho elegante das avenidas, ambos sem noção da sua sagrada finalidade, na terra, ambos pseudo-philosophos, ou sabios no conceito proprio, com uma tintura de socialismo, uns romances sovieticos, e algumas regras grammaticaes, sentem repugnancia ao pensar na agricultura.

E' que essa mocinha chlorotica, e esse rapazinho syphilitico, ainda não sentiram o toque magico da palavra ardorosa do dr. Raul de Paula, a palavra evangelizadora, de verdadeiro patriota. E' que essa mocinha, e esse rapazinho, se esquecem de que nos paizes civilizados, na America do Norte, e, mais accentuadamente no Japão, paiz que assombra pelo seu progresso vertiginoso, pela capacidade formidavel, e pelo poderio militar, a agricultura é considerada occupação aristocrata.

O engodo das cidades attráe assustadoramente as populações campesinas.

O abandono das roças e o augmento sempre crescente das populações urbanas, é um problema que reclama as vistas governamentaes. A roça tem os seus attractivos, todos supinamente bellos, porque naturaes.

A roça pôde e deve ter a sua preferencia pelos homens de boa vontade, desde que a saibam comprehender, e della tirar todo o conforto e proventos.

Leonel França, no seu magistral livro "Psychologia da Fé", conta que Cesar, nos Alpes, deteve-se na contemplação das porfias que agitavam o pequenino forum de um logarejo, para eleição do seu chefe.

— Será possível — commentou um dos officiaes — que tanto se batam os homens por uma proeminencia tão insignificante ?

— Pois eu, retrucou Cesar, antes quizera ser primeiro numa aldeola, que segundo em Roma.

E' amparando o homem rural, educando-o com amor á sua terra, ainda mesmo com um regionalismo sadio e proveitoso, como o paulista, que o equilibrio economico ha de ser alcançado.

Nesta conjunctura, neste estado de aperturas, de orçamentos deficitarios, de juros insolvaveis, se impõe essa educação rural, apregoada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, uma educação productora, uma educação capaz de realizar — porque (perdõem o sedição logar commum) o Brasil continua sendo um paiz essencialmente agricola.

Hoje, e sempre, devemos erguer as nossas vistas para Deus, juntando os nossos esforços á cruzada magnifica da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, para que os espinhos da situação actual, para que os espinhos dos nossos trabalhos se metamorphoseiem em bellissimas e compensadoras seáras, que reerguerão o Brasil.

Para esse conseguimento, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres tem dado o melhor de seus esforços, tem dado todas as suas forças.

Ao dr. Raul de Paula, o batalhador, a quem eu, em nome das minhas collegas de curso, e na minha palmar pobreza de vocabulos e idéas só posso apresentar os nossos mais profundos agradecimentos.

Tenho dito".

Discurso do dr. Aurino Moraes

Encerrando a sessão, o dr. Aurino Moraes, representante do Ministro da Agricultura, pronunciou o seguinte discurso:

"Minhas senhoras. Meus senhores.

Como representante do exmo. sr. Ministro da Agricultura, aqui me encontro para assistir ao encerramento da Semana Ruralista, promovida pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Cabia, pelo programma divulgado, a presidencia desta sessão ao sr. Israel Pinheiro, illustre secretario da Agricultura do Estado, que, com pesar, para todos nós, não poude comparecer.

Nada me competia dizer, pois nesta solennidade e por isto mesmo não devo falar em nome do ministro Odilon Braga, a quem tenho a honra de representar, e sim, no meu proprio.

Estou convencido de que o trabalho de interesse e propaganda que a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres tem feito em ruralização é opportuno e necessario e tem alcançado os seus objectivos.

No momento em que o paiz não pôde fugir ás difficuldades por que passa todo o mundo, se encontra numa situação que preoccupa constantemente as mais altas autoridades administrativas, verificamos, a cada passo, que a solução dos nossos problemas está na organização, defesa e distribuição da produção nacional.

Como, entretanto, o maior volume desta provém das actividades agro-pecuarias, exercitadas por uma grande massa de esforçados trabalhadores que, infelizmente, produzem pouco e produzem mal, a falta de uma adequada educação rural, servindo-se de processos rotineiros, nenhuma campanha mais opportuna do que a diffundida por todo o Brasil pelos Amigos de Alberto Torres.

Devemos encarar com coragem e não com o pessimismo dos que se limitam a criticar sem construir este quadro de actividades retrogradadas. O observador sensato haverá de

confessar que, apesar do aspecto algumas vezes desolador inevitável em palzes das condições do nosso, temos comtudo evoluído em rythmo muito mais accelerado do que o permitido pelas circumstancias e pelo meio.

No Ministerio da Agricultura, que reflecte todos os problemas ligados á produção nacional, em todos os seus ramos, temos elementos para afirmar que a nossa evolução se opera de maneira positiva; mas, ao mesmo tempo, taes elementos nos demonstram a necessidade da transformação de methodos de trabalho de maneira a valorizar, devidamente, o esforço glorioso do caboclo brasileiro.

A concorrência logica em que se empenham todos os paizes do mundo, nos aconselha a pratica, sem perda de tempo, a commercialização e industrialização da nossa lavoura. Para que isso seja possível, é necessario educar o homem do campo; ensinar-lhe a conhecer os terrenos e as sementes; a colher e a beneficiar, e, sobretudo, a distribuir o producto do seu trabalho.

Problema complexo, a sua solução depende do esforço, da cooperação e dedicação de todos os homens de boa vontade. Fazendo esta patriotica propaganda junto ao culto professorado mineiro, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres se serve de um dos mais efficientes instrumentos de acção e está agindo decisivamente sobre a consciencia da creança brasileira.

Falando, agora, em nome do ministro Odilon Braga, congratulo-me com todos quantos participaram dos trabalhos ora realizados, e, confiante nos resultados que hão de alcançar, declaro encerrada a Semana de Educação Rural, promovida pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres".

Discurso do sr. Raul de Paula

Terminados que se acham os trabalhos da Semana de Educação Rural, em Bello Horizonte, um sentimento de alegria nos domina pela victoria deste esforço idealista.

Desta Semana varias lições pudemos tirar. E' a lição de cooperação em que todos se empenharam, poderes publi-

cos e particulares, trabalhando na mais sadia colaboração em pról do bem estar da collectividade mineira. E' a lição de enthusismo que trouxeram as Sras. professoras nos trabalhos diarios, atravez de uma frequencia confortadora, como tambem nos Grupos e outros estabelecimentos de ensino até onde chegaram os trabalhos da Semana, vendo-se ahi o contentamento pela opportunidade que tinham de tambem trabalharem comnosco, vibrarem pela nossa terra e pela nossa gente. E' a lição de confiança que todos mostraram em nosso povo capaz de um grande esforço em prol da patria comum. E' a lição de sacrificio que deram as professoras mineiras, da Capital e de municipios longinquos aqui reunidas neste certamen. Sacrificio diariamente demonstrado nas exaustivas caminhadas para chegarem aos cursos, na impossibilidade até de fazerem suas refeições, muitas, pela absoluta falta de tempo, no gasto de energias necessarias á vida, empregados nos trabalhos da Semana onde iam buscar material novo de que as professores precisavam para melhor prepararem as gerações (Lição de dignidade por parte de todos no absoluto altruismo em que os trabalhos foram realizados, de alumnos e professores, sem a menor recompensa material.

E' a lição de dedicação por parte dos professores que foram levar suas aulas cheias de ardor e bravura moral ás nossas alumnas mestras.

Está terminada nossa Semana de Educação Rural que correu dentro de um ambiente humano elevado e confortador.

As professoras viram e sentiram a patria em suas dificuldades e souberam que somente ellas mudarão a face desta situação, plasmando as gerações no sentido objectivo de vencer essas dificuldades que nos seculos amontoaram a ineptia de uns, a incapacidade de outros, o impatriotismo de muitos, o servilismo destes e o nepotismo daquelles.

Permittam-me uma advertencia.

De tudo quanto della temos, estudamos e aprendemos, chegamos á conclusão de que o problema rural é o mais grave do Brasil, porque nos campos está abandonada, doente,

sem educação, desprovida de todos os recursos de civilização, a maior massa de nossa população.

O problema rural em seus aspectos hygienico, educativo e economico permanece assim sem solução.

Eternamente elle não ficará assim. Quando um governo, ou uma fórmula politica não tem remedio para o mal que ameaça o organismo da nação, esse mal acaba tragando esse governo, ou devorando essa fórmula politica.

Foi assim na França em 1789. Foi assim na Allemanha em 1848, foi assim na Suissa em 1917. Foi assim na Italia em 1922 e foi tambem assim no Brasil em 1822, em 1889 e em 1930.

Ou o problema rural tem solução no Brasil ou muito breve elle destruirá sua estructura social.

Como poderemos, no seculo da technica, do transporte rapido, da producção farta, boa e barata, continuarmos concorrendo com as colonias africanas e asiaticas aparelhadas pelas suas metropoles dos recursos da sciencia de hoje, estando nós em estado primitivo de organização e assistencia agraria, sem educação e doentes? E tudo isto não é consequencia do abandono do campo e suas populações por parte dos governos? E não é o problema rural sem solução que já está tragando a nação, deixando-a sem cambio, sem pão e sem credito? Pois tudo que exportamos é agrario.

Delenda est Carthago!

Gritava o nucleo romano ante o perigo que ameaçava Roma. E tanto gritou que foi attendido. Precisamos tambem gritar que o perigo está no abandono dos campos sem saude, sem educação, sem transporte, sem credito!

Um côro se devia levantar aos ceus como protesto dos que não têm pão, não têm tecto hygienico, não têm saude, não têm educação. E no Brasil milhões de patricios assim vivem!

O dilemma é este: ou resolveremos o problema rural ou, no futuro, avenidas, palacios e theatros serão documentos infantis de um povo que não soube ou não quiz viver.



Lauro Cardoso



Lauro Cardoso

Geralda LUCCAS

O Nucleo de Minas da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres pranteia com justos motivos o desaparecimento de Lauro Cardoso.

Jovem, possuidor de raros dotes intellectuaes e prendas de coração, punha essas preciosas qualidades a serviço do bem publico, fazendo ouvir a autoridade de sua palavra onde quer que fosse solicitada em defesa dos principios que visam o alto interesse da Patria.

No sector de labuta a que servia, fez sempre sentir a acção fecunda de sua intelligencia, dando nos que com elle trabalhavam o exemplo dignificante de uma vida dynamica, impulsionando as actividades a que servia, para a frente e para o alto.

Tudo isso nos foi dado observar em suas magnificas conferencias realizadas durante a Semana de Educação rural, a convite do Nucleo de Minas da S. A. A. T., onde sua colaboração foi das mais valiosas, porque, prestando informações sobre a Sericicultura, que é assumpto de alta importancia para a economia nacional, elle o fez com maestria, allian-do á demonstração de sua competencia technica, a prova de um entusiasmo vivo que depressa contaminou a quantos o ouviram.

Assim, em toda parte, Lauro Cardoso foi o exemplo vivo de fé no esforço pessoal.

A elle, tão prematuramente roubado ao nosso convívio, a nossa promessa de seguirmos seu exemplo de trabalho, e a expressão da nossa mais sincera homenagem.

Um agradecimento

Hildebrando CLARK

O Nucleo de Minas da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres registra nestas linhas os seus melhores agradecimentos á direcção da *Revista do Ensino* pela valiosa cooperação que para os seus trabalhos representa a presente edição desse victorioso mensario.

Reunidas em volume, as palestras e conferencias da Semana Ruralista de Belo Horizonte continuarão na sua meritória tarefa de ensinamentos praticos, como um estimulo vivo ás qualidades de disciplina, de trabalho e de amor á terra, existentes em potencial na alma generosa do povo mineiro.

Assim, ao Professor João Baptista Santiago, que decativamente concorreu para a edição deste "numero especial", as nossas homenagens de admiração e reconhecimento.

Hildebrando Clark, presidente em exercicio do Nucleo de Minas da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Advertencia urgente

Para tirar vantagem da acção dos raios ultra-violetas, é preciso regular-se convenientemente a exposição do corpo ao sol, de modo que esta seja progressiva na duração e bem assim na extensão da área do corpo a isolar. — IPES.

Índice geral

(4.º trimestre — 1935)

OUTUBRO

	Pags.
DECALOGO DA CULTRA PHYSICA. — Dr. Sebastião M. Barroso	3
A INFLUENCIA DA RELIGIAO NA EDUCACAO DA CRENÇA. — Maria Luiza de Almeida Cunha	5
BIBLIOTHECAS. — Alayde Lisboa	20
INTERPRETACAO DE ASSUMPTOS LIDOS. — Maria Suzel de Padua	47
PELO DESENVOLVIMENTO DAS BIBLIOTHECAS. — Abel Fagundes	51
VOMITOS ESCOLARES. — Salvador Pires Pontes	56
NOTAS SEMANAES. — Oscar Arthur Guimarães	58
O HABITO DE LER. — José Maria Paradas	60
O HABITO DE LER. — José Maria Tarados	60
TRECHOS DE UM RELATORIO. — Marieta de Brito Vianna	62
UM CLUB AGRICOLA — Maria Emiliana Cesarino	69
UMA AULA DE TRABALHOS MANUAES. — Aramalia Martins Perdigão	72
A CIVILIZACAO EXTRANGEIRA E O ENSINO DE LINGUAS. — Maria Junqueira Schmidt	74
INTRODUCCAO AO PROGRAMA DE SCIENCIAS. — Ignacia Ferreira Guimarães	85
LEIS FRAGMENTARIAS. — F.	100
COMMUNICADOS DA A. B. E.	102
O ENSINO NORMAL. — Dr. J. Olinda de Andrada	113
SEMANA DE EDUCACAO RURAL EM BELLO HORIZONTE.	12

ALOCUÇÃO. — Monsenhor Arthur de Oliveira . . .	127
GLORIA VERDE. — Carmen de Mello . . .	134
A ESCOLA RURAL E O MUNICIPIO. — Fausto Alvim . . .	136
A ARTE NAS ESCOLAS RURAES. — Prof. Anibal Mattos . . .	155
AS ESCOLAS RURAES EM BELLO HORIZONTE — Ben-Jamin Ramos Cesar . . .	162
A ESCOLA NORMAL RURAL. — Firmino Costa . . .	177
O TRABALHO MANUAL A SERVIÇO DAS ESCOLAS RURAES. — Marianna Noronha Horta . . .	185
O SANEAMENTO NA ZONA RURAL. — José Zuquim . . .	193
CONTRIBUIÇÃO DO CINEMA NO PROBLEMA RURAL. — Benedicta Mello . . .	206
O PROBLEMA DA LEPROSA NAS ESCOLAS RURAES. — Dr. Orestes Diniz . . .	216
O PAPEL DO CLERO NA RURALIZAÇÃO DO ENSINO. — Maria Aracy Lessa . . .	230
PROTECÇÃO A NATUREZA. — Carmen de Mello . . .	234
A BIBLIOTHECA E A IMPRENSA NA ESCOLA RURAL. — Abel Fagundes . . .	247
A ORGANIZAÇÃO DOS CLUBS AGRICOLAS — Guiomar Maria de Medeiros . . .	258
MAR Maria de Medeiros . . .	255
A ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO E A EDUCAÇÃO Rural. — Amelia de Castro Monteiro . . .	273
DEMOCRACIA E RURALISMO. — Dr. Saboia Lima . . .	280
A OBRA REALIZADA PELA S. A. A. T. — Dr. Raphael Xavier . . .	288
O ENCERRAMENTO DA SEMANA DE EDUCAÇÃO RURAL . . .	300
DISCURSO — Dr. Renato de Almeida Xavier . . .	301
DISCURSO. — Dr. Waldemar Tavares Paes . . .	303
DISCURSO. — Rita J. de Luca . . .	310
DISCURSO. — Dr. Aurino de Moraes . . .	313
DISCURSO. — Dr. Rual de Paula . . .	314
LAURO CARDOSO. — Geralda Luccas . . .	317
UM AGRADECIMENTO. — Hildebrando Clark . . .	318

Livraria Francisco Alves

Relação dos livros didacticos adoptados oficialmente nos estabelecimentos de ensino do Estado de Minas durante o anno lectivo de 1936

(PORTARIA PUBLICADA NO "MINAS GERAES" DE 19 - 12 - 1936)

1.º anno	{ Cartilha Analytica, de Arnaldo Barreto.....	28000
	{ Livro de Zezé, de João Lucio.....	28000
	{ Lições de Lettura, Anna Cintra.....	18300
	{ 1.º Livro, de João Kopke (Historias de creanças e de animaes)..	28500
	{ 2.º Livro, de Thomaz Galhardo.....	18500
2.º "	{ 1.º Livro, de Francisco Vianna.....	28500
	{ Livro de Violeta, de João Lucio.....	48000
	{ As Minhas Férias, de João Lucio.....	38000
	{ Lettura Preparatoria, de Francisco Vianna.....	28500
	{ 2.º Livro, de João Kopke (Historias de Meninos na Rua e na Escola)	38000
	{ Historias da Terra Mineira, de Carlos Goes.....	38500
3.º "	{ Livro de Eira, de João Lucio.....	38000
	{ Lettura Manuscripta, de B. P. R.....	28000
	{ 3.º Livro, de Francisco Vianna.....	38000
	{ O Bom Semeador, de João Lucio.....	38000
	{ 3.º Livro, de João Kopke (Historias que a Mamã Contava).....	38000
	{ Contos Patrios, de Olavo Bilac.....	38500
4.º "	{ Livro de Ideu, de João Lucio.....	48000
	{ Lettura Complementar, de Bilac e Bonfim.....	58300
	{ Patria Brasileira, de Olavo Bilac.....	31500
	{ Através do Brasil, de Olavo Bilac.....	58000

O livros de João Kopke, 1.º, 2.º e 3.º foram inteiramente revistos e melhorados, de conformidade com a nova orientação pedagogica do ensino primario no Estado, pela Exma. Sra. D. Lucia Monteiro Cassanta, professora de methodologia na Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte.

Editores e unicos depositarios no Estado de Minas
PAULO DE AZEVEDO & CIA.
 RUA DA BAHIA, 1062 — BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS

ESCRITORIO DE PROCURATORIOS

DE

Rpigáua Paulo Guilherme e Afonso Ferreira Paulino

brasileiros, casados, residentes na Capital

ANEXO A CASA BANCARIA Dr. Antonio Ferreira Paulino

Extracção de títulos. Remoções. Licenças. Ferias especiaes. Certidões. Aposentadorias. Addicionaes sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matricula na Escola de Aperfeiçoamento. Diarias. Previdencia dos Servidores do Estado, a saber, inscripção na Sociedade; resgate e adeantamento, sem juros, de emprestimos da mesma.

Quaesquer serviços perante as repartições publicas

Rua Rio Grande do Norte, n. 641 -- Tel. 3030

C A P I T A L

ESCRITORIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS

Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições publicas estaduaes, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remettem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

PEÇAM PROSPECTOS 13

Rua Santa Catharina, 478 — Bello Horizonte

Origem: Doação

Preço: _____

PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com todas as revistas profissionais similares .

Deseamos establecer el cambio con todas las revistas profesionales similares.

Desideriamo cambiare questa Rivista con altre publicazione similari italiane.

On désire établir l'échange avec les revues professionnelles françaises similaires.

We wish to establish exchange all similar professional Reviews.

Wir wünschen den Austausch mit allen ähnlichen Berufszeltschriften einsuerichten.